Letras e Artes



Estefânia Cristina da Costa

GARIMPANDO MEMÓRIA

Um estudo sincrônico e diacrônico da terminologia de ourivesaria presente no "Diccionario da Lingua Brasileira" (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto



GARIMPANDO MEMÓRIA

Um estudo sincrônico e diacrônico da terminologia de ourivesaria presente no "Diccionario da Lingua Brasileira" (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto



Reitora

Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor

Hermínio Arias Nalini Jr.



Diretor

Prof. Frederico de Mello Brandão Tavares

Coordenação Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Assessor da Editora

Alvimar Ambrósio

Diretoria

André Luís Carvalho (Coord. de Comunicação Institucional)
Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp (PROEX)
Paulo de Tarso A. Castro (Presidente Interino do Conselho Editorial)
Sérgio Francisco de Aquino (PROPP)
Tânia Rossi Garbin (PROGRAD)

Conselho Editorial

Profa. Dra. Débora Cristina Lopez

Profa. Dra. Elisângela Martins Leal

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardilino

Profa. Dra. Lisandra Brandino de Oliveira

Prof. Dr. Paulo de Tarso Amorim Castro

Estefânia Cristina da Costa

GARIMPANDO MEMÓRIA

Um estudo sincrônico e diacrônico da terminologia de ourivesaria presente no "Diccionario da Lingua Brasileira" (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto

> Ouro Preto 2017



© EDUFOP

Coordenação Editorial Daniel Ribeiro Pires

Capa

Daniel Ribeiro Pires

Diagramação Pollyanna Assis

Revisão

Rosângela Zanetti Thiago Vieira (Estagiário)

Ficha Catalográfica

(Catalogação: sisbin@sisbin.ufop.br)

C837g Costa, Estefânia Cristina da.

Garimpando memória : um estudo sincrônico e diacrônico da terminologia de ourivesaria presente no "Diccionário da Língua Brasileira" (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto / Estefânia Cristina da Costa. Ouro Preto : Editora UFOP, 2017.

198 p.: il., graf.; tab.

1. Terminologia. 2. Lexicografia. 3. Ourivesaria. 4. Língua portuguesa. I. Universidade Federal de Ouro Preto. II. Título.

CDU: 378:930.85

ISBN 978-85-288-0355-6

Todos os direitos reservados à Editora UFOP. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora.

EDITORA UFOP

Campus Morro do Cruzeiro Centro de Comunicação, 2º andar Ouro Preto / MG, 35400-000 www.editora.ufop.br / editora@ufop.br (31) 3559-1463

(O poeta, tal como o ourives)
Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

(Profissão de Fé, Olavo Bilac)

Esta obra foi selecionada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, a partir do Edital nº 002/2014 da Editora UFOP, para editoração eletrônica de trabalhos originados de teses e dissertações.

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Pró-Reitor Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo

Programa de Pós-Graduação em Letras Coordenador Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues Júnior

Orientador Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha

Comissão Editorial

Adail Sebastião Rodrigues Júnior (UFOP) Clézio Roberto Gonçalves (UFOP) Emílio Carlos Roscoe Maciel (UFOP)

Giacomo Patrocinio Figueiredo (UFOP)

SUMÁRIO

11	PROLOGO
13	APRESENTAÇÃO
21	CAPÍTULO 1 ENTORNO HISTÓRICO-SOCIAL EM QUE SE DEU A PUBLICAÇÃO DO <i>DICCIONARIO DA LINGUA BRASILEIRA</i> E DO CORPUS A PARTIR DELE PROPOSTO
21	1.1 Entorno histórico-social do <i>corpus</i>
21	1.1.1 As explorações auríferas em Minas Gerais
23	1.1.1.1 A extração do ouro e a cobrança de impostos
24	1.1.1.2 A Inconfidência Mineira
25	1.1.1.3 Decadência do ciclo do ouro ou rearranjo econômico?
29	1.1.2 Ourivesaria brasileira: do descobrimento ao século XXI
35	1.2 Entorno histórico-social em que se deu a publicação do DLB
35	1.2.1 O Período Regencial (1831 a 1840)
39	1.2.2 A imprensa mineira no Período Regencial e a formação de uma esfera pública de poder
40	1.2.2.1 Atores, formação de espaços públicos, práticas de leitura e suportes
43	1.2.2.2 Arte de imprimir em Minas Gerais: as primeiras tipografias
47	1.2.3 Aspectos linguísticos no Brasil Império
52	1.2.4 O "Dicionário da Língua Brasileira", de Luiz Maria da Silva Pinto
	CAPÍTULO 2
61	O LÉXICO
62	2.1 Estudo do léxico
63	2.1.1 Lexicologia
64	2.1.2 Lexicografia
65	2.1.2.1 Dicionários
67	2.1.2.2 O saber lexicográfico no Brasil
71	2.1.3 Terminologia

77 77 79 82 84	CAPÍTULO 3 GARIMPAR É PRECISO! 3.1 Constituição das fichas terminológicas 3.2 Obras lexicográficas consultadas 3.3 Estudo contemporâneo dos termos de ourivesaria 3.4 As fichas terminológicas
131	
131	4.1 Classificação morfológica dos termos
132 133	4.2 Forma e gênero dos termos de ourivesaria do DLB4.3 Unidades lexicais presentes nas obras de referência consultadas
139	4.4 Marca de uso "termo de ourivesaria"
139	4.4.1 Variação no "Diccionario da Lingua Brasileira"
141	4.4.2 Variação em outros dicionários
144	4.5 Origem dos termos
147	4.6 Variações na grafia dos termos selecionados
148	4.7 Análise do estudo contemporâneo dos termos
148	4.7.1 Sobre as entrevistas
149	4.7.2 Sobre os entrevistados
150	
168	· ·
174	4.7.5 Comparação dos dados dos questionários com as obras de
	referências mais atuais: Aurélio e Houaiss
179	4.8 O "Diccionario da Lingua Brasileira" é uma obra nacionalista?
	CAPÍTULO 5
187	CONSIDERAÇÕES FINAIS
101	0014017517147010

197

191 REFERÊNCIAS

SOBRE A AUTORA

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DLB – Diccionario da Lingua Brasileira

PB – Português do Brasil

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

USP – Universidade Federal de São Paulo

PRÓLOGO

Esta obra foi originalmente uma dissertação de mestrado. Inseriu-se na linha de pesquisa "Linguagem e Memória Cultural" do Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A defesa, ocorrida em maio de 2014, contou com a participação da orientadora, professora Dra. Ana Paula Antunes Rocha, e dos professores Dra. Aparecida Negri Isquerdo, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, e Dr. Fábio César Montanheiro, da UFOP.

Apresentamos o estudo da terminologia de ourivesaria presente no "Diccionario da Lingua Brasileira" (DLB), primeira obra lexicográfica escrita, editada e impressa no Brasil, mais especificadamente em Ouro Preto – MG, em 1832, pela "Typographia de Silva", pertencente ao seu autor Luiz Maria da Silva Pinto.

Aguçou-nos o interesse em saber quais termos de ourivesaria seriam selecionados para compor o primeiro dicionário genuinamente brasileiro. Investigamos, dentre outros aspectos, se esses termos continuam dicionarizados, se mantêm ou não suas acepções, se estão sendo usados ainda que não estejam dicionarizados.

Por ter ficado praticamente desconhecido pelos pesquisadores até meados do século XX, o DLB merece ser estudado. Acrescenta-se a esse quase anonimato o instigante título da obra: "Diccionario da Lingua Brasileira". Em um momento em que a questão da nacionalidade estava em voga, Silva Pinto opta pela titulação "Língua brasileira", diferentemente de "Língua portuguesa", mais comumente usada. Então seria essa uma obra nacionalista? No decorrer das nossas discussões, buscamos responder a essa e a outras questões.

E por que estudar a terminologia de ourivesaria?

Como a língua evidencia-se como herança de épocas anteriores, independentemente do momento histórico em que se foca, faz-se necessário o estudo desses termos como forma de reconhecê-los, resgatá-los e documentá-los, contribuindo para a nossa memória linguística e para a área de estudos lexicográficos e terminológicos da língua portuguesa.

O estudo da terminologia de ourivesaria, a partir de um dicionário geral de língua editado e publicado na cidade de Ouro Preto, na qual houve e ainda há atividade consistente no manejo do minério cuja garimpagem originou a localidade, possibilitou uma análise que levou em consideração a relação dos fatos linguísticos com a história, os espaços sociais, os sujeitos e a memória, permitindo conhecer um pouco mais a memória linguística da nossa língua portuguesa e possibilitando melhor compreensão do seu funcionamento nos dias atuais.

APRESENTAÇÃO

Você já ouviu falar em bangueta¹, anondotia² ou embriófitos³? Para muitos, esses itens lexicais podem lhes parecer estranhos; para outros, eles são velhos conhecidos, constitutivos do seu vocabulário cotidiano.

Chamamos os exemplos acima de "termos⁴", definidos por Krieger e Finatto (2004) como unidades lexicais que designam um conceito de um domínio de especialidade. Os três itens lexicais representam o tecnoleto, a língua de especialidade – os termos podem ser assim também denominados – da arquitetura, da odontologia e da botânica, respectivamente. Segundo Cabré (1993), as línguas de especialidade são os instrumentos básicos de comunicação entre os especialistas.

Nossa língua é apta para nomear novos referentes advindos dos avanços científicos e tecnológicos. Na comunicação especializada, os termos são criados objetivando mais precisão, concisão e adequação nas interações. Eles refletirão a estruturação conceitual de um determinado domínio, servindo de base comunicativa para seus usuários, facilitando a comunicação entre os próprios cientistas, técnicos e profissionais e promovendo a divulgação de suas ideias e conceitos. (CABRÉ, 1993)

Vale ressaltar que, embora muitos especialistas precisem dominar um vocabulário específico de seu campo de competência, essa terminologia não se restringe apenas a eles. Dependendo das necessidades, esses termos farão parte, em maior ou menor medida, da vida de pessoas "comuns", podendo passar a ser inscritos também nos dicionários de língua, não ficando limitados aos dicionários e glossários especializados. Dessa forma, o uso dessas terminologias amplia-se, mesmo que sofra alterações deno-

¹ arquit. Moldura convexa, cujo perfil é determinado por dois arcos de círculo com raios e centros distintos. (FERREIRA, 1999)

 $^{^2}$ odont. Ausência congênita de dentes, parcial ou total, e que pode atingir a dentição provisória ou a definitiva. (FERREIRA, 1999)

³ bot. Em algumas classificações, um dos dois sub-reinos do Reino *Plantae* e que abrange os briófitos e as plantas vasculares. (FERREIRA, 1999)

 $^{^4}$ Nesta pesquisa, não nos atentamos ao sentido estrito de "termo". Aqui, o termo é visto como marca de especialidade.

minativas e perdas conceituais, efeitos esses próprios da divulgação do conhecimento em grande escala. (KRIEGER; FINATTO, 2004)

Atualmente, com a multiplicidade de enfoques em diferentes áreas do conhecimento no universo da ciência e da tecnologia, tem-se realçado muito a importância da língua como parte e veículo do patrimônio cultural das nações e cuja memória é preciso assegurar.

Esta obra apresenta o estudo da terminologia de ourivesaria presente no "Diccionario da Lingua Brasileira" (DLB), primeira obra lexicográfica escrita, editada e impressa no Brasil, mais especificadamente em Ouro Preto – MG, em 1832, pela "Typographia de Silva", pertencente ao seu autor Luiz Maria da Silva Pinto. Procuramos i) investigar as origens dos termos de ourivesaria coletados no DLB; ii) identificar a presença dos termos selecionados em obras lexicográficas de referência dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, e se esses mantiveram seus significados, e, ainda, se constam como "termos de ourivesaria"; iii) comparar os termos de ourivesaria do DLB com os questionários aplicados aos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, verificando se esses termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles; iv) verificar se o DLB é uma obra nacionalista, uma vez que seu título, "Lingua Brasileira", anuncia essa possibilidade.

Para realizar essa investigação, utilizamos a edição fac-similar do DLB disponível na biblioteca digital "Brasiliana Guita e José Mindlin", da Universidade de São Paulo (USP).

Inicialmente, fizemos o levantamento das unidades léxicas que remetem ao mundo da ourivesaria. Como nem sempre o autor insere marcações de uso nesses termos, como o faz em outras terminologias inserindo, por exemplo, as marcações "náutico", "militar", "jurídico", entre outras, optamos pela leitura minuciosa de todos os verbetes do dicionário. Partimos, portanto, de um *corpus* dicionarístico, intitulado da "Lingua Brasileira", do início do século XIX.

Coletamos 161 vocábulos ligados ao universo dos metais, da mineração etc. No entanto, optamos pela análise de 36 termos que receberam

as marcações "T. de ourives" e "entre ourives" ou que fazem menção direta ao universo da ourivesaria, o que também não deixa de ser uma marcação. Esse critério foi adotado para garantir que analisássemos os termos que, segundo a ótica do dicionarista, eram considerados termos da ourivesaria⁵.

Os termos selecionados foram organizados em fichas terminológicas. Cada termo compôs uma ficha, a qual indica se o termo ocorreu ou não no Brasil desde o século XVIII até os dias de hoje; além de mostrar as origens e outras informações importantes para análise linguística. Na seção 3.1, mostraremos detalhes dessa ficha.

Para a análise diacrônica, tomamos como base, além do DLB – século XIX – outras seis obras lexicográficas: "Vocabulario Portuguez e Latino" (1712-1728), de autoria de Raphael Bluteau; "Diccionario da Língua Portugueza" (1813), de autoria de Antonio de Moraes Silva; "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa" (1957), de Laudelino Freire; "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa" (1999), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; "Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa", de Antônio Houaiss (2009), e para a verificação da origem dos termos o "Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa" (1987/2007), de autoria de Antônio Geraldo da Cunha. Veremos outras informações sobre essas obras na seção 3.2. As definições desses autores, de cada termo de ourivesaria selecionado, são transcritas nas fichas terminológicas.

Cabe ressaltar que a presença de certos itens lexicais nos dicionários aqui citados será sempre um indício do uso real.

Para completar a análise, partimos para o estudo do uso contemporâneo dos termos de ourivesaria. Para tanto, aplicamos questionários semântico-lexicais a 10 ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região.

O uso de diferentes dicionários, representantes dos séculos XVIII ao XXI, aliado aos questionários aplicados aos ourives, permitiu a análise

⁵ Certamente, itens lexicais que são próprios da ourivesaria não foram contemplados neste estudo, como *cadinho*, por exemplo. Essa lexia é listada no DLB, porém não recebe marcação terminológica alguma ou faz alguma menção direta ao ofício, fatores esses tomados como critérios para nossa análise.

tanto sincrônica quanto diacrônica da terminologia de ourivesaria. Uma vez que pudemos perceber e ratificar as relações entre língua, cultura e sociedade, podemos dizer que esse estudo também tem um caráter etnolinguístico.

Nossas discussões foram divididas em cinco capítulos:

No Capítulo 1, discorremos brevemente sobre o entorno histórico-social do nosso *corpus*: os termos de ourivesaria. Para tanto, abordamos sucintamente o início da atividade mineradora em Minas Gerais, o auge da exploração e a permanência dessa atividade extrativa nos dias atuais. Além disso, julgamos necessário fazer um breve percurso sobre a ourivesaria. Ainda, nesse capítulo, apresentamos o entorno histórico-social em que se deu a publicação do DLB. Portanto, discorremos sobre o Período Regencial, dando ênfase à imprensa desse período e à instalação das primeiras tipografias mineiras. Destacamos a "Typographia de Silva", na qual o próprio dono, Luiz Maria da Silva Pinto, editou, além de obras de caráter oficial, o "Diccionario da Lingua Brasileira". Em seguida, abordamos alguns aspectos linguísticos característicos do Período Regencial.

No Capítulo 2, intitulado "O Léxico", conceituamos "léxico" e delimitamos as três áreas que o tomam como objeto de estudo: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Discorremos sobre os dicionários e sobre o saber lexicográfico no Brasil, dando ênfase ao nosso objeto de estudo, o DLB.

No Capítulo 3, além de informações sobre as obras lexicográficas consultadas, apresentamos o nosso *corpus* referente à terminologia de ourivesaria, coletado no DLB. Ele foi apresentado na forma de fichas terminológicas que contêm: a) transcrição do verbete selecionado; b) origem e definições dos diferentes dicionários e c) comentários. Essas informações serviram de subsídio para nossa análise linguística.

No Capítulo 4, apresentamos análises quantitativas e discussão de resultados, além de, na medida do possível, acrescentarmos informações sobre as entrevistas e os entrevistados e também imagens para ilustrar os itens lexicais estudados neste trabalho, para melhor compreensão do referente. Também, tecemos algumas considerações sobre o título do DLB.

No Capítulo 5, fizemos algumas "Considerações Finais" sobre nossa pesquisa, quando foram relembrados nossos objetivos e as conclusões decorrentes das análises propostas.

CAPÍTULO 1

Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada Ribeirão trepidante e de cada recosto De montanha o metal rolou na cascalhada Para o fausto Del-Rei, para a gloria do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada: Pedras... Templos que são fantasmas ao sol-posto. Esta agencia postal era a Casa de Entrada... Este escombro foi um solar... Cinza e desgosto!

> O bandeirante decaiu – é funcionário. Ultimo sabedor da crônica estupenda, Chico Diogo escarnece o ultimo visionário.

E avulta apenas, quando a noite de mansinho Vem, na pedra-sabão, lavrada como renda, – Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho! (Ouro Preto, Manuel Bandeira)

ENTORNO HISTÓRICO-SOCIAL EM QUE SE DEU A PUBLICAÇÃO DO *DICCIONARIO DA LINGUA*BRASILEIRA E DO CORPUS A PARTIR DELE PROPOSTO

1.1 Entorno histórico-social do corpus

1.1.1 As explorações auríferas em Minas Gerais

É importante conhecer o cenário em que a garimpagem originou a atual cidade de Ouro Preto, na qual a ourivesaria ainda é bastante praticada. Dessa forma, torna-se necessário fazermos um breve relato, enfocando desde a descoberta das primeiras minas de ouro em Minas Gerais até a reorientação econômica ocorrida na região.

No século XVII, homens saíram de São Paulo e de São Vicente em direção ao interior do Brasil. Essas expedições eram chamadas de entradas ou bandeiras. As entradas eram expedições oficiais organizadas pelo governo, enquanto as bandeiras eram financiadas por particulares – senhores de engenho, donos de minas e comerciantes (MAGTAZ, 2010). De acordo com Eschwege (1979, p. 27), "as primeiras entradas tiveram por objetivo a caça aos índios, e, somente mais tarde, com a descoberta casual das pedras preciosas e do ouro, alcançaram alguma importância".

A partir de 1695, quando foi descoberto ouro no futuro Estado de Minas Gerais, a exploração começou efetivamente. A região foi, nesse período, a maior fonte de riqueza da Coroa Portuguesa. A atividade extrativa, iniciada nos fins do século XVII, foi de grande importância para a expansão territorial e para uma nova organização administrativa da

colônia. Sobre a descoberta das minas, Andrade (2008) explica:

Todas as relações constitutivas desse lugar se aglutinaram em torno do fato ou do feito de descobrimento de metais e de pedras preciosas. Com efeito, foram os descobrimentos de minerais preciosos que instituíram uma suposta identidade de Minas Gerais, criando, nos campos simbólico, político e geográfico, uma condição e uma razão de ser fundadora de nova experiência no regime colonial (AN-DRADE, 2008, p. 16).

Para Andrade (2008), a invenção das Minas Gerais do ouro configurou-se tanto no sentido de uma instituição política e econômica do Estado, quanto no sentido de uma criação habituada às práticas, manipulações e habilidade dos descobridores e de outros exploradores, bem como dos mineradores ou mineiros. O autor esclarece que, se não foram os mineiros que inventaram as Minas de ouro, já que para isso dependiase de um conhecimento bandeirista – conhecimento sertanista e militar, e não apenas de mineração –, foram eles que "assumiram a suposta essência da região descoberta, passando, num dado momento, a presumir para si próprios uma identidade" (ANDRADE, 2008, p. 16).

Magtaz (2010) afirma que, no século XVIII, a mineração passou a dominar o cenário brasileiro, intensificando a vida urbana da colônia, além de ter promovido uma sociedade menos aristocrática em relação ao período anterior, representado pelo ruralismo açucareiro.

Ouro Preto, berço do nosso objeto de estudo – o DLB, possui papel de destaque nesse contexto. Com a exploração do ouro, vários núcleos povoados foram surgindo na antiga Vila Rica. Era grande a heterogeneidade de pessoas que aqui chegavam e se fixavam: portugueses, paulistas, negros, índios e outros imigrantes se misturavam e formavam uma espécie de mosaico cultural.

A cidade tem sua origem e desenvolvimento marcados pela exploração do ouro de aluvião, encontrado no leito dos rios. Formou-se pela aglomeração dos arraiais mineiros nas encostas dos montes Ouro Preto e Itacorumim, no vale do rio Funil (IPHAN, 2000?). As primeiras aglo-

merações resultaram de uma expedição comandada pelo bandeirante Antônio Dias de Oliveira, em 1689.

Vila Rica e os arraiais próximos (Padre Faria, Antônio Dias, Paulistas, Bom Sucesso, Taquaral, São João, Piedade, Caquende e Sant'Ana) experimentaram um crescimento sem precedentes. A cultura e a arte se desenvolveram como nunca e a riqueza das edificações e das festas populares marcou uma época gloriosa para a região.

1.1.1.1 A extração do ouro e a cobrança de impostos

Segundo Magtaz (2010), havia duas formas de extração aurífera: a lavra e a faiscação. As lavras eram empresas que, dispondo de ferramentas especializadas, executavam a extração aurífera em grandes jazidas, utilizando mão de obra de escravos africanos. A lavra foi o tipo de extração mais frequente na fase áurea da mineração, quando ainda existiam recurso e produção abundantes, o que tornou possível grandes empreendimentos e obras na região.

A faiscação era a pequena extração realizada principalmente em regiões ribeirinhas, feita pelo próprio garimpeiro, um homem livre, de poucos recursos que raramente poderia contar com alguns ajudantes. Faiscadores poderiam ainda ser escravos que, encontrando uma quantidade significativa de ouro, conseguiriam sua alforria.

A Coroa buscava o controle de todo ouro que era extraído no Brasil. Para isso, criou as casas de quintar para fazer a cobrança dos impostos, o famoso quinto, isto é, a quinta parte de todo ouro extraído deveria ser entregue à Coroa. O ouro era fundido em barretas, nas quais se punha o cunho real, sinal do quinto do ouro que se pagava ao rei. Porém, de acordo com Magtaz (2010), grande parte do ouro extraído chegava à Europa sem pagar impostos através do contrabando.

A cobrança do quinto sempre foi vista pelos mineradores como um abuso fiscal, o que resultava em frequentes tentativas de sonegação. Magtaz (2010) esclarece que a tentativa de utilizar o ouro sob outra forma



FIGURA 1 – Barras fundidas de ouro quintado FONTE: MAGTAZ, 2010, p. 40

- em pó, em pepitas ou em barras não marcadas – era punida com rigor.
 As penas iam do confisco dos bens do infrator, até seu degredo perpétuo para as colônias portuguesas na África.

A intensa cobrança de impostos criados pela Coroa Portuguesa gerou muitos descontentamentos e culminou em movimentos sediciosos como a Conjuração Mineira, também chamada de Inconfidência Mineira.

1.1.1.2 A Inconfidência Mineira

A Inconfidência Mineira, também conhecida por Conjuração Mineira⁶, foi uma revolta ocorrida em 1789, na então Capitania de Minas Gerais, contra o domínio português.

Na segunda metade do século XVIII, lembra-nos Magtaz (2010), a Coroa Portuguesa intensificou o seu controle fiscal sobre o Brasil, proibindo, em 1785, as atividades fabris e artesanais na Colônia e impon-

⁶ Segundo Focas (2006, p. 106), *Conjuração* representava um crime político, não significando apenas uma conspiração, mas um ato criminoso de traição, de lesa-majestade. Já a palavra Inconfidência "caracterizou o discurso evasivo que se escudou na imagem do militar indisciplinado e insano, atribuída a Tiradentes e destituída da mesma conotação política e ideológica implícita em *Conjuração*". Ao que parece, afirma a autora, o sentido de *Inconfidência* não estava interligado à ideia de um crime ideológico, sendo o termo possível para falar de uma conspiração de modo a descaracterizá-la criminalmente. Neste trabalho, não entramos no mérito das discussões entre uma denominação e outra.

do altos preços vindos da Metrópole. Excessiva carga tributária pesava sobre a população da região mineradora, quando o ouro já se tornava escasso. Pressões de várias formas geravam um clima de insatisfação.

Em 1788, passaram a se reunir militares, eclesiásticos e intelectuais, para projetar um movimento que deveria libertar a Colônia do julgo de Portugal. Esses homens ficaram conhecidos como "Inconfidentes". No entanto, o movimento dos inconfidentes foi desfeito em 1789, ano da Revolução Francesa. Um dos integrantes, Joaquim Silvério dos Reis, fez a denúncia à Coroa para obter perdão de suas dívidas.

Os líderes do movimento foram detidos e enviados para o Rio de Janeiro, onde responderam pelo crime de inconfidência (falta de fidelidade ao rei) e foram condenados.

Em 18 de abril de 1792, foi lida a sentença no Rio de Janeiro. Doze dos inconfidentes foram condenados à morte. Mas, no dia seguinte, um decreto de D. Maria I⁷ determina que todos, à exceção de Tiradentes, tivessem a pena alterada para o degredo.

1.1.1.3 Decadência do ciclo do ouro ou rearranjo econômico?

Segundo Paiva (2010), há pelo menos dois tipos de interpretação historiográfica sobre a história de Minas Gerais no geral, mais especificamente sobre o século XIX. A primeira, mais tradicional, é genericamente baseada na ideia do fausto e da riqueza das Minas do ouro e dos diamantes, na de uma Vila Rica, na de uma população descontente com a exploração da metrópole, na de uma região em que teria florescido arte incomum e original, na de um século XIX marcado pela decadência da sociedade mineira. A segunda interpretação historiográfica surgiu a partir da década de 80, no

⁷ D. Maria I (1734-1816) foi rainha reinante de Portugal e, quando começou a sofrer de doença mental, foi afastada dos negócios públicos, tendo como sucessor o filho, o príncipe D. João VI. Era vista como uma rainha piedosa. Fonte: História de Portugal: D. Maria I. Disponível em: http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/maria1.html. Acesso em: 22 nov 2013.

século XX, e é conhecida como "revisionista", isto é, "a que iniciou a revisão das interpretações anteriores, muitas vezes, elaboradas em torno de mitos e de 'verdades' sem qualquer comprovação empírica, refutando exageradas e/ ou atreladas a regimes e a grupos políticos" (PAIVA, 2010, p. 273).

É interessante perceber, de acordo com o autor, como a ideia de mineração, mais exatamente a do ouro e dos diamantes, e a de um "ciclo" mineratório ainda continuam pujantes na memória histórica de Minas Gerais e no imaginário dos brasileiros de hoje, fruto, principalmente, segundo ele, do ensino de história de que dispomos.

Paiva (2010) afirma que a mineração nunca se restringiu às veias auríferas e à coleta de diamantes nem, tampouco, findou-se no século XVIII, já chamado de Idade do Ouro do Brasil. Também não deve ser explicada como atividade econômica cíclica, à moda de visões etapistas e positivistas. Para ele, o ouro continua ofuscando, até hoje, os demais minérios, assim como o brilho dos diamantes continua escondendo outras gemas. Muito precocemente, continua Paiva (2010), soube-se da existência de vários outros minerais na extensa região central do Brasil, e isso explicaria, pelo menos em parte, a alteração da denominação de Minas do Ouro, para Minas Gerais, ocorrida no início do século XVIII.

Desde o século XVIII, portanto, a atividade mineradora, além de importante para a economia de Minas Gerais, foi também baseada em diversos tipos de minerais. Entretanto, expõe Paiva (2010), a redução da produção mineral, principalmente do ouro, já denunciada na documentação da década de 1730 acabou sendo superdimensionada pela historiografia dos séculos XIX e XX. "Essa redução da produção foi, muitas vezes, localizada na segunda metade do século XVIII e foi sendo equivocadamente associada a uma pretensa crise econômica geral da capitania e a seus consequentes empobrecimento e decadência" (PAIVA, 2010, p. 276).

Paiva (2010) defende que não houve, na verdade, essa crise econômica generalizada, propalada por tanto tempo nos livros de história. O que houve foi um intenso rearranjo econômico e social, iniciado no século XVIII. Ainda assim, a mineração continuou como atividade vital e diversificada durante o século XIX e, segundo ele, permanece ainda hoje. Paiva (2010) completa que, desde a segunda metade dos Setecentos, esse rearranjo geral envolveu as várias regiões da capitania e não se restringiu aos aspectos econômicos nem os transformou no eixo principal das mudanças.

Sobre essa questão da crise e do rearranjo econômico na região das Minas Gerais, Andrade (2008) disserta:

Desde as últimas décadas do século XVIII, o negócio da mineração experimentava uma crise. Com o aumento crescente dos custos e do trabalho necessários à exploração aurífera subterrânea, e sem se proverem novos descobrimentos, aconteceu o reforço da agropecuária e das atividades artesanais como alternativas econômicas que estavam ao alcance das possibilidades dos habitantes de Minas. O estilo de descobrimento e de exploração de ouro segundo o Código das Minas, datada de 1702, quando houve os famosos descobrimentos de aluvião, foi adaptado ou praticamente abandonado, conforme se aprofundava a mudança social e econômica. Entre a segunda e a terceira década dos Oitocentos, quando a extração mineral de maior vulto começou a passar para as mãos de companhias estrangeiras e nacionais, os senhores e chefes de família (mineiros brasileiros) que ainda mantinham lavras de ouro lucrativas, atuando isolados ou associados, eram vistos pelos agentes do governo como herdeiros de um modo passado de produção mineral (ANDRADE, 2008, p. 21-22).

Paiva (2010) esclarece que se acostumou a pensar que as Minas Gerais do século XIX era, em tudo, diferente daquela que proporcionara, em larga medida, a grandeza e a riqueza de Portugal e do Brasil no século anterior. Segundo ele, houve, sim, como já dito antes, muitas mudanças na sociedade mineira, mas a maioria se iniciou ainda durante o "século do ouro". Para Paiva (2010, p. 276), talvez, a mais significativa, que acabou acarretando outras mudanças e fomentando o desenvolvimento de novas perspectivas históricas, tenha sido "certa 'desurbanização' e a despolarização demográfica, política, econômica e cultural".

A Imperial Cidade de Ouro Preto (título concedido em 1823), capital da província de Minas de Gerais (criada em 1821, em substituição à

capitania), sofreu grande esvaziamento populacional ainda na primeira metade do século XIX, salienta Paiva (2010).

O autor nos informa que a reorganização mineira é parte importante da própria reorganização da sociedade brasileira, na qual, mesmo antes da independência, iniciaram-se mudanças administrativas, políticas e culturais muito importantes.

Paiva (2010), entre os vários argumentos citados para comprovar a não decadência mineira, cita que a descentralizada malha urbana mineira, ainda que esvaziada no século XIX, foi palco de produção artística importante, assim como continuou vivenciando movimentação político-cultural e religiosa que não cessou em Minas. Além disso, ele salienta que, em 1832, a Assembleia Provincial mineira aprovou a criação de curso de mineralogia embora a célebre Escola de Minas de Ouro Preto, resultado das primeiras tentativas, só fosse instalada em 1876.



FIGURA 2 – Escola de Minas em Ouro Preto FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Como se viu, a diminuição da exploração do ouro levou à reorientação das atividades econômicas, porém não refletiu no movimento social e cultural existente em Vila Rica. A própria edição e publicação do DLB, no início do século XIX, em uma tipografia instalada em Ouro Preto, confirma que a cidade não sucumbiu com a diminuição da atividade extrativa.

1.1.2 Ourivesaria brasileira: do descobrimento ao século XXI

A arte de trabalhar com metais preciosos (prata e ouro, especificamente), na fabricação de joias e ornamentos, é conhecida como ourivesaria.

Segundo Corbeta (2007), a origem das joias é encontrada em antigas práticas e crenças. Juntamente com outros objetos que os homens acreditavam que protegiam os mortos, as joias eram colocadas nas tumbas. Com o passar do tempo, as joias passam a ser usadas simplesmente como ornamentos ou, muitas vezes, como definidoras de classe social.

A autora afirma que, a partir do quinto milênio antes de Cristo, o progresso que o homem fez no campo do trabalho com os metais representou um salto extraordinário. A arte naturalmente acompanhou essa etapa e a ornamentação pessoal passou a ser criada em outros suportes, como o cobre, o latão, o ouro e a prata. O descobrimento da fundição, no quarto milênio antes de Cristo, fez a arte do metal avançar. As primeiras obras de ourivesaria e joalheria remontam às antigas civilizações mesopotâmicas.

No Egito, durante o terceiro milênio antes de Cristo, a expansão do setor marcou a história, pois as pedras passaram a integrar as peças juntamente com os metais. Essa característica permanece até a atualidade, com variantes sócio-estético-culturais. Na Idade Moderna, a ourivesaria se tornou uma profissão de inegável prestígio perante reis e toda a corte. As joias e os ornamentos pessoais passaram a ser objeto de desejo, ainda mais quando os artistas criadores eram conhecidos e isso era capaz de imprimir status social e cultural a quem as usasse. Atualmente o ouro continua sendo o símbolo da riqueza e do sucesso para muita gente.

A ourivesaria brasileira se inicia, de acordo com Magtaz (2010), à

sombra de artífices vindos de Portugal. Suas origens traziam as bases estéticas de sua arte e seus sistemas artesanais, pois, desde o século XII, a Metrópole trabalhava a prata.

Desde o início da colonização, informa-nos Magtaz (2010), a prata ocupou um lugar de destaque na sociedade brasileira por ser o metal preferido para a ornamentação de casas e igrejas. Mas como não existem jazidas de prata no país, o metal era trazido do México, da Espanha e do Peru e trocado no Brasil por tecido, açúcar e também por escravos africanos. A cidade de Salvador, durante muito tempo, foi o principal centro brasileiro do comércio da prata, que atingiu seu ápice no século XVII. A prata era trabalhada por ourives portugueses e por brasileiros que aprendiam o ofício. Os modelos lusitanos de ourivesaria foram seguidos e copiados durante os séculos XVII e XVIII, o que dificultava a identificação de um estilo nacional próprio.

Magtaz (2010) afirma que a ourivesaria conta com um lugar bastante significativo na arte religiosa brasileira. Os objetos destinados ao culto e aos adornos produzidos em Portugal e no Brasil, com ouro e pedras preciosas, tornam-se mais frequentes a partir do século XVIII. Essas peças testemunham a arte dos ourives e tornam-se símbolos de distinção, hierarquia e poder do clero.

Para a autora, os sinais do surgimento de uma ourivesaria brasileira original começam a ser percebidos devido ao grande número de ajudantes escravos ou negros libertos nas oficinas. Os ourives nacionais criam objetos que passam a ser considerados típicos, como a cuia de chimarrão, os cabos de rebenques, os arreios, esporas e caçambas, além das famosas pencas de balangandãs que reúnem objetos de metal com formas variadas, agrupados numa base denominada "nave" ou "galera": moedas, figas, chaves, dentes, romãs, cocos de água etc. Os elementos que compõem as pencas de balangandãs são reunidos em função de seus significados mágicos e rituais. São talismãs e amuletos que afastam "mau-olhado", trazem sorte, "abrem portas e caminhos", ou indicam "fartura", "riqueza", etc.



FIGURA 3 – Joia amuleto FONTE: MAGTAZ, 2010, p. 119

A expansão da ourivesaria nacional é percebida estatisticamente, expõe Magtaz (2010). Na primeira metade do século XVII, a capital da colônia contava com cinco ou sete ourives; no final do século, eles já eram 25. No ano de 1766, havia mais de 158 oficiais nas principais cidades brasileiras.

Magtaz (2010) explica que, para a verificação da qualidade das peças, o procedimento padrão era a marca (ou punção), que indicava a quantidade de cobre empregada na execução do objeto. Atestada a qualidade, a peça recebia então marcas, em geral, da cidade em que era executada e do perito que a examinava, o ensaiador. Os objetos podiam receber também marcas de exportação e importação; marcas de cidades diferentes (daquela onde era feita e daquela em que era adquirida) e marcas dos ourives. As primeiras marcas de que se tem notícia, segundo a autora, são francesas, do século XII. Em Portugal, elas se tornaram obrigatórias a partir de 1688. No Brasil, a primeira marca conhecida é de Salvador (a letra "S"), de cerca de 1693. Como boa parte da ourivesaria colonial

brasileira estava a cargo de negros e mulatos, que trabalhavam clandestinamente, muitas das peças nacionais não possuem identificação.

O crescimento da ourivesaria no Brasil é acompanhado por tentativas de controle dessa produção, expõe Magtaz (2010).

As autoridades tomaram medidas fiscalizadoras, tais como o Alvará de 1621 que determinava que nenhum mulato, negro ou índio, mesmo liberto, podia exercer o cargo de ourives. Um pouco mais tarde, a Carta Régia de 30 de julho de 1766 – que vigorou até o Alvará de 1815 – proíbe o exercício da ourivesaria, na tentativa de impedir "os abusos que os ourives praticavam, com prejuízo do Erário Real, e também tudo que dizia respeito à lesão do quinto do ouro". As diversas regulamentações, entretanto, não impediam a realização, mesmo que clandestina, do ofício (MAGTAZ, 2010, p. 92).

Um grande número de joalheiros e lapidários acompanhou a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil. Por esse motivo, esclarece Magtaz (2010), as medidas repressivas tomadas em relação aos ourives locais foram eliminadas, abrindo caminho ao desenvolvimento da confecção e do comércio de joias no Brasil.

Ao tecer considerações sobre a ourivesaria brasileira, a autora cita três importantes ourives que vieram para o Brasil com a Corte Portuguesa. Um deles foi Antônio Gomes da Silv a, nascido em Lisboa. Com o apelido de "mestre ourives da prata e cravador de diamantes" dado pelo Rei D. João VI⁸, criou, no Rio de Janeiro, algumas joias belíssimas, como a Cruz e Colar da Ordem de Torre e Espada de diamantes e esmeraldas, em 1813. Em 1817, confeccionou, para a aclamação de D. João VI, uma coroa, um cetro e um florete. Várias obras de Antonio Gomes

⁸ Dom João VI (1767-1826) foi Rei de Portugal. Começou a governar a partir de 1792, em consequência da insanidade mental de sua mãe D. Maria I. Só se tornou Príncipe Regente a partir de 13 de julho de 1799. No dia 6 de fevereiro de 1818, foi coroado Rei de Portugal, dois anos após a morte de sua mãe. Veio para o Brasil tão logo soube da notícia de que as tropas de Napoleão comandadas pelo general Junot caminhavam em direção a Portugal. O Brasil, que até então era uma colônia, passou a ser a sede da monarquia portuguesa. Dom João permaneceu no Brasil entre 1808 e 1821. Fonte: *Biografia de D. João VI*. Disponível em: http://www.e-biografias.net/domjoao_vi/. Acesso em: 22 nov 2013.

da Silva encontram-se hoje no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa.

"Leitão e Irmão", conhecidos como "Joalheiros da Coroa", também são lembrados por Magtaz (2010). Segundo ela, eles foram responsáveis, a partir de 1875, por uma grande renovação na arte da ourivesaria, com sofisticadas montagens e novos *designs* para joias inspiradas na história e no artesanato português e que tinha na Rainha D. Maria Pia⁹ sua mais fiel e assídua cliente.

Magtaz (2010) expõe que a maioria das joias portuguesas, da segunda metade do século XIX, seguia os modelos em uso em toda a Europa, onde o ouro, com ou sem gemas, ocupava lugar de destaque. A joia romântica, com nomes e pequenas frases e com retratos em miniatura era a mais popular. Assim como no resto da Europa, os medalhões em ouro e cristal, contendo os cabelos de um ente querido e usados como pendente ou em pulseiras, eram muito apreciados, além de serpentes, muito usadas em braceletes.

A Coroa Imperial de D. Pedro II é talvez a peça mais rara e valiosa das coleções nacionais, segundo Magtaz (2010). Bela obra de ourivesaria brasileira, feita pelo ourives Carlos Marin, foi fabricada especialmente para a sagração e coroação do jovem imperador, então com 15 anos de idade.



FIGURA 4 – Coroa Imperial de D. Pedro II FONTE: MAGTAZ, 2010, p. 109

⁹ Maria Pia de Saboia (1847-1911) foi uma princesa da Itália e rainha consorte de Portugal, durante o reinado de seu marido, Luís I. Fonte: *Portugal*: Dicionário histórico. Disponível em: http://www.arqnet.pt/dicionario/mariapia.html. Acesso em: 22 nov 2013.

Fornecedor da Casa Imperial, Marin produziu inúmeras joias e adereços, entre os quais o Globo Imperial, uma das insígnias majestáticas, e o anel da sagração de D. Pedro II. Para a confecção das insígnias de D. Pedro II, foram desmanchadas várias joias de família, conforme consta dos inventários do Arquivo da Mordomia da Casa Imperial, recolhido ao arquivo. Para a coroa, foram aproveitados os diamantes da coroa de seu pai, D. Pedro I, e um fio de pérolas, herança paterna de D. Pedro II. Depois de proclamada a República, a Coroa Imperial foi guardada no Tesouro Nacional, onde permaneceu até 1943, quando foi transferida ao recém-criado Museu Imperial, de onde, desde então, nunca saiu (MAG-TAZ, 2010).

No final do século XIX, os ourives e os comerciantes de joias luso -brasileiros, explicita Magtaz (2010), representavam 50% do mercado; no início do século XX, com a chegada de ourives e comerciantes franceses, ingleses e alemães, essa representação caiu para aproximadamente 10%.

De acordo com a autora, os ourives eram figuras importantes e se mantiveram nessa posição até as décadas de 60 e70, pois, até esse período, toda família contava com seu ourives de confiança para confeccionar ou até mesmo reformar as joias da família. Eram esses artesãos que, em caso de falecimento, avaliavam as joias para serem divididas entre os herdeiros. Essa prática tornou-se mais difícil com o surgimento da gema sintética¹⁰, no final do século XIX, pela falta de equipamentos necessários para análise.

Dissertando sobre a ourivesaria do século XX, Magtaz (2010) esclarece que, no início desse século, as "casas de joias" começaram a perder o aspecto de oficina e se consolidaram como joalherias.

Nos anos 50, continua a autora, a ourivesaria, profissão e técnicas até então passadas de pai para filho, ganhou novos adeptos e, em seus *ateliers*, os primeiros joalheiros formavam mais joalheiros, até que, na

¹⁰ De acordo com Magtaz (2010), as gemas sintéticas são gemas criadas em laboratório, surgidas por volta de 1888, na Suíça, e se espalharam com muita rapidez pelo mundo. A gemologia, criada em 1929, na Inglaterra, para avaliar e certificar as pedras preciosas, só chegou ao Brasil no final da década de 50.

década de 70, eram oferecidos cursos livres, e escolas de joalheria foram fundadas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Já na década de 60, surgem novas joalherias, e as grandes oficinas se transformam em fábricas. Embora esse setor estivesse em grande expansão, a presença do "ourives de família" ainda era forte.

Magtaz (2010) conclui que, se após a década de 40, a pedra brasileira tornou-se conhecida e usada, a década de 70 trouxe um conceito mais brasileiro na criação de joias.

Embora hoje haja fábricas que produzam joias e outros objetos em ouro e prata em grande escala, ainda podemos encontrar muitas oficinas espalhadas pelo Brasil. Em Ouro Preto, Minas Gerais, são vários os ourives que mantêm a produção artesanal e que abastecem as principais casas de pedras (ou de joias) da cidade. Também ainda é bastante grande a procura de populares por seus serviços, não só de reformas, mas também de fabricação de joias, especialmente de alianças, já que os artífices oferecem um preço menor do que aqueles das lojas.

Feitas algumas considerações sobre o entorno histórico-social do nosso *corpus* – termos de ourivesaria –, passemos agora para algumas considerações sobre o entorno histórico-social em que se deu a publicação do DLB.

1.2 Entorno histórico-social em que se deu a publicação do DLB

1.2.1 O Período Regencial (1831 a 1840)

O Primeiro Reinado tem fim com a abdicação do imperador Dom Pedro I. Como seu filho, herdeiro do trono, tinha apenas cinco anos de idade, a Constituição brasileira do período determinou que o país fosse governado por regentes até que Dom Pedro de Alcântara atingisse a maioridade. Nesse período, o Brasil teve várias regências: Regência Trina

Provisória (1831), Regência Trina Permanente (1831-1835), Regência Una de Feijó (1835-1837) e Regência Una de Araújo Lima (1838-1840).

Basile (2011) esclarece que a crise produzida, primeiro, pela oposição a Dom Pedro I e depois pela disputa pelo governo regencial, aliada à vacância do trono e à falta de unidade até então observada da elite política imperial, propiciou a formação de facções distintas, munidas de diferentes projetos. Por outro lado, observa o autor que essa mesma crise também facilitou a entrada em cena de novos atores políticos e de camadas sociais até então excluídas de qualquer participação mais ativa.

A edificação da nação, nesse momento, segundo Basile (2011), passava pela via do espaço público, sendo marcada por autênticas "guerras de opiniões", por "guerras de doutrinas". O autor salienta que, se as diferenças dificultavam a união dos habitantes do Império em torno de um mesmo princípio político, não impediam a identificação desses indivíduos com a tão desejada nação.

A seguinte passagem sintetiza bem o cenário no qual o Período Regencial se firmou:

Nas principais cidades do Império, assiste-se à politização das ruas; a política ultrapassa o tradicional espaço dos círculos palacianos e das instituições representativas e transborda para a emergente esfera pública, valorizada como instância legítima de participação, palco de desenvolvimento de uma embrionária, porém ativa, opinião pública (BASILE, 2011, p. 62).

Nessa efervescência da opinião pública, a imprensa tem papel fundamental. Segundo Morel (2003, p. 10), o Período Regencial representou "momento de explosão da palavra pública em suas múltiplas (e nem sempre tranquilizadoras) possibilidades, momento de pluralidade que, se não foi puramente 'desordeiro', também não significou somente expressão de posições monolíticas definidas". Corroborando com essa afirmação, Basile (2011) expõe que a imprensa, assim como o Parlamento, as associações, as manifestações cívicas e os movimentos de protesto ou de revolta, constituíram os instrumentos principais de ação política no Período Regencial.

Basile (2011) afirma que, apesar de o Período Regencial também ser estudado por uma ótica mais positiva, como fase de triunfo das liberdades necessárias ao progresso da nação, momento que teria sido interrompido com a ascensão do "regresso", o período é tradicionalmente visto sob a perspectiva negativa, que o caracteriza como "época anárquica e anômala, como empecilho à formação e à preservação da nação brasileira". (BASILE, 2011, p. 55)

Um dos instrumentos de ação política da época, as revoltas, é visto, por muitos historiadores, como marca desse período. Segundo Basile (2011), a vacância do trono, a fraca coesão entre as elites, a intensa participação popular, as rivalidades políticas e as tensões sociais, em muitos momentos, contribuíam para a eclosão de manifestações que, muitas vezes, terminaram em violência. Dentre as várias revoltas deflagradas durante as Regências, citam-se a Balaiada no Maranhão, a Cabanagem no Pará, a Sabinada na Bahia e a Revolução Farroupilha, na região sul.

Morel (2003) observa que o Período Regencial foi tachado de caótico, desordenado, anárquico, turbulento, dentre outros, sendo esse o discurso de parte dos grupos dirigentes da época, envolvidos nos embates de construção do Estado Nacional Brasileiro que buscavam formas de legitimar o exercício do poder e de coerção. O autor acrescenta que esse discurso perpetua-se em alguns ramos da historiografia ainda hoje.

Basile (2011, p. 68) também comenta o fato de as Regências serem denominadas como período "anômico e anômalo", que representava ameaça e empecilho à integridade nacional, segundo a visão cristalizada da produção conservadora do Segundo Reinado.

Não se exclui aqui, no entanto, a importância dos movimentos revoltosos para a história do Brasil. Concordando com Basile (2011) e Morel (2003), acreditamos que tais manifestações devam ser vistas como ações mobilizadoras, lugares de exercício informal da cidadania que contribuíram para a construção da nação brasileira.

Mesmo com o grande número de revoltas que ameaçaram até mes-

mo a unidade do país, foi durante o Período Regencial que as elites nacionais tomaram o poder político, afastaram definitivamente o perigo de recolonização do Brasil e consolidaram o Estado Nacional.

A importância do Período Regencial, para Morel (2003), coloca-se pelo fato de ele ter sido chave para a construção da nação brasileira, quando, ao custo de muitas vidas e despesas, garantiu-se a independência e o caminho de uma ordem nacional, com determinadas características. O autor sintetiza o período da seguinte forma: "penso que o Período Regencial pode ser visto como um grande laboratório de formulações e de práticas políticas e sociais, como ocorreu em poucos momentos da história do Brasil" (MOREL, 2003, p. 9).

Gonçalves (2008) aponta Minas Gerais como foco privilegiado desse momento histórico, pois passa por um processo que

remonta à constituição de um mercado que, a partir da economia mineradora, articula as diversas províncias, com destaque para o Centro-Sul; por seus vínculos com a Corte instalada no Rio de Janeiro; pela projeção que adquirem, no Período Regencial, "as tropas da moderação", pela intensa mobilização de escravos e forros na província, além da atuação destacada de membros de sua elite no processo de "afirmação de uma esfera pública de poder" e construção de uma hegemonia liberal (GONCALVES, 2008, p. 33).

Na próxima seção, destacaremos a imprensa mineira e a constituição dessa esfera pública de poder.

Todo o contexto de crise pela descentralização do poder, pelas discrepâncias políticas e pelos movimentos revoltosos, no Período Regencial, levou à reintrodução da autoridade monárquica. Em 23 de julho de 1840, com o apoio dos Liberais, ocorreu o Golpe da Maioridade, por meio do qual foi antecipada pelo Senado Federal a maioridade de Dom Pedro II e declarado o fim das Regências.

Passemos agora para as considerações sobre a imprensa do Período Regencial.

1.2.2 A imprensa mineira no Período Regencial e a formação de uma esfera pública de poder

Analisar as práticas relativas ao impresso, segundo Moreira (2011), permite-nos identificar elementos constitutivos de uma "esfera pública de poder" no Período Regencial.

Sobre a definição de "esfera pública", Moreira (2011) contrasta a definição dada por três estudiosos. Para o filósofo alemão Jürgen Habermas¹¹, a esfera pública pode ser compreendida como um espaço embasado na identidade fictícia das pessoas privadas, reunidas em um público, isto é, em um ambiente comum caracterizado pela igualdade de seus membros, os quais são capazes de fazer uso público da razão por meio de debates oral ou escrito. Diferentemente de Habermas, James Van Horn Melton¹² apresenta uma concepção de esfera pública que ultrapassava o ambiente burguês, envolvendo sujeitos que possuíam determinado grau de educação, independentemente do estrato social de que provieram. Leonardo Avritzer¹³ esclarece que não podemos nos limitar a conceber uma esfera pública nos termos de um espaço seleto, mas como um ambiente formado por um conjunto de atores sociais com diversidades social, cultural e de gênero.

Para identificarmos uma esfera pública de poder no Período Regencial, discorreremos brevemente sobre os atores (autores e leitores), sobre os espaços públicos em formação, sobre as práticas de leitura e sobre os suportes (manuscritos e impressos). Em seguida, alguns dados sobre a instalação das primeiras tipografias em Minas Gerais serão apresentados.

¹¹ HABERMAS, Jürgen. Estruturas sociais da esfera pública. In: *Mudança estrutural da esfera pública*. Trad.: Flávio R. Kothe. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 42-74.

¹² MELTON, James Van Horn. *The rise of the public in Elightenment Europe*. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 11-12.

¹³ AVRITZER, Leonardo. Esfera pública. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMA-RÃES, Juarez; STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Corrupção*: ensaios e críticas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 136.

1.2.2.1 Atores, formação de espaços públicos, práticas de leitura e suportes

Como vimos na seção 1.2.1 sobre o Brasil Regencial, a imprensa configurava-se como um dos principais instrumentos de ação política desse período. Segundo Morel (2003), com a abdicação de Dom Pedro I, o ambiente cultural transformou-se, representando ampliação e diversificação na esfera pública cultural e literária. O autor ainda relata que, mesmo com a falta de estudos sistemáticos, não se pode questionar a ampliação que ocorre nesse momento do público leitor e da quantidade de impressos (livros, jornais, manifestos, relatórios, poemas etc.). Além disso, assistiu-se à acentuação da diversidade de debates e da disseminação da palavra rimada. Nesse período, também surge o Romantismo.

No Brasil, aponta Morel (2003), o surgimento da imprensa acompanha e vincula-se às transformações dos espaços públicos, à modernização política e cultural das instituições, ao processo de independência e de construção do Estado Nacional. Para o autor, imprensa e nação brasileira são praticamente simultâneas.

Basile (2011) destaca a década de 30, na qual a imprensa conheceu desenvolvimento sem precedentes, verificando-se, em particular nesses primeiros anos, vertiginoso crescimento de publicações nos centros em que já havia tipografias – Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará, Minas Gerais, Ceará, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás –, aos quais vieram somar, até 1840, Santa Catarina, Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Espírito Santo.

Esse desenvolvimento da imprensa, segundo Basile (2011), vinculase intimamente às disputas políticas, à emergência de diferentes projetos políticos e à mobilização da opinião pública. Para ele, a imprensa foi "a arena na qual os debates transcorreram com maior abertura e amplitude, além de franca virulência, facilitados pela relativa liberdade de expressão e pela prática comum do anonimato" (BASILE, 2011, p. 65). Nesse momento, a imprensa periódica ganha papel de destaque. O desenvolvimento da imprensa periódica tanto no Brasil quanto em Portugal foi impulsionado pela revolução liberal portuguesa e pela lei de liberdade de imprensa, explica Morel (2003). Em relação a Minas Gerais, Silva (2009) afirma que, com a explosão constitucionalista da Revolução do Porto e com a Independência, a nascente elite política liberal lançou mão da imprensa como estratégia de convencimento de seu projeto político. Segundo o autor,

o instrumento da escritura podia construir um conjunto de conceitos e possibilitar a sua retenção pela sua recorrência, nas formas da polêmica e da circulação de ideias. Mas, principalmente, ampliar os círculos de difusão dessas ideias em diversos lugares, simultaneamente, e construir uma opinião pública num determinado sentido. A imprensa surgia, então, como o meio ideal para a construção da "direção intelectual e moral" liberal-moderada (SILVA, 2009, p. 136).

Para Basile (2011), um dos grandes responsáveis pela produção e difusão da cultura política foram os jornais e panfletos, que ultrapassavam até a barreira do analfabetismo, uma vez que os impressos eram habitualmente lidos e comentados em voz alta em público, o que multiplicava seu poder de comunicação. Dessa forma, esses impressos exerciam "vigorosa pedagogia política como principais veículos de expressão de ideias e de propaganda das facções concorrentes" (BASILE, 2011, p. 65). Sobre a importância do periodismo no cenário das Regências, Silva (2009) corrobora:

O periodismo representou a ampliação do acesso à leitura e, sobretudo, às ideias em relação à situação colonial. Por meio da difusão do escrito, como instrumento e estímulo do letramento, e pela provável ampliação da "oralização do texto", a elite liberal logrou atingir setores excluídos de qualquer reflexão sobre o poder (SILVA, 2009, p. 138).

Eram várias as personagens que debatiam, publicavam e divulga-

vam as ideias políticas, fato que reflete a experimentação e abertura da participação política naquele momento. Tal fato contribuía para a ampliação do espaço público. As leituras e as críticas de impressos e manuscritos eram feitas em locais como bibliotecas, sociedades políticas, casas e tabernas. A praça pública também participou desse processo, tornando-se um dos locais capazes de incluir, de certa forma, parcelas iletradas da população na vida política. Segundo Moreira (2011, p. 77), "as pessoas comprometidas com a constituição de um 'espaço público' mineiro pretendiam estabelecer e conservar um ambiente propício ao debate político, mormente por intermédio dos impressos e da prática da leitura".

Morel (2005) e Basile (2004) ampliam a noção de "espaços públicos", mostrando uma população que participava e influía nas decisões políticas, seja pelos debates na praça pública, seja na divulgação de manuscritos e impressos.

Morel (2005) atenta para a polissemia do conceito de "espaço público". O autor trabalha com três possibilidades: a primeira diz respeito à cena ou esfera pública, onde interagem diferentes atores, e que não se confunde com o Estado; a segunda possibilidade refere-se à esfera literária e cultural, resultante da expressão letrada ou oral de agentes históricos diversificados; por fim, a terceira possibilidade refere-se aos espaços físicos ou locais onde se configuram essas cenas ou esferas.

Além da grande contribuição da imprensa para ampliação do espaço público, seja por meio da disseminação do conhecimento pelos impressos, seja pela implantação das tipografias, que serão trabalhadas com mais vagar adiante, ela também alterou substancialmente o modo como os textos eram lidos e, consequentemente, como seu conteúdo era apropriado pelos leitores.

Segundo Moreira (2011), o formato tipográfico representou uma mudança substancial no padrão de leitura com que os indivíduos estavam habituados, fossem eles letrados ou iletrados. Mesmo com a inicial familiaridade dos adeptos de uma cultura letrada com os objetos impressos, principalmente com os livros, a população daquele tempo ainda

convivia com o manuscrito como forma predominante de registro. Além de ser mais viável economicamente, o manuscrito predominava por não ser submetido a um controle, mesmo que informal, da administração pública, como os impressos eram. Os pasquins, por exemplo, representavam um instrumento mais autônomo que o impresso, uma vez que sua clandestinidade oferecia relativa proteção aos seus escritores, garantindo-lhes o artifício do anonimato.

Embora distintos, afirma Moreira (2011, p. 155), "manuscritos e periódicos poderiam conjugar suas forças, aumentando o potencial do discurso no decorrer da luta política".

Moreira (2011) expõe que as primeiras tipografias também desempenharam um papel vital na constituição de uma "esfera pública de poder" nas províncias, intervindo com as mais variadas publicações nos combates políticos que orientaram os rumos do Estado Imperial brasileiro no Primeiro Reinado e nas Regências. A seguir, perceberemos essa constituição de uma esfera pública de poder, acompanhando a trajetória das primeiras tipografias e enfocando em alguns produtos de seu prelo.

1.2.2.2 Arte de imprimir em Minas Gerais: as primeiras tipografias

A história da imprensa no Brasil tem seu início oficial em 1808 com a chegada da família real portuguesa. Antes dessa época, toda atividade de imprensa – publicação de jornais, livros ou panfletos – era proibida, conforme Carta Régia de 1706, que mandava recolher e destruir qualquer modalidade de atividade tipográfica que fosse encontrada, como, também, punir seus proprietários. Mesmo assim, em caráter clandestino, algumas impressões foram realizadas na província de Minas Gerais, onde a imprensa passou por um processo difícil para se estabelecer.

Segundo Moreira (2011), houve uma experiência ainda nos tempos da Colônia, com a atuação do padre José Joaquim Viegas de Menezes, que construiu uma prensa para a impressão de uma obra laudatória composta por Diogo Pereira de Vasconcelos em homenagem ao então governador da Capitania de Minas Gerais, o capitão general Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello. Acredita-se que uma prensa existente atualmente no Museu da Inconfidência, na cidade de Ouro Preto, seja a lendária máquina construída pelo religioso mineiro.



FIGURA5 – A prensa de Viegas de Menezes FONTE: Acervo fotográfico pessoal

Essa iniciativa de Viegas de Menezes, evidentemente, não constituiu uma tipografia. Essa só apareceu nas Minas Gerais no contexto da Independência. Aos poucos, os poemas laudatórios foram cedendo espaço para a crítica e para a disputa nos periódicos provinciais. Segundo Moreira (2011), a efervescência política estimulava a criação de prelos em pontos distantes do Império, os quais se revelavam poderosos no debate político. Assim, quando os primeiros jornais surgiram em Minas Gerais, as técnicas de impressão ainda eram rudimentares, constituindo-se de tórculos de madeira e de tipos fundidos na própria província.

Ao passo em que as mudanças políticas alteravam a vida da população do Império, a imprensa ganhava novos usos e sentidos. Aos poucos, as tipografias se fizeram presentes no universo cultural brasileiro, tornando-se

um dos elementos fundamentais no processo de transformação da sociedade imperial da primeira metade do século XIX. Mesmo ao acompanhar as mudanças na vida política do Brasil, a transmissão dos discursos impressos em Minas Gerais enfrentou muitas dificuldades, como a escassez de materiais tipográficos e de profissionais habilitados (MOREIRA, 2011).

Moreira (2006) esclarece que houve tentativa de instalação de uma imprensa oficial na Província de Minas Gerais em 1822. O secretário de governo Luiz Maria da Silva Pinto intentou organizar uma "Typographia Nacional da Provincia de Minas Geraes", da qual era o inspetor. O projeto inicial consistia em imprimir artigos oficiais e notícias variadas. Segundo Araújo (2008), o plano de Silva Pinto não foi adiante, e o que vingou mesmo foi a iniciativa privada nessa área, constituindo-se a "Officina Patrícia de Barbosa e Cia", de Manoel Barbosa, a única tipografia da província durante certo tempo.

Criada por Manuel José Barbosa Pimenta e Sal, auxiliado pelo mitológico padre Viegas de Menezes, a tipografia Patrícia recebeu esse nome por empregar letras e máquinas construídas na Imperial Cidade de Ouro Preto. Sobre a construção do próprio maquinário pela imprensa mineira, Silva (2009) relata:

Não é sem interesse o fato de a imprensa mineira ter sido fruto do trabalho de oficiais ourives que, desconhecendo a arte tipográfica, despenderam esforços de extraordinária tenacidade, fundindo tipos e o mais necessário para o funcionamento de tipografias... (SILVA, 2009, p. 129)

A Tipografia Patrícia ocupava-se primordialmente da impressão de papéis oficiais. No entanto, em 1823, surge, naquele estabelecimento, o primeiro periódico de Minas: "O Compilador Mineiro". Dessa mesma tipografia surgiu a "Abelha do Itaculumy" em 1824, folha liberal que esteve imersa nos debates acerca do constitucionalismo no Brasil. No ano seguinte, era iniciada a impressão de "O Universal", o mais longevo periódico mineiro do Primeiro Reinado e das Regências (MOREIRA, 2006).

Além da Tipografia Patrícia, outros estabelecimentos tipográficos

foram implantados na Província de Minas Gerais, na década de 20 dos Oitocentos.

De acordo com Frieiro (1955), no mesmo ano que Manuel José Barbosa obtinha licença do governo Imperial para o funcionamento da sua oficina, e antes que esta principiasse a trabalhar, o governo provisório da província instalara na capital uma tipografia vinda do Rio, mas ainda assim com algum tipo fundido na Vila Rica por um hábil artista do lugar, Vicente Ferreira. Administrava a oficina provincial o major Luiz Maria da Silva Pinto que, durante várias décadas, foi "o principal impressor de Ouro Preto, já como gerente do estabelecimento oficial, já como editor particular, proprietário da Tipografia de Silva..." (FRIEIRO, 1955, p. 392).

Após a tentativa, sem êxito, da instalação da "Typographia Nacional da Provincia de Minas Geraes", Luiz Maria da Silva Pinto não desistiu de seu projeto. Estabeleceu em Ouro Preto, na rua do Carmo¹⁴ nº 26, a "Typographia de Silva", a qual, além de tipos também empregava gravuras.

Embora esse novo estabelecimento se ocupasse da impressão de papéis oficiais, como as "Posturas policiaes da Câmara da Real cidade de Marianna", impressas em 1829, destaca Frieiro (1955), ele também produzia obras de caráter educativo, destacando-se o "Diccionario da Lingua Brasileira" (DLB), sobre o qual discorreremos na seção 1.2.4.

Como vimos, a instalação das primeiras tipografias mineiras também contribuiu para a transformação da sociedade Imperial. Os impressores contribuíram para a divulgação de saberes, de técnicas e de doutrinas, participando ativamente do processo de estabelecimento de um espaço público em terras mineiras.

Segundo Moreira (2011), o ato de imprimir conferia capital simbólico àquele que o efetivava, fortalecendo sua atuação no espaço político. Imprimir tornava-se uma prática legitimadora, pelo menos aos olhos daqueles que enalteciam o surgimento dos jornais partidários da mesma causa, o que se explica pelo entusiasmo com que era noticiado o aparecimento de tipografias e periódicos no Império.

Veremos, a seguir, como a questão linguística era tratada no Brasil Império.

¹⁴ Hoje a Rua do Carmo é conhecida como Rua Brigadeiro Musqueira.

1.2.3 Aspectos linguísticos no Brasil Império

Revisitar o aspecto linguístico do Brasil Império também é imprescindível. Isso nos permite reconhecer e entender o estado de língua do período em que o DLB foi publicado.

Para o campo linguístico, interessa-nos apreender o fato de que,

Até meados do século XVIII terá predominado um multilinguismo/multidialetismo generalizado no Brasil. A escolha de meados do século XVIII se funda na política linguístico-cultural pombalina, que torna o português língua oficial do Brasil, expulsando os jesuítas que, nas suas aulas de catequese, davam suporte à língua geral, em detrimento do português (MATTOS E SILVA, 2004, p. 99).

A autora completa que "usar a língua geral", "falar a língua geral", "saber a língua geral", referia-se, de acordo com a documentação colonial, a um português simplificado, com interferências de línguas indígenas e também de línguas africanas.

Os dois séculos e meio de colonização que precederam a política pombalina, salienta Mattos e Silva (2004), caracterizam múltiplas situações de contato linguístico entre falantes da Língua Portuguesa e centenas de línguas autóctones e várias línguas africanas, chegadas ao Brasil desde 1538 até a extinção do tráfico negreiro no século XIX.

Como exposto, será na segunda metade do século XVIII que a língua de colonização se tornará hegemônica e oficial.

Mattos e Silva (2004) expõe que o ideal normatizador – primeiro lusitanizante, depois em função de um padrão culto brasileiro – desencadeado no século XIX não teve vez de se implantar de forma efetiva e generalizante no Brasil. Esse ideal restringiu-se, segundo a autora, a uma minoria economicamente privilegiada e a outros que conseguiram romper as limitações impostas pelo desenvolvimento socioeconômico e cultural "perverso" do Brasil, desde suas origens coloniais.

... o padrão foi construído, já na origem, de forma excessivamente artificial. A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta/comum/standart¹⁵ (a linguagem urbana comum, nos termos de Preti, 1997¹⁶) brasileira de então como referência. Bem ao contrário: a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do romantismo (FARACO, 2008, p. 83).

Além da diversificação de pessoas, oriundas de diferentes regiões, Mattos e Silva (2004) expõe que a presença da corte portuguesa no Rio de Janeiro (a partir de 1808) e dos muitos portugueses que com ela abandonaram Portugal, e a independência subsequente, que teve a intenção de tornar o ensino universal e obrigatório, já na primeira Constituição brasileira, a de 1823, são alguns dos fatores que favoreceram a implementação de um ideal linguístico homogeneizador, que tendeu para o português europeu.

Não seria de se esperar que, com a recente Independência do Brasil e com o processo de construção de sua identidade nacional, o ideal linguístico tendesse mais para a variedade do português falado no Brasil do que para a de Portugal?

Faraco (2008), citando Pagotto (1998)¹⁷, esclarece que esse último desfaz o aparente paradoxo, expondo que a lusitanização progressiva da norma escrita, em um período de 65 a 70 anos, se encaixa no projeto político da elite brasileira pós-independência de construir uma nação branca e europeizada, o que significava, entre muitos outros aspectos,

¹⁵ Segundo Faraco (2008), a expressão "norma culta/comum/standart" designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita.

¹⁶ PRETI, D. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: _____ (org.). O discurso oral culto. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP (Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo), p. 17-27.

¹⁷ PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência: ciência e pureza. *Línguas e instrumentos linguísticos II*. Jul-dez. Campinas: Pontes, p. 49-68.

distanciar-se e diferenciar-se do vulgo¹⁸, isto é, da população etnicamente mista e daquela de ascendência africana, que constituíam um grande obstáculo àquele projeto. Faraco (2008) nos chama a atenção para o fato de que a elite defenderá abertamente, mais tarde, a chamada "higienização da raça", que, no fundo, significava um embranquecimento da população.

Percebe-se então que a elite buscava o rompimento com a metrópole, mas sem deixar de a ela se assemelhar. Segundo Faraco (2008, p. 111), "era indispensável continuar cultuando aquilo que na antiga metrópole representava aos olhos da elite de cá uma superioridade cultural, um índice de civilização". Contudo, ele ressalva que essa opção não era nada fácil de realizar em termos de língua, pois a elite letrada vivia complexas contradições. Eram evidentes, segundo o autor, duas realidades: "o português de cá tinha diferenças em relação ao português de lá; e aqui dentro o 'nosso' português diferia do português do 'vulgo'" (FARACO, 2008, p. 111-112).

Na construção do novo país, como resolver esse duplo eixo de diferença?

Faraco (2008, p. 112) explica que, desde a Independência, dois grupos distintos foram se construindo: "um conservador, purista; e outro, defensor da absorção, na escrita, de características próprias do modo brasileiro culto de falar a língua".

Para a elite mais conservadora, as contradições que envolviam a questão da língua se resolviam pelo discurso da unidade, devendo o português de cá se aproximar do de lá e os escritores lusitanos seriam os modelos. Para outro segmento da elite oitocentista, era importante abrasileirar a língua escrita (FARACO, 2008). Esses, segundo Faraco (2008), são os portadores de um discurso mais nacionalista, marcado por certa euforia pela causa e pelas coisas nacionais. Eles tomavam em particular a diferença lexical como fator de enriquecimento da língua e defendiam seu franco aproveitamento na literatura que aqui se produzia.

Os que defendiam a legitimidade de certas diferenças brasileiras,

¹⁸ Segundo Faraco (2008), essa era uma expressão comum nos textos dos intelectuais do século XIX.

esclarece Faraco (2008), além de vencer os puristas, também tinham a tarefa de traçar os limites do admissível, evitando as invasões descabidas da língua popular. Mas como definir o que era boa ou má inovação? Faraco (2008) explica que vários argumentos foram arrolados, mas o relativo sucesso da lusitanização artificial do padrão escrito, por volta do fim do século XIX, conforme apontado por Pagotto (1998), mostra que

foram insuficientes quer os argumentos pragmáticos da expressão artística e da recepção da literatura; quer o apelo aos argumentos de autoridade dos especialistas, dos cientistas da linguagem; quer as contundentes denúncias do caráter arbitrário da fixação dos padrões de "bom uso"; quer os apelos ao bom senso; quer ainda as ressalvas comuns nos intelectuais do segundo grupo de que a defesa do abrasileiramento não significava descuidar-se do estudo dos clássicos da língua (FARACO, 2008, p. 121-122).

Lima (2003) destaca que, no Império do Brasil, certos escritores e dicionaristas falaram não apenas em língua nacional, mas na existência de uma "língua brasileira", em que se assentaria a "literatura brasileira". A autora completa:

Sem supor que a expressão "língua brasileira" tenha um sentido evidente ou natural, encontra-se todo um esforço de definição, que pode ser inserido no Quadro mais amplo das lutas em torno do sentido da noção de "brasileiro", iniciadas no processo de emancipação política, retomadas e apropriadas pelos grupos intermediários urbanos, entre outros, durante o governo regencial (1831-40) e submetidas a uma leitura de certa forma mais consensual e pacificadora pelo movimento romântico de meados do século (LIMA, 2003, p. 335).

A relação entre a literatura e a formação da língua nacional, conforme aponta Lima (2010), leva-nos a dois fenômenos interligados. O primeiro seria o papel desempenhado pela literatura, como palavra impressa que circula, na disseminação da língua e na construção de certa padronização da escrita, mesmo que essa padronização no século XIX

fosse ainda relativa em termos de ortografia. O segundo aspecto seria a reflexão dos escritores e críticos sobre a especificidade dessa língua brasileira, como uma das expressões do Romantismo literário no Brasil.

Sobre a valorização da ligação entre língua literária e oralidade, Lima (2010) cita Süssekind¹⁹ (1994):

No século XIX é que grande parte dos escritores brasileiros passaram a se formar no próprio país. E a buscar conscientemente uma forma brasileira de escrita. Com vocábulos e expressões locais, com ritmo e prosódia peculiares. Sendo que, quanto à pronúncia, o "acento do Brasil" – reconhecido, no que se referia à língua falada, até mesmo por alguém tão zeloso da filiação lusitana do idioma quanto Varnhagen – passou a ser usado estrategicamente, nessa escrita com marcas de oralidade propositais, como forma de afirmação da variante brasileira (LIMA, 2010, p. 486 apud SÜSSEKIND, 1994).

Lima (2003) acrescenta que o olhar nacionalista sobre a língua aglutinou a ação de lexicógrafos, filólogos, gramáticos e escritores. Vimos que a difusão da língua nacional impressa desempenhou um papel importante na construção do sentimento de comunidade nacional. E é nesse contexto, mais precisamente em 1832, que surge o nosso objeto de estudo, o "Diccionario da Lingua Brasileira".

O autor do dicionário, Silva Pinto, numa época de crescente nacionalismo, arriscou mudar o nome da língua de portuguesa para brasileira. Essa escolha evidenciaria, então, uma obra de caráter nacionalista? Pode-se esperar que nesse dicionário encontremos em abundância termos de ourivesaria, uma vez que foi editado e publicado em Ouro Preto, um dos mais importantes cenários da exploração aurífera? Veremos na seção 4.8 algumas considerações sobre essas questões.

Fechando o século XIX, a década de 1880, segundo Faraco (2008), será o momento do mais significativo avanço da lusitanização da norma

¹⁹ Süssekind, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: Pizarro, Ana (org.). *América Latina*: palavra, literatura e cultura. São Paulo/Campinas, Memorial/Unicamp, 1994.

escrita, ocorrendo a intensificação do processo de gramatização brasileira do português com a multiplicação de gramáticas. E, particularmente, é a década em que se faz um esforço de definição das "estruturas corretas" da língua. A década seguinte fecha o século XIX com a criação da Academia Brasileira de Letras, outro instrumento importante da voz conservadora, lembra-nos Faraco (2008).

A seguir, trazemos algumas informações sobre o "Diccionario da Lingua Brasileira", o DLB.

1.2.4 O "Dicionário da Língua Brasileira", de Luiz Maria da Silva Pinto

O DLB é considerado a primeira obra lexicográfica escrita, editada e impressa no Brasil. Isso ocorreu na Antiga Vila Rica, atual Ouro Preto – MG, em 1832, na "Typographia de Silva", pertencente ao autor, Luiz Maria da Silva Pinto.

Sobre o DLB, Hallewell (2005) expõe:

O primeiro livro que sabemos ter sido impresso em Ouro Preto, após 1807, foi uma coleção das *Leis do Imperio do Brasil*, publicada em 1833, por um impressor chamado Silva. No entanto, o Atlas Cultural do Brasil (dirigido por Arthur Cezar Ferreira Reis, Brasília, Fename, 1972) cita a impressão, em 1832, do DLB, por Luiz Maria da Silva Pinto (HALLEWELL, 2005, p. 129).



FIGURA 6 – Diccionario da Lingua Brasileira FONTE: Brasiliana USP²⁰

Além do DLB, a Typographia de Silva também publicou documentos oficiais do governo.

Nunes (2013) lembra-nos de que o "Diccionario da Lingua Portugueza", de Antonio de Moraes Silva, apesar de ser considerado o primeiro monolíngue da língua portuguesa, foi publicado em Lisboa em 1789²¹ e que, ainda que Moraes seja um autor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, seu dicionário se filia diretamente à tradição portuguesa, em um momento em que os brasileiros realizavam estudos em Portugal.

Silva Pinto nasceu em Pilar de Goiás, em 15 de março de 1775 e faleceu em 20 de dezembro de 1869, na antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, aos 94 anos de idade.

²⁰ Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/node/392. Acesso em 20 fev. 2013.

²¹ A primeira edição do "Diccionario da Lingua Portugueza" data de 1789, mas como era uma edição resumida do "Vocabulario Portuguez e Latino" de Bluteau, Moraes não insere seu nome como autor da obra. Ele a denomina "Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Morais e Silva natural do Rio de Janeiro" (BIDERMAN, 1984). Na segunda edição, de 1813, a qual utilizamos neste trabalho, o nome de Moraes já é indicado como autor da obra.



FIGURA 7 – Casa de Silva Pinto em Ouro Preto – MG²² FONTE: Acervo fotográfico pessoal

De acordo com a Academia Goiana de Letras, o autor, após passar a infância em sua terra natal, seguiu com a mãe e a irmã para Vila Rica, onde foi batizado por Tomás Antônio Gonzaga. Além de se dedicar a vários cargos políticos durante sua vida, Silva Pinto também trabalhou com a arte de imprimir.

O DLB é um dicionário monolíngue, portátil, criado com a proposta de facilitar o manuseio e de garantir um preço mais acessível. Podemos extrair essas informações no prefácio do dicionário. O próprio Silva Pinto reconheceu a raridade de dicionários no nosso idioma, embora houvesse outras edições, como a de Antonio de Moraes Silva. Nunes (2006) ratifica Silva Pinto quando ressalta que esse tipo de obra é relativamente recente na nossa cultura:

... os dicionários monolíngues que visam ao aprendizado da língua materna são relativamente recentes, datando do século XVI, momento em que se formam os estados nacio-

²² Localizada na Rua Cláudio Manuel nº 129. Centro. Atualmente, República Maracangalha, propriedade da Escola de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto, UFOP.

nais. Foram necessários, portanto, muitos séculos para se chegar à concepção moderna do dicionário como instrumento que se utiliza para (re) conhecer a própria língua. (NUNES, 2006, p. 12)

O DLB é um dicionário semasiológico, ou seja, parte do significante para se chegar ao significado ou a um conceito. Na organização dos verbetes, Silva Pinto insere ao lado de cada entrada a classe gramatical a que pertence a palavra; em seguida, acrescenta a definição de forma mais objetiva se compararmos com autores anteriores como Moraes Silva, no seu "Diccionario da Lingua Portugueza". Silva Pinto praticamente não utiliza exemplos para ilustrar as definições como alguns autores faziam e ainda fazem. Registra os diferentes níveis de linguagem especificando quando é vulgar, baixo, plebeu, familiar, palavra antiquada etc. No entanto, o dicionarista não justifica o emprego dessa nomenclatura, não deixa claro o que considera um termo antiquado, por exemplo. Identifica terminologias científicas da área jurídica, da médica, da militar, dentre outras, mas podemos observar que não há um rigor metodológico no emprego desses recursos, fato compreensível, uma vez que a ciência lexicográfica não havia se consolidado nessa época²³.

²³ Segundo Heinrich (2007), a elaboração de um dicionário resultava de um labor árduo e demorado, exigindo muito conhecimento da língua: cada autor descrevia e registrava o léxico de acordo com sua ciência e informação. A fase teórica da Lexicografia, continua a autora, foi impulsionada no século XX, devido ao advento da Linguística. Em torno dos anos 60, surge a Lexicografia Teórica, categorizada como um ramo da Linguística Aplicada, fato que fez com que o fazer lexicográfico ganhasse em qualidade ao se orientar por um paradigma teórico-metodológico pertinente ao propósito desse fazer.





FIGURA 8 – Lombada e folha de rosto do DLB FONTE: Acervo fotográfico pessoal

Fazendo uma pequena análise do prefácio do DLB, podemos fazer algumas considerações.

OA PROLOGO

A raridade do Dicelonario do nosso Idioma, embora hajão differentes edições do Flumineuse Antonio de Moraes Silva, e de muitos outros Lexicographos, me sugerio o projecto de imprimir este auxiliante da Grammatica, e da Orthographia.

Coadjuvado pois com uma Typographia, e bem assim induzido pelo desejo commum de avançar ao optimo, em-

prendi a edição annunciada em 1829.

O numero dos Srs. Assignantes desta, e mais Provincias do Imperio excedeo áo que parecera preciso para segurar as despezas, e por isso procedi logo à compra de papel sufficiente. Com tudo a reserva de quasi todos para se prestarem quando recebessem os exemplares, me servio de despertador sobre as fallibilidades que occorrerião ate complemento da Obra; e de que por esta maneira seria mui tenue o premio pecuniario d'um trabalho, tanto mais arduo, e longo quando compria consultar todos os Vocabularios áo alcance, para com effeito dar o da Lingua Brasileira; isto é, comprehensivo das palavras, e frazes entre nós geralmente adoptadas, e não somente d'aquellas que proferem os Indios, como se presumira.

Nestas circunstancias restringi o meu Plano, levando do prelo o presente Diccionario portatil, que modificara a penuria occurrente, e servirá de base a outra edição mais ampla, e regular, se este esforço patriotico merecer acolhimento, e os Srs. amantes da Litteratura Nacional se dignarem enviar quaesquer Notas sobre os vocabulos omnissos, e definições inexactas, ao Editor no Ouro Preto

Luiz Maria da Silva Pinto.

FIGURA 9 – Prólogo do DLB FONTE: Acervo fotográfico pessoal

Segundo Nunes (2006), os prefácios são fontes importantes de estudo, especialmente no que se refere às condições de produção, porque trazem a voz do lexicográfico situada em um determinado contexto. En-

tretanto, ele ressalta que considerar apenas o prefácio não é suficiente, uma vez que

o texto dicionarístico tem uma história que foge ao controle subjetivo do lexicográfico organizador e muitas vezes não coincide com o que o discurso dos prefácios estabelece. Deste modo, a análise do texto dicionarístico (dos verbetes) permite explicitar os traços da posição do lexicográfico, questionando-se a evidência ou a neutralidade das definições, das exemplificações, das marcações etc., e relacionando-as com o lugar que o lexicográfico ocupa em uma formação social. (NUNES, 2006, p. 20)

Pela análise do prefácio do DLB, nota-se que o locutor aparece em primeira pessoa do singular, explicando o motivo da elaboração da obra: "a raridade do Diccionario do nosso Idioma embora hajão diferentes edições do Fluminense *Antonio de Moraes Silva*, e de muito outros Lexicographos, me sugerio o projecto de imprimir este auxiliante da Grammatica, e da Ortographia". (SILVA PINTO, 1832, p. 5)

Os consulentes do DLB são assinantes do dicionário. Isso é comprovado na seguinte passagem escrita por Silva Pinto (1832, p. 5): "O numero dos Srs. Assignantes²⁴ desta, e mais Províncias do Império excedeo ao que parecera preciso para segurar as despesas...".

Segundo Frieiro (1955), o DLB caracterizava-se por uma compilação apressada feita pelo próprio impressor, que também editou, para uso das escolas de primeiras letras, outros volumes, a saber: "Ortografia ou arte de escrever" (1829), "Aritmética ou arte de contar" (1831), "Princípios da moral cristã" (1846) e "Gramática brasileira ou arte de falar, conforme as regras de Manuel Borges Carneiro" (1847).

Na seção 4.8, teremos a oportunidade de conhecermos um pouco melhor o DLB no que concerne aos aspectos linguísticos. Além da análise de seu título, faremos também comentários de alguns verbetes, relacionando essas informações ao período em que o dicionário foi publicado.

Passemos agora para as considerações sobre o Léxico.

 $^{^{24}}$ Os dicionários eram impressos por subscrição.

CAPÍTULO 2

Não se deixará, pois, aprisionar nos mecanismos de composição vocabular. E buscará novas palavras, não para colecioná-las na memória, mas para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar sua história. (*Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire)

O LÉXICO

A palavra "léxico", identificada semanticamente como "dicionário", foi registrada pela primeira vez no português como *lexicon*, no século XVI. É originária do grego tardio *lexikón* (*bíblion*), de *léxikós*, adjetivo de *lexis* "palavra" (CUNHA, 1987).

O léxico se relaciona com o processo de nomeação e cognição da realidade: ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica. Biderman (2001, p. 14) considera que "o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes". A autora caracteriza o léxico de uma língua natural como patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo da sua história. Esse patrimônio, para as línguas de civilização, constituiria "um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras". Dessa forma, os modelos formais dos signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. A autora esclarece que, no seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

No mundo contemporâneo, segundo Biderman (2001), está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações. É o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, já que tem possibilidades infinitas de expansão, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados. Contudo, salienta a autora, cada comunidade humana que forja o seu instrumental linguístico para designar conceitos

novos utiliza o modelo linguístico herdado por seu grupo social. Assim, os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão, segundo os padrões lexicais nela existentes. Excetuam-se os empréstimos linguísticos, muito frequentes no mundo contemporâneo, sobretudo anglicismos, que se vêm propagando por todas as línguas, em virtude do papel hegemônico exercido pelos Estados Unidos na contemporaneidade. De fato, o inglês tornou-se a língua universal da ciência e da tecnologia.

Como vimos, as mudanças sociais, culturais, técnico-científicas e outras acarretam alterações nos usos vocabulares. Além de receber neologismos, de poder resgatar termos para voltarem à circulação e com diferentes denotações, o léxico de uma língua ainda pode ter palavras marginalizadas, outras que entram em desuso ou que desaparecem. A criatividade lexical dos falantes possibilita que eles criem e recriem de acordo com suas necessidades sociointeracionais.

A língua reflete a cultura da sociedade, servindo de meio de expressão e interação social para o mundo que a cerca.

Passemos agora para as considerações sobre as três áreas que estudam o léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia.

2.1 Estudo do léxico

Atualmente, o estudo da palavra ou o estudo do léxico é dividido em três grandes áreas: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. De acordo com Biderman (1998),

Embora complementares entre si, essas áreas possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos. Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades. (BIDERMAN, 1998, p. 7-8)

Como se viu, embora enfoquem o léxico, seu objeto de estudo, de formas distintas, essas três áreas têm como principal finalidade a descrição desse mesmo léxico.

2.1.1 Lexicologia

A Lexicologia é consensualmente definida como o estudo científico do léxico, em suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais, conforme afirmam Krieger e Finatto (2004, p. 44). Essa ciência está intimamente relacionada à complexidade, bem como à multiplicidade de facetas e abordagens que a palavra encerra e permite. Por isso, configura-se como um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar dado que a palavra é um lugar de encontro e de interesse particular de muitas ciências, embora tenha sido na ciência linguística que essa área se estabeleceu.

A Lexicologia tem como objeto de estudo três problemas teóricos básicos: a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. O primeiro, a identificação e a definição de uma unidade lexical, precisa considerar diferentes posições sobre o assunto. De acordo com Biderman (2001), a teoria gramatical clássica estabeleceu que a palavra é a unidade operacional básica, e áreas como morfologia e sintaxe tradicionais se construíram a partir disso. No entanto, os critérios para delimitação e definição de palavra são ainda discutidos e o próprio conceito de palavra é muito relativo. O segundo problema, a categorização léxica, tem a ver com a forma com que os falantes concebem e interpretam a realidade, e como essa é registrada e armazenada na memória, por meio de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo léxico. O terceiro ponto é a estruturação do léxico. De acordo com Biderman (2001), a estruturação do léxico diz respeito à significação das palavras de acordo com os diversos contextos em que elas podem ser inseridas: explícitos ou situacionais. Isso significa dizer que um vocabulário terá tantos significados quantos forem os diferentes contextos em que pode

ser utilizado. Percebemos aqui uma fronteira entre a Lexicologia e a Semântica.

Nessa área, conhecida como Lexicologia estrutural, desenvolveramse estudos nos quais léxico e sociedade são relacionados. Um exemplo desses estudos são as pesquisas desenvolvidas por Matoré (1953). Na obra "La méthode en lexicologia", o autor defende que a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, assumindo um valor coletivo: há uma socialidade própria da língua. Para ele, o léxico é testemunha de uma sociedade, de uma época. Sobre essa questão, Biderman (1981, p. 132) acrescenta: "é pela palavra (pela nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes".

A partir dessa obra, os linguistas passam a considerar os aspectos sociais no estudo do léxico, o que fez com que a Lexicologia começasse a ser vista como uma disciplina de caráter sociológico.

2.1.2 Lexicografia

A Lexicografia é conhecida como a ciência dos dicionários. Biderman (2001) relata que essa, assim como a Lexicologia, é uma atividade antiga e tradicional, iniciando-se nos princípios dos tempos modernos. A autora ressalta que, embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais, essas obras não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação. Biderman (2001) aponta como início da Lexicografia os séculos XVI e XVII, com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna). O "Vocabulario Portuguez e Latino" de Raphael Bluteau (1712-1728) e o "Diccionario da Lingua Portugueza" de Antonio de Moraes Silva (1789) são citados por ela como os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos do nome.

Murakawa (2012) reforça a importância das obras de Bluteau e Moraes:

Para quem se dedica à metalexicografia portuguesa é imprescindível o conhecimento das obras lexicográficas produzidas por esses dois dicionaristas, pois elas fornecem um importante material sobre o estado da língua em outras épocas, em seus aspectos fonético, fonológico, morfológico, sintático e semântico. Para além disso, apresentam uma prática lexicográfica que se transmitiu aos dicionaristas dos séculos subsequentes. (MURAKAWA, 2012, p. 315)

Na seção 3.2, voltaremos a falar dessas obras.

A análise da significação das palavras, segundo Biderman (2001), tem sido o objeto principal da Lexicografia. A autora ainda ressalta que entre nós é recente o advento de uma fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos.

2.1.2.1 Dicionários

A Lexicografia divide-se em duas grandes áreas: Lexicografia prática e Lexicografia teórica. A primeira se ocupa da descrição do léxico e tem como um de seus principais objetivos produzir obras de referência, como dicionários, vocabulários e glossários. Já a Lexicografia teórica, também chamada de Metalexicografia, dedica-se a todas as questões ligadas aos dicionários, como história, problemas de elaboração, análise, uso entre outros.

A palavra "dicionário", segundo Cunha (2007, p. 263), tem sua origem provavelmente do francês *dictionnaire*, derivado do latim medieval *dictiōnārĭum*, de dictĭo-ōnis, ou seja, livro de *dictiones*, "livro de expressões e palavras". O dicionário é visto geralmente como um objeto de consulta, como uma obra de referência à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber.

Nunes (2006) aponta que

por consistir em um espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição, (...) constitui

um rico material para análise dos modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas. Nele as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que se apresentam traços significativos de uma época. (NUNES, 2006, p. 11)

Dessa forma, o dicionário alcança o estatuto de um código normativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais. Segundo Krieger *et al.* (2006), o dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas – constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que ela reconheça-se a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico.

Embora seja marcado pelo lugar da certeza, fonte na qual as dúvidas podem ser sanadas, o dicionário deve ser reconhecido também como um instrumento em funcionamento, sujeito a transformações, deslocamentos, e até falhas na produção dos sentidos. Os sentidos podem mudar com o passar do tempo, provocando diferentes reações.

Hoje contamos com diversos dicionários. Eles podem objetivar registrar uma parcela maior ou parcial do léxico, focando, por exemplo, em um determinado tema ou nos usos de uma dada região. Podem se dedicar às fraseologias, à língua escrita, à gíria ou à língua falada. Podem ser caracterizados como descritivos, registrando como os itens lexicais são usados na realidade ou como prescritivos, determinando de que maneira palavras e expressões deveriam ser empregadas, ou criticando seu uso. Podem ser ainda monolíngues (uma só língua), bilíngues (duas línguas), trilíngues (três línguas) ou multilíngues.

Por todos esses papéis, apontam Krieger *et al.* (2006), o dicionário converte-se no testemunho, por excelência, da constituição histórica do léxico de um idioma, bem como da identidade linguístico-cultural das comunidades.

2.1.2.2 O saber lexicográfico no Brasil

No Brasil, segundo Nunes (2010), o saber lexicográfico se inicia com os primeiros escritos sobre o país. Havia comentários sobre as significações de palavras indígenas e listas de palavras português-tupi e tupi-português. Esse material propiciou aos missionários jesuítas dos séculos XVI ao XVIII a elaboração dos primeiros dicionários brasileiros, que eram bilíngues. Essa produção objetivava não somente o conhecimento da língua dos indígenas, mas também servia como ferramenta para a catequese, o que justifica o discurso religioso neles presente.

Baseando-nos em Botellho (2011), podemos citar como principais dicionários bilíngues do período colonial:

- a) "Vocabulário na Língua Brasílica". Dicionário anônimo que circulou pelas missões e colégios jesuítas do Brasil na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII. São conhecidos vários manuscritos desse dicionário, que não foi publicado integralmente senão em 1938, por Plínio Ayrosa. Essa obra traz a representação de uma unidade do espaço linguístico brasileiro, a chamada "língua brasílica" a que Anchieta se refere também como "a língua mais falada na costa do Brasil", e foi elaborado com o interesse prático de ensinar aos missionários a língua indígena a fim de converter os nativos.
- b) "Dicionário Português-Brasiliano". Dicionário publicado em Lisboa, em 1795. O percurso que vai desde o seu manuscrito até sua edição reflete a substituição da prática jesuítica, banida do país em 1759, pela prática editorial e de arquivo que vem marcar o final do século XVII e início do XVIII. Essa prática foi acentuada com a chegada da imprensa ao Brasil e com a política linguística promovida pelo Império.
- c) Manuscrito do "Dicionário Brasiliano-Português" de Frei Veloso e o manuscrito do "Vocabulário na Língua Geral", de Frei Prazeres do Maranhão (1826), primeiros dicionários língua indígena-língua portuguesa.
- d) Alguns estudiosos brasileiros (Gonçalves Dias, Ferreira França, Prazeres do Maranhão) e estrangeiros (Martius, Platzman), ainda de

acordo com Botelho (2011), realizaram compilações de dicionários dos jesuítas no Brasil, acrescentando ou suprimindo termos, atualizando o corpo dos verbetes, introduzindo comentários gramaticais ou mesmo reduzindo os dicionários de caráter enciclopédico a glossários termo a termo. Podemos incluir, entre as obras produzidas nesse contexto, a "Chrestomathia da Língua Brasílica", de Ferreira França (1859), e o "Dicionário da língua geral brasílica: português e alemão", inserido na "Glossaria Linguarum Brasiliensium", de Martius (1863).

Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, e com as reformas Pombalinas, que introduziram as concepções iluministas em Portugal e no Brasil, o discurso religioso cede espaço para o discurso das ciências, das leis e do Estado.

Nesse contexto, surge o "Diccionario da Lingua Portugueza" (1789), considerado pelos lexicógrafos uma obra fundadora da lexicografia de língua portuguesa. Produzido pelo brasileiro Antonio de Moraes Silva, serviu de base para a confecção de outros dicionários em Portugal e no Brasil. Nessa obra, inicia-se a inserção de palavras tipicamente brasileiras, embora essa prática fosse ainda distante da realidade da época. Firmou-se como importante referência no século XIX e até no XX.

Moraes Silva tomou por base o "Vocabulario Portuguez e Latino", de Raphael Bluteau, e resumiu os oito volumes daquele a apenas dois, mantendo a orientação de seu antecessor de exaltar os grandes autores de língua portuguesa. A obra teve oito reedições ainda no século XIX.

Segundo Biderman (2003), o dicionário bilíngue produzido por Bluteau privilegia o português e deixa o latim em segundo plano, sendo uma obra com características enciclopédicas, composta por 10 volumes, com informações sobre as coisas e o mundo, incluindo as abonações.

Sobre a obra de Moraes, Murakawa (2006) afirma:

Muito embora tenha utilizado o Vocabulario Portuguez e Latino (1712-1728) de Bluteau como fonte de referência para a elaboração de seu dicionário, apresentou inovações lexicográficas que tornaram sua obra modelo para a produção dicionarística nos séculos seguintes (MURAKAWA, 2006, p. 61).

Como já assinalado anteriormente, Moraes só insere seu nome como autor do dicionário na edição de 1813, já que a primeira, de 1789, seria apenas um resumo do "Vocabulario Portuguez e Latino" de Bluteau. Comparando as duas edições, Murakawa (2006) disserta:

Num confronto entre as duas edições do Diccionario, pode-se observar, na 2ª edição, o quanto Morais inovou em termos de acréscimo à nomenclatura. A 1ª edição, em dois volumes, contém 1290 páginas, sendo 749 no volume 1 e 541no volume 2. A 2ª edição, publicada 24 anos mais tarde, contém 1678 páginas também distribuídas em dois volumes, onde 806 estão no volume 1 e 872 no volume 2, não incluídas as páginas destinadas à introdução e ao Epitome. A 2ª edição em muito foi ampliada, não só em sua nomenclatura mas também em informação lexicográfica, como novos valores polissêmicos acrescentados às unidades e informação gramatical contida nos verbetes, orientando o leitor para as irregularidades da língua portuguesa. (MURAKAWA, 2006, p. 65)

Ainda, no século XIX, em 1832, surge aquela que teria sido a primeira obra desse gênero escrita, editada e impressa no Brasil, o "Diccionario da Lingua Brasileira" (DLB), de Luiz Maria da Silva Pinto. Esse dicionário ficou praticamente desconhecido dos pesquisadores até fins do século XX. Mais informações sobre essa obra foram arroladas na seção 1.2.4. Na seção 4.8 serão feitas considerações sobre seu título.

Vimos que as primeiras obras dicionarísticas a que o Brasil teve acesso foram as produzidas em Portugal, como as de Bluteau e Moraes citadas anteriormente. O fato de a lexicografia brasileira e a lusitana terem uma trajetória única nesse período é explicado pela proibição de publicações no Brasil. É a partir do século XIX que o país passa a ter autonomia de publicação editorial.

Mesmo com essas importantes contribuições do século XIX para a história da lexicografia brasileira, segundo Krieger *et al.* (2006, p. 174), é o século XX que representa um marco histórico da lexicografia brasileira, "definida mais pelos registros do Português do Brasil (PB) do que pelo lugar geográfico de publicação" .

Considerar que a lexicografia do século XX é inaugural, aponta Krieger *et al.* (2006), não significa esquecer que a consciência sobre a emergência da dicionarização do léxico usado no Brasil, envolvendo questões da identidade linguística do país, seja fato exclusivo desse período. Ao contrário, reconhecem as autoras que o século XIX já é cenário da problemática de reconhecimento do PB e de sua inter-relação com iniciativas lexicográficas pioneiras.

De fato, de acordo com Biderman (2002), a primeira tentativa de descrever o vocabulário brasileiro²⁵ foi feita por Antônio Joaquim Macedo Soares²⁶. Ele seria o primeiro dicionarista a descrever o português brasileiro se sua obra tivesse sido publicada integralmente no século XIX. Contudo, só a primeira parte, a letra C, foi publicada em 1888. Seu dicionário contém definições claras e precisas bem como informações de natureza fonética e etimológica.

Apesar desse tipo de iniciativa, as obras voltadas ao registro de brasileirismos no século XIX caracterizaram-se por funcionar "como complementos dos dicionários portugueses" (NUNES, 2006, p. 205). Em contraponto, uma lexicografia autônoma é fato apenas do século XX. Nunes (2013) aponta os anos 30 como ano de aparecimento dos primeiros dicionários gerais brasileiros, citando os dicionários de Freire, de 1939-1944, e Barroso e Lima²⁷, de 1938. O autor reforça que os dicionários gerais brasileiros só se estabelecem definitivamente nos anos 1960-1970, quando substituem os dicionários portugueses, passando a

²⁵ Diccionario brasileiro da lingua portuguesa: elucidário etimológico crítico: das palavras e frases que, originárias do Brasil... (1875-1888).

Nasceu em 14 de janeiro de 1838, na vila de Maricá, província do Rio de Janeiro. Em 1855, formou-se em Teologia, mas, não tendo vocação para a vida religiosa, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo. Atuou como advogado e juiz de direito até a Proclamação da República. Com a organização da Justiça, foi nomeado, em decreto de 26 de novembro de 1890, Juiz da Corte de Apelação. Ingressou no Supremo Tribunal Federal, sendo nomeado Ministro, em decreto de 25 de janeiro de 1892; tomou posse a 29 do dito mês. Tomou assento na Assembleia Legislativa de sua província natal e foi agraciado, por D. Pedro II, com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, em decreto de 30 de novembro de 1866. Muito ilustrado, perfeito conhecedor das teorias e práticas do Direito, foi um grande cultor das letras; seus numerosos e apreciados trabalhos jurídicos e literários são testemunhas do seu talento, virtudes e aprofundados estudos. Faleceu em 14 de agosto de 1905, na cidade do Rio de Janeiro. (SUPREMO TRIBUNAL ELEITORAL)

²⁷ BARROSO, Gustavo; LIMA, Hildebrando. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

ser mais utilizados que aqueles. Para ele, os dicionários de Silva²⁸, que teve sua primeira edição em 1962, e Ferreira, de 1975, são dois dos mais representativos desse último momento. É bem recente, portanto, a constituição dos grandes dicionários monolíngues brasileiros.

Veremos maiores informações sobre os dicionários de Freire e Ferreira na seção 3.2, já que eles compõem o conjunto das obras lexicográficas consultadas nesta pesquisa.

2.1.3 Terminologia

Para Krieger e Finatto (2004), a Terminologia é um termo polissêmico, pois pode significar os termos técnico-científicos, representando o conjunto das unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica (terminologia, grafado com "t" minúsculo), ou o campo de estudos (Terminologia, grafado com "T" maiúsculo). Nesse caso, ao lado de fundamentos teóricos, há também uma dimensão aplicada, refletida na produção de glossários e dicionários técnicos, entre outros instrumentos de organização formal das terminologias. Essa face aplicada da Terminologia também é chamada de Lexicografia Especializada ou Terminografia.

Desde tempos remotos, apontam as autoras, os homens criam e utilizam palavras para expressar e denominar conceitos, objetos e processos dos diferentes campos do conhecimento especializado. Embora o emprego de termos técnico-científicos seja antigo, o campo de estudo dedicado à terminologia é recente, iniciado apenas na segunda metade do século XX com Wüster²⁹ na Universidade de Viena.

²⁸ SILVA, Adalberto Prado e. *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado* (em cinco volumes). São Paulo: Melhoramentos, 1962.

²⁹ Eugen Wüster (1898-1977), engenheiro austríaco, nos anos 1930, estabeleceu as bases da futura Teoria Geral da Terminologia (TGT). Essa corrente teórica prega o princípio da univocidade entre o conceito e seu respectivo termo, não admitindo, portanto, nenhuma possibilidade de variação nos domínios de especialidade. Os estudos terminológicos atuais (correntes como a Socioterminologia, a Teoria Comunicativa da Terminologia e o Sociocognitivismo) assumem a sinonímia, a polissemia e os recursos metafóricos e metonímicos como uma realidade da linguagem técnico-científica, de maneira análoga ao que ocorre nos discursos não especializados. (O que é terminologia? Disponível em: http://www.fllch.usp.br/dlcv/neo/terminologia.html. Acesso em 22 nov. 2013)

Como esse tipo de comunicação especializada possui determinadas peculiaridades, como precisão, objetividade e o uso sistemático de termos técnico-científicos, nos lembram Krieger e Finatto (2004), costuma também ser identificada como língua para fins específicos, tecnoleto, língua de especialidade entre outras denominações. A essas unidades lexicais que designam um conceito de um domínio de especialidade chamam-se "termos".

Krieger e Finatto (2004) apontam que o léxico temático configurase como um componente linguístico, não apenas inerente, mas também a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área. Dessa forma, os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado. As autoras ainda destacam que, ao circunscreverem conteúdos específicos, as terminologias auxiliam também a ilidir ambiguidades e jogos polissêmicos, frequentes no uso do chamado léxico geral da língua, contribuindo para uma desejada precisão conceitual.

Segundo Cabré (1993), os termos, aparentemente, não parecem se diferenciar muito das palavras³⁰ se se considerar uma perspectiva formal ou semântica, mas se diferenciam notadamente se apontarmos critérios pragmáticos e comunicativos.

Para a autora, a peculiaridade mais notável da terminologia, comparada ao léxico comum, é o fato de essa servir para designar conceitos próprios das disciplinas e das atividades de especialidade. Dessa forma, os termos são conhecidos fundamentalmente pelos especialistas de cada uma dessas matérias, e aparecem com frequência muito elevada nos documentos especializados de cada disciplina.

Cabré (2003) ainda ressalta que os termos são unidades sígnicas distintivas e significativas, como as palavras do léxico geral, ao mesmo tempo que se apresentam de forma natural no discurso especializado. Possuem assim uma vertente sistemática (formal, semântica e funcional) toda vez que são unidades de um código estabelecido e também mani-

³⁰ Como o termo "palavra" é bastante genérico e, portanto, passível de causar equívocos, neste trabalho optamos por utilizar unidade lexical ou item lexical.

festam uma vertente pragmática, já que são unidades da comunicação especializada para designar os objetos de uma realidade preexistente.

Por serem a base da comunicação entre os especialistas, os termos exigem um nível de precisão mais alto do que os itens lexicais da comunicação geral. Nesta pesquisa, analisamos os termos da ourivesaria. A seguir, veremos quais foram analisados.

CAPÍTULO 3



Cenas do Garimpo, Di Cavalcanti (Óleo s/ tela, 1957 – Acervo Museu Mineiro)

GARIMPAR É PRECISO!

3.1 Constituição das fichas terminológicas

Neste capítulo, listaremos as 36 fichas terminológicas, em ordem alfabética, resultantes do nosso levantamento de dados. Para cada um dos 36 termos, marcados como "termo de ourivesaria" ou relacionados diretamente a esse universo, no DLB, elaboramos uma ficha.

O modelo da ficha é inspirado naqueles usados em trabalhos terminológicos de forma geral. Para Cabré (2003), a ficha terminológica é uma pauta estruturada, que permite consignar, de forma ordenada, as informações sobre um mesmo termo.

Apresentação do termo selecionado da obra em edição fac-símile Apresentação do termo transcrito Registro em dicionários: →Cunha: →Bluteau: →Moraes Silva: →Freire:

FIGURA 10 – Ficha terminológica

→Aurélio: →Houaiss:

Comentários:

(Número da ficha)

Do lado esquerdo, na parte de cima, apresentamos o número da ficha terminológica, em negrito. Na primeira divisão da ficha, na parte superior, destacamos a unidade lexical que será analisada, inserindo o

termo e o conceito de interesse à pesquisa, por meio da transcrição diplomática e da edição fac-similar.

Cambraia (2005), ao comentar sobre os tipos de edição de manuscritos, informa-nos que a edição fac-similar apresenta grau zero de mediação, uma vez que reproduz um testemunho por meio de meios mecânicos; a edição diplomática apresenta, por parte do editor, um grau baixo de mediação; já a edição paleográfica, também conhecida por semidiplomática, possui grau médio de mediação, na qual se objetiva maior apreensão por parte do leitor; e, finalmente, a edição interpretativa, ou atualizada, é o grau máximo de mediação admissível.

Optamos pela edição diplomática, pois ela permite a conservação do estado de língua da época, dado importante para o nosso estudo. Nesse tipo de edição, as abreviaturas não precisam ser desenvolvidas.

Neste trabalho, apesar de termos uma fonte impressa, tomaremos como base as Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil, propostas por Cambraia, Cunha e Megale durante o "II Seminário para a História do Português Brasileiro", realizado em Campos do Jordão-SP, no período de 10 a 16 de maio de 1998. A utilização desse expediente garantirá maior fidedignidade e cientificidade ao transcrevermos os verbetes.

Na segunda parte da ficha, destacamos a etimologia dos termos, baseando-nos em Cunha (1987). Caso o termo não tenha sua origem revelada por Cunha, recorreremos às demais obras lexicográficas selecionadas para este estudo. Ainda, nessa segunda parte da ficha, trazemos a definição dada por cada um dos cinco dicionários consultados. Quando isso não ocorre, ou seja, quando um dos dicionários não registra o termo, indicamos "não consta" no espaço seguinte ao nome do autor.

Cabe ressaltar que a presença de certos itens lexicais nos dicionários aqui citados será sempre um indício do uso real.

A sequência das obras nas fichas foi escolhida de forma a se apresentar primeiramente a etimologia dos termos e, em seguida, suas definições, obedecendo à ordem cronológica de publicação dos dicionários. Sabemos, no entanto, que essa cronologia não indica necessariamente uma

"evolução", já que alguns dicionários são mais fidedignos que outros.

A última parte da ficha é composta por comentários.

Por meio das fichas, consultando os autores das obras lexicográficas correspondentes a períodos diversos, podemos visualizar se a unidade lexical em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles; e, também, podemos conhecer sua origem. Além de analisar o termo coletado, a ficha terminológica constitui uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e comparação dos dados.

3.2 Obras lexicográficas consultadas

a) "Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa" (1987/2007), de autoria de Antônio Geraldo da Cunha. Consta em nossa ficha esse dicionário com o objetivo principal de esclarecer a origem dos vocábulos e a datação aproximada da sua entrada na língua portuguesa. Outra finalidade da escolha desse dicionário foi a de identificar as formas variantes que tais vocábulos adquiriram ao longo do tempo, podendo, com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*.

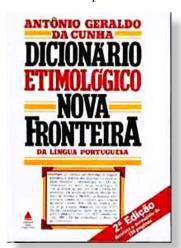


FIGURA 11 – Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa

b) "Vocabulario Portuguez e Latino", de autoria de Raphael Bluteau (1712-1728). Selecionamos esse dicionário por ser uma obra que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até início do século XVIII. É reconhecido pelos estudiosos da área como uma obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa.

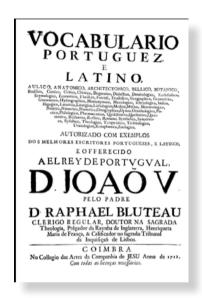


FIGURA 12 – Folha de rosto do Vocabulario Portuguez e Latino

"Diccionario da íngua Portugueza", de autoria de Antonio de Moraes Silva (1813). Tomando como base o "Vocabulário Portuguez e Latino", Moraes constrói seu dicionário utilizando-se, também, de obras de vários autores.



FIGURA 13 – Folha de rosto do Diccionario da íngua Portugueza

d) O "Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa", de Laudelino Freire (1957), foi escolhido como obra de referência da primeira metade do século XX por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, por incluir muitas locuções, expressões e brasileirismos.



FIGURA 14 – Folha de rosto do Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa

e) "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa", de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999) e "Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa", de Antônio Houaiss (2009). Optamos por essas obras pelo fato de serem considerados dicionários padrão da sociedade brasileira dos séculos XX e XXI, apresentando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. São dicionários que, embora contem com limitações, apresentam grande número de abonações de obras variadas, exemplificações, exemplos baseados em linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.



FIGURA 15 – Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

3.3 Estudo contemporâneo dos termos de ourivesaria

Para completar a análise, partimos para o estudo do uso contemporâneo dos termos de ourivesaria. Para tanto, aplicamos questionários semântico-lexicais a 10 ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região.

Inicialmente, foi feita uma rodada de perguntas (questões A) aos ourives sobre sua ciência em torno do significado de todos os 36 termos

selecionados, conforme estão em Silva Pinto. Nos casos de resposta afirmativa, passamos às questões B, do tipo "O que é? Para que serve?". A esses termos presentes em Silva Pinto que ainda fazem parte do jargão dos entrevistados, seguimos com outra pergunta (C), tal como "Existe algum outro nome para...?". Isso pôde apontar para alguma forma sinônima que encontre lugar nas obras lexicográficas mais atuais. Caso a resposta à primeira questão fosse negativa, passamos às questões D do questionário, objetivando identificar se o termo em estudo foi substituído por outro ou se é conhecido na região de outra forma.

Nosso objetivo era saber se tais termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles. Partimos da palavra para o conceito. Quando a resposta não foi a esperada, partimos do conceito para a palavra.

Procuramos entrevistar 10 ourives que atuassem na cidade de Ouro Preto e região e que tivessem experiência mínima de 1 ano. Ser ouro-pretano não foi um requisito de exclusão desta pesquisa. O entrevistado poderia ser do sexo feminino ou masculino e pertencer a qualquer faixa etária.

O uso de diferentes dicionários, representantes dos séculos XVIII ao XXI, aliado aos questionários aplicados aos ourives, permitiu a análise tanto sincrônica e diacrônica da terminologia de ourivesaria quanto etnolinguística, uma vez que pudemos perceber e ratificar as relações entre língua, cultura e sociedade.

3.4 As fichas terminológicas

Listaremos, a seguir, as 36 fichas terminológicas, em ordem alfabética, resultantes do nosso levantamento de dados.

Ficha 1 - Termo ADASTRA

Adastra, s. m. Instrumento de ouvive. He de terro e con o hum tuso; serve bara endirertar aros.

Adastra, s. m. Instrumento de ourives. He de ferro e como hum fuso; serve bara endireitar aros.

- →**Cunha:** adastra sf. 'instrumento usado pelos ourives para endireitar anéis' 1712. De origem desconhecida.
- →**Bluteau:** ADASTRA. (Termo de Ourives.) Hú ferro, em diminuição, em o qual se endireitão os aros dos aneis: não tem nome proprio latino.
- →**Moraes Silva:** ADASTRA, s. f. instrumento de Ourives, de ferro afusado, para endireitar os aros dos aneis.
- \rightarrow Freire: ADASTRA, s. f. Lat. ad + dextram. Instrumento de ourives com que se consertam os aros dos anéis. \parallel 2. Bigorna para maleabilizar fôlhas metálicas.
- → **Aurélio:** adastra. [Dev. de *adastrar*.] *S. f.* 1. Instrumento com que os ourives endireitam aros de anéis.
- →**Houaiss:** adastra (1712) *S.f.* 1 instrumento de ourives para consertar aros de anéis [...].

Comentários: Embora apenas Bluteau marque *adastra* como termo de ourivesaria, as demais definições apresentadas remetem a esse universo. Nenhum dos ourives entrevistados conhece esse termo. 90% citaram *tribulet*, a partir do conceito de *adastra*, como possível correspondente.

Arruella s. f. (T. de Armaria.) Circulos pequenos de huma ob annitas còres. (T. Naufico) Argolinhas de ferro. (T. de Onrives) Pedaço de prata que se vasa.

Arruella s. f. [...] (T. de Ourives) Pedaço de prata que se vasa.

- → Cunha: arruela sf. 'chapa com um furo circular pelo qual se introduz o parafuso a fim de que a porca não desgaste a peça que vai ser aparafusada' | XV, rroela XIV | Do ant. fr. Roelle (hoje rouelle), deriv. do lat. tard. rotella, dim. De rôta 'roda'.
- →**Bluteau:** ARRUELLA. Termo de Ourivez. [...] he pedaço de prata redondo, que se vasa no instrumento de ferro, a que chamão Tijolo.
- →**Moraes Silva:** ARRUELLA s. f. do Bras. são humas rodaszinhas, como tem os Almeidas, e Castros. § *Entre os ourives*, pedaço de prata vasado no Tijolo. [...].
- → Freire: ARRUELA, s. f. [...]. 3. Pedaço redondo de prata que se obtém vazando a prata fundida no tijolo. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** arruela. [De ar^4 + $ruela^2$.] S. f. [...]. 3. Pedaço de prata lavrado em tijolo.
- →**Houaiss**: arruela (sXIV) *S.f.* 1 plaqueta circular ou quadrada provida de um furo central, que serve de base à porca para distribuir a pressão resultante do aperto do parafuso em maior área de contato; nina [...].

Comentários: Apenas as definições dadas por Cunha e Houaiss não remetem ao universo da ourivesaria. Somente Bluteau marca esse termo como sendo de ourivesaria. Nenhum dos ourives entrevistados conhece esse termo e todos disseram não trabalhar com vazamento de prata no tijolo.

Branqui neuto s. m. Banho, com que os ourives limpão a prata, e a fazem branca.

Branquimento s. m. Banho, com que os ourives limpão a prata, e a fazem branca.

- \rightarrow Cunha: branqueamento, -ar \rightarrow BRANCO. Branco *adj*. 'da cor da neve, do leite etc.' [...] branqueamento 1844 || branquear XV [...].
- →**Bluteau:** BRANQUEAR o dinheiro. Na casa da moeda, he bandejar o dinheiro numa pella com brazas, e despois botalo na agoa, que està fervendo num tacho com farro, e alimpalo com hum panno, para hir ao cunho, donde jà branqueado, fahe lustroso [...].
- →**Moraes Silva:** BRANQUIMENTO, s. m. banho de que usão os Ourives para limpar a prata, e dar-lhe còr branca, compõe-se de sal marinho, e limões, fervidos em agua; ou de sarro de vinho, e sal.
- → Freire: BRANQUIMENTO, s. m. de *branquir* + *mento*. Ação de branquir. || 2. Preparo de sarro fervido com sal, com que se branqueiam objetos de prata.
- → **Aurélio:** branqueamento. [De *branquear* + -*mento*] *S. m.* Ação ou efeito de branquear(-se); branqueação, branqueadura.
- →**Houaiss:** branqueamento (1836) *S.m.* ato, processo ou efeito de branquear 1 o tornar algo branco, ou mais branco. [...]. 3 ato ou efeito de limpar e lustrar (p.ex., mármore, metal). [...].

Comentários: Bluteau não lista *branquimento* nem *branqueamento* em seu dicionário. Lista apenas branquear, que remete à limpeza do dinheiro (feito de metal). Nas demais obras, o termo é definido, mas não é marcado como sendo de ourivesaria. Metade dos ourives entrevistados reconheceu o termo e seu conceito. 40% disseram não trabalhar com essa prática e 10% responderam que fazem polimento para limpar a prata.

Cacoleta.s. f Na espingarda he a parte, onde se deita a polvora para dar fogo. Vaso de ourives para recozer a prata.

Caçoleta, s. f [...] Vaso de ourives para recozer a prata.

→Cunha: não consta

→**Bluteau:** CAÇOLETA, caçolêta. He hum vaso, em que o Ourives recoze a prata, para a examinar por burilada, Duas buriladas, recozidas em huma *Caçoleta* no fogo. [...].

→**Moraes Silva:** CAÇOLETA; s. f. o fuzil da espingarda. § | Vaso em que o ourives recoze prata.

→ Freire: CAÇOLETA, s. f. [...]. 2. Espécie de cadinho para recozimento do ouro ou da prata. [...].

→**Aurélio:** caçoleta (ê). [*Por *caçouleta*, de *caçoula* + *eta* (ê).] *S. f.* 4. Cadinho de ourives.

→**Houaiss:** caçoleta (1694) *S.f.* 1 OUR. cadinho us. em trabalhos de ourivesaria [...]

Comentários: Todas as obras consultadas, exceto a de Cunha que não traz o termo, embora não marquem *caçoleta* como termo de ourivesaria, o definem como tal. Nenhum dos ourives entrevistados reconheceu o termo *caçoleta* e todos citaram *cadinho*, a partir do conceito de *caçoleta*, como provável correspondente.

Cartabuxa, s. f. [T. de ourives] Escova de arame.

Cartabuxa, s. f. [T. de ourives] Escova de arame.

- →Cunha: cartabuxa sf. 'escova de arame usada pelos ourives 1844, de origem obscura || cartabuxar 1844.
- →**Bluteau:** CARTABUXA, cartabùxa. (Termo de Ourives.) He hũa escovinha de arames, com que se esfrega, e se alimpa a obra. [...].
- →**Moraes Silva:** CARTABUXA, s. f. escova de arame, de que usão os ourives.
- → Freire: CARTABUXA, s. f. Escôva de barbas de arame, usada por ourives e impressores.
- → Aurélio: cartabuxa. S. f. escova de arame com que os ourives e cravadores de letras limpam os puncões depois de temperados.
- \rightarrow **Houaiss:** cartabuxa (1712) *S.f.* pequena escova de arame, us. por ourives e impressores ETIM. orig. obsc.

Comentários: Todas as definições dadas para *cartabuxa* remetem ao universo da ourivesaria, embora apenas Bluteau o marque como *Termo de Ourives. Cartabuxa* é desconhecido por todos os ourives entrevistados. Como possíveis correspondentes, a partir do seu conceito, temos diferentes *escovas* (*de latão*, *de aço*, *de algodão*, *de pelo de cavalo*).

Cifa s. f. Assim chamão os ourives a aréa, de que enchem os frascos de muldar, e vasar as peças. (T. Naut.) Untura que se dà nas embarcações.

Cifa s. f. Assim chamão os ourives a arèa, de que enchem os frascos de moldar, e vasar as peças. [...].

- →Cunha: cifa sf. 'areia que os ourives empregam para moldar' 1813. Do ár. sāifâ.
- →**Bluteau:** não consta.
- → Moraes Silva: CIFA, s.f. areia de que os ourives enchem os frascos de moldar, e vasar as peças, que hão de lavrar depois. [...].
- → Freire: CIFA, s. f. Ár. *saifa*. Areia de que os ourives enchem os frascos de moldar e vazar as peças que êles depois têm de lavrar.
- → **Aurélio:** cifa. [Do ár. *sayf*, 'espada'; 'areia fina (sentido metafórico)'.] *S. f.* Areia que os ourives empregam para moldar.
- →**Houaiss:** cifa (1789) *S.f.* OUR areia us. pelos ourives para moldar peças vazadas.

Comentários: Apenas Bluteau não lista *cifa* em seu dicionário. Os demais dicionaristas definem a lexia relacionando-a ao mundo da ourivesaria. 100% dos ourives entrevistados desconhecem *cifa*. Para moldar, usam *cera perdida, gesso, dado de bola*.

Copella, s. f. Vazo de que usão os ourives para afiuar o ouro, ou a prata.

Copella, s. f. Vazo de que usão os ourives para afinar o ouro, ou a prata.

- →Cunha: copela sf. 'vaso poroso que serve para separar a prata de outros metais' XVIII. Do lat. cūpella, dim. de cūpa 'copa', através do it. coppèla ou, mais provavelmente, do fr. coupelle.
- →**Bluteau:** COPELHA, ou copella. (Termo de Ensayador de moeda) Vem do Francez *Coupelle Vaso pequeno*, e chato, feyto de cinzas de lenha leve, e de ossos de pés de carneyros. Nelle se faz fūdir o ouro, ou prata, que querem examinar, ou purificar, e misturase-lhe hum pouco de chúbo, o qual ou se embebe na Copelha, ou se evapora, e leva consigo toda a impuresa do metal. [...].
- →Moraes Silva: COPELHA, s. f. ou COPELA, s. f. vaso feito de cinzas leves, e de ossos de pés de carneiro calcinados, usão deles os ensaiadores, para afinar o oiro, ou prata.
- → Freire: COPELA, ou COPELLA, S. F. Lat. *cupella*. Pequeno vaso em forma de taça, feito de cinzas lavadas ou de ossos calcinados, e que se usa na copelação. [...].
- → Aurélio: copela. [Do it. *coppella*.] *S. f.* Cadinho us. na copelação.
- →**Houaiss:** copela (1694) *S.f.* METAL pequeno cadinho us. na copelação ('processo de purificação').

Comentários: Todas as definições dadas para *copella* remetem ao universo da ourivesaria. Bluteau faz a marcação *Termo de Ensayador de moeda*. Os ourives entrevistados não reconheceram esse termo, mas, por meio de seu conceito, disseram usar o *cadinho* para afinar o ouro.

Embutideira, s. f. Instrumento de ourives.

Embutideira, s. f. Instrumento de ourives.

→Cunha: não consta

- →**Bluteau:** EMBUTIDEIRA. (Termo de Ourives) he hum ferro com diversos fundos, com que se faz o concavo das chapas dos botoens, ou de qualquer outra obra. [...].
- →**Moraes Silva:** EMBUTIDEIRA, s. f. peça de metal com cavidades de varias feições, sobre as quaes se carregão as chapas de prata, ou oiro para fazer os botões relevados por dentro, t. *d'Ourives*.
- → Freire: EMBUTIDEIRA, s. f. De *embutir* + *deira*. Utensílio de ourives, para tornar os botões relevados por dentro. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** embutideira. [De *embutir* + -*deira*] *S. f.* Peça com que se fazem botões em relevo. [...].
- \rightarrow **Houaiss:** embutideira *S.f.* peça própria para se produzirem botões com relevo.

Comentários: Apenas Bluteau e Moraes Silva marcam *embutideira* como termo de ourives. No entanto, as demais definições remetem a esse universo. 60% dos ourives entrevistados reconheceram o termo, sendo que desses, 20% falaram em embutidor e 20%, em dado de bola.

Ensaio, s. m. Prova do Onrives. on Chimico para examinar o vafor dos metaes. Tentativa

Ensaio, s. m. Prova do Ourives ou Chimico para examinar o valor dos metaes. [...].

- →**Cunha:** ensaio sf. 'prova, experiência, estudo' | ensay XIII | Do lat. tardio exagium || ensaiAMENTO | -ayamēto XIV || ensaiar | XIV, ensayar XIV || ensaISTA XX. Adapt. Do ing. essayist (essay ensaio).
- →**Bluteau:** ENSAIO Examinar o ouro por ensaio, ou Ensaiar o ouro. Este ensaio se faz em balança julgandose os quilates que tem, por peso, depois depurifuicação no fogo; o qual se faz pesandose 24 quilates (do ouro da peca, ou barra, que guerem examinar) pelo mesmo peso, em que estão repartidos os 24 quilates; a esta quantidade de ouro (que ordinariamente são seis graos do marco) se lhe ajuntão dous tantos de prata, que seja pura em tal porção, que sendo o ouro baixo, ou fino, figue sendo huma terca parte do ouro, e duas tercas partes de prata; estes dous metaes se unem com chumbo, e ficaõ somente o ouro, e a parta unidos (sem mais metal) em hum grao, o qual batido feito em chapa, se serve, em agoa forte, até estar fino, aonde fica somente o ouro liquido, dividido da prata, o qual lavado, e recozido, se torna a pesar, e quantos quilates, ou graos lhe faltarem para o peso dos 24 quilates, tanto se lhe desconta de sua maior fineza, que sao os 24 e assi pelo que diminue se vem no conhecimento dos quilates que tem, e da liga, que tiver incorporada. Cousa, em que se tem feito ensaio. [...].
- →**Moraes Silva:** ENSAIO, s. m. prova, que o Ourives, ou Quimico faz dos metaes para examinar os seus quilates. [...].
- → Freire: ENSAIO, s. m. Lat. exagium. Ato de ensaiar. || 2. Ato de examinar o peso, os quilates, o preço do ouro ou da prata. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** ensaio. [Do lat. tard. *exagiu*.] *S. m.* [...] 2. exame, análise, apreciação. [...].
- →**Houaiss:** ensaio (sXIII) [...]. 11 METAL., OURIV. análise química ou *toque* para verificar o *título* de uma moeda ou de peça de prata ou ouro.

Comentários: As definições apresentadas remetem à prática de examinar, avaliar. Apenas Houaiss marca o termo. 80% dos ourives entrevistados desconhecem o termo *ensaio*. Quanto ao seu conceito, temos como possíveis correspondentes citados por eles: *teste de toque, avaliar ou testar o metal*.

Ficha 10 - Termo ESCOVILHA

Escovilha s. f. Cova, onde o oncives guarda o lixo.

Escovilha s. f. Cova onde o ourives guarda o lixo.

- →**Cunha:** escovilha sf. 'ato de escovilhar' resíduo de ouro ou de prata' 1751. Do prov. escobilha, deriv. do lat. scōpelīa, de scōpa 'vassoura' || escovilhar 1881. Cp. ESCOVA.
- →**Bluteau:** ESCOVILHA. He a cova, donde se guarda o lixo na casa do ourivez. *Scrobiculus, in quem auri vel argenti purgamenta congeruntur*. Lavar e escovilha. (Termo de ourivez.) He tirar do lixo algum ouro, que cahio nelle. [...]
- →**Moraes Silva:** ESCOVILHA, s. f. d'Ourives; a cova onde se guarda o lixo; e lavar a escovilha, lavar o lixo para apurar a prata, ou oiro que vai nelle.
- \rightarrow Freire: ESCOVILHA, s. f. De $esc\hat{o}va + ilha$. Ato de escovilhar. $\parallel 2$. Os detritos metálicos que nas oficinas onde se labora o ouro e a prata restam dessa laboração, e que depois aproveitados pelos escovilheiros.
- → **Aurélio:** escovilha. [Do provenç. *escovilh* ou do esp. *escobilla*.] *S. f.* [...]. 2. Resíduos de ouro ou de prata.
- \rightarrow **Houaiss:** escovilha (1713) *S.f* 1 ato de escovilhar 2 conjunto de restos ou resíduos de ouro e ou de prata.

Comentários: Todas as acepções remetem à ourivesaria. Apenas Bluteau e Moraes marcam esse termo. 90% dos ourives entrevistados desconhecem o termo *escovilha*. Sobre o local onde guardam os resíduos de metais, citaram: *qualquer recipiente, frascos, caixas, gaveta da bancada e balde com a "água de mão*³¹".

 $^{^{31}}$ É chamada de "água de mão" a água armazenada em um balde na qual o ourives lava suas mãos para que os resíduos de metal decantem no fundo do recipiente.

Estilheira, s. f. He buma peça de madeira no caixão do Ourives, onde elle descança o braço.

Estilheira, s. f. He huma peça de madeira no caixão do Ourives, onde elle descança o braço.

- →Cunha: não consta
- →**Bluteau:** ESTILHEIRA. (Termo de Ourivez.) Hum pao pregado no caxaõ, que serve de fuster a maõ. *Manũs sustentaculum, i. Neut.*
- →**Moraes Silva:** ESTILHEIRA, s. f. no caixão dos Ourives, he uma peça de páo, que serve de suster a mão.
- → Freire: ESTILHEIRA, s. f. De *estilha* + *eira*. Utensílio em que o ourives apóia a mão e o objeto em que trabalha.
- →Aurélio: não consta.
- →Houaiss: não consta

Comentários: Apenas Laudelino, Moraes Silva e Bluteau listam *estilheira* em seus dicionários. Embora apenas Bluteau o marque como termo de ourivesaria, as demais definições remetem a esse universo. 50% dos ourives entrevistados reconheceram *rilheira* e, desses, a maior parte a usa como suporte da peça que será trabalhada.

Estilo, s. m. Ferro, de que antigamente se usava em lugar de penna. Modo de dizer, de escrever. Ponteiro, de que se serve o Ourives para debuxar, e o Pintor para abrir a

pintura, estutada. Ponteiro do relogio. Uso, costume.

Estilo, s. m. [...] Ponteiro, de que se serve o Ourives para debuxar, e o Pintor para abrir a pintura estufada. [...].

- \rightarrow Cunha: estilo s. m. 'espécie de ponteiro antigamente usado para escrever sobre a camada de cera das tábulas' 'maneira de escrever, falar etc.' | estilo XIV | Do lat. stīlus $-\bar{1}$ || estiliFORME XX.
- →**Bluteau:** ESTILO. (Termo de Ourivez.) Ponteiro de latão, com que o ourivez debuxa. *Stylus aurificis*.
- →**Moraes Silva:** ESTILO, s. m. [...] ponteiro, que serve ao Ourives para debuxar, e o pintor para abrir a pintura estofada. [...].
- → Freire: ESTILO, ou ESTYLO, s. m. Gr, *stulos*. Ponteiro ou haste metálica com que os antigos escreviam em tábuas enceradas, aguçado em uma das extremidades com que traçavam os caracteres e achatado na outra para corrigir, suprimir ou apagar o que tinham escrito. [...].
- → Aurélio: estilo. [Do lat. *stilu*.] *S. m.* 1. Pequena haste de osso, metal etc., com uma extremidade ponteaguda e a outra espatulada, que era us. pelos antigos para escrever sobre a camada de ceradas tábulas [...].
- →**Houaiss:** estilo (sXIV) *S.m.* 1 Diacronismo: antigo. ponteiro ou haste de metal, osso etc., us. pelos antigos para escrever sobre tábuas cobertas de cera, dispondo de uma extremidade pontiaguda, a que imprime os caracteres, e outra achatada, para apagar os erros.

Comentários: Embora todos definam estilo, apenas em Bluetau, que inclusive marca o termo, e em Moraes Silva vemos menção direta ao universo da ourivesaria. No entanto, as demais definições sugerem a prática de traçar, desenhar. 90% dos ourives entrevistados não reconheceram estilo e, pelo conceito desse termo, temos como prováveis correspondentes citados por eles: *ponteiro, buril, compasso, fresno*.

Fra-co s. m. Vaso de vidro com gargalo muito curto. Entre os ourives são duas perças de bronze oude se calca a area para se tirar o molde da obra. Polvorinho, fullando de polvora.

Frasco s. m. [...] Entre os ourives são duas peças de bronze onde se calca a area para se tirar o molde da obra. [...].

- →**Cunha:** frasco sm. 'pequena garrafa para medicamentos, perfumes etc.' XVI. Do lat. tard. provém do nominativo latino || frasca XV || frascARIA XVI || FrascÁRIO XVI || frasqueira sf. 1858.
- →**Bluteau:** FRASCO (Termo de Ourivez) He huma caxa, em que está a area, com que se moldea. *Arenarum, quibus aurifices operum suorum typos formant, pyxis, idis. Fem.*
- →**Moraes Silva:** FRASCO, s. m. [...] Duas peças de bronze, entre as quaes se ataca a areia, onde fica o molde da fivela, ou obra de prata, que se ha de vasar (t. d'Ourives) frasco de polvora, polvarinho.
- → Freire: FRASCO, s. m. Lat. *vasculum*. Vaso de vidro, ordinàriamente de bôca estreita, para líquidos principalmente. [...].
- → Aurélio: frasco. [Do b-lat. *flasco*, onis < ger. *flaska*.] S. m. 1. Garrafa pequena, de vidro, de cristal ou de barro vidrado, para medicamentos, perfumes, etc; vidro. [...].
- →**Houaiss:** frasco (sXVI) *S.m.* 1 recipiente de vidro, porcelana, cristal etc., de tamanho e forma variáveis, us. para guardar líquidos, pós, pílulas etc.; vidro.

Comentários: A definição de *frasco* só remete à ourivesaria em Bluteau (que o marca) e em Moraes Silva. 60% dos ourives entrevistados reconheceram o termo *frasco* e disseram utilizá-lo para armazenar diferentes materiais; não o usam como molde.

Fuste, s. m. Pàosinho. de que usão os ourives, embetumado n'hum dos extremos, onde estão pegadas as peças para lavrallas ao boril. Fuste da columna o corpo, on trenco della.

Fuste, s. m. Pàosinho de que usão os ourives, embetumado n'hum dos extremos, onde estão pegadas as peças para lavrallas ao buril. [...].

- →Cunha: fuste sm. 'acha de lenha, pau' XIII. Do lat. fūstis || ENfusar 1899.
- →**Bluteau:** FUSTE (Temo de Ourivez) He hú páo, em que se betumaõ as peças de ouro, para se aperfeiçoarem nelle. *Lignũ*, *quo glutinata aurificum opera sustinentur*.
- →**Moraes Silva:** FUSTE, s. m. (d'Ourives) páosinho com hum extremo embetumado, no qual se pegão as peças miúdas, que se hão de lavrar ao buril. [...].
- → Freire: FUSTE, s. m. Lat. *fustis*. [...] | 10. Pedaço de madeira que tem em uma das faces uma grande camada de betume em que os ourives pegam as peças que pretendem lavrar no buril. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** fuste. [Do lat. *fuste*, 'vara', 'bastão'.] *S. m* [...]. 3. Pauzinho com uma camada de betume em uma das extremidades, com o qual os ourives pegam nas peças miúdas que hão de lavrar. [...].
- →**Houaiss:** fuste (1152) *S.m.* [...]. 3 pedaço de madeira que tem em uma das faces uma camada de betume por onde os ourives pegam as peças a serem lavradas no buril.

Comentários: Apenas em Cunha não vemos, na definição de *fuste*, menção à ourivesaria. Bluteau e Moraes Silva o marcam. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo *fuste*. Citaram como possíveis correspondentes: *pinça*, *pau de lacre e alicate*.

Maçarico, s. m. Ave. Camdo. de que se serve n os ourives, com que soprão o lume da candea para a peça de filagrana, que querem soldar. Chama se tambem maçarico o macho da leb e, que tem huma mancha branca na testa.

Maçarico, s. m. [...]. Canudo de que se servem os ourives, com que soprão o lume da candea para a peça de filagrana, que querem soldar. [...].

- → Cunha: maçarico sm. 'todo por onde se sopra a chama para lhe dar poder oxidante ou redutor' 'aparelho que permite obter chama a uma temperatura muito elevada, por combustão do hidrogênio (ou do acetileno) com o oxigênio' 'designação genérica de aves de diversas famílias' 1813. De origem obscura.
- →**Bluteau:** MAÇARICO. (Termo de Ourives.) He hum canno de ferro, com que se sopra a luz do candieiro, para soldar a filagrana. *Tubus, ou tubulus ferreus, suffiando lucernae lumini*.
- →**Moraes Silva:** MAÇARICO, s. m. [...] *Entre Ourives*, he canudo retorcido, com que soprão o lume de huma candeia contra a peça de filigrana, que querem soldar sobre huma taboa.
- → Freire: MAÇARICO, s. m. [...]. 3. Tubo de metal, com que se sôpra sobre uma chama, cuja temperatura se eleva extraordinàriamente por êsse meio. [...].
- → Aurélio: maçarico. [De or. obscura.] S. m. 1. Tubo por onde se sopra a chama para lhe dar poder oxidante ou redutor; maçarico bucal. [...].
- →**Houaiss:** maçarico (1253) *S.m.* 1 ENG. MEC. aparelho que envia, através de um tubo, um gás ou líquido combustível sobre uma chama produzida pela combustão de um gás comburente, e que é us. para soldar ou fundir metais 1.1 ENG. MEC. em certas máquinas, parte do queimador que pulveriza, por meios mecânicos, o óleo combustível, permitindo a sua mistura com o ar.

Comentários: Apenas Bluteau e Moraes Silva fazem relação direta entre o *maçarico* e a ourivesaria e marcam esse termo como sendo de ourives. Houaiss marca esse termo como pertencente à Engenharia Mecânica. No entanto, em todas as definições podemos ver que esse instrumento serve para um mesmo propósito: soldar ou fundir. 100% dos ourives entrevistados reconheceram e usam o *maçarico*. No entanto, apenas 20% usam o de boca, como citado no DLB.

Moedeira, s. f. Instrumento, com que os ourives moem o esmalte.

Moedeira, s. f. Instrumento, com que os ourives moem o esmalte.

- →Cunha: não consta.
- →**Bluteau:** MOEDEIRA. (Termo de Ourivez.) He hum instrumento concavo, com o qual se moe o esmalte. Não tem palavra propria Latina.
- →**Moraes Silva:** MOEDEIRA, s. f. Instrumento dos Ourives, de moer o esmalte. [...].
- → Freire: MOEDEIRA, s. f. De *moer*. Instrumento para moer o esmalte, em ourivesaria. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** moedeira. [De *moer* + -*deira*.] *S. f.* 1. Instrumento de moer o esmalte, em ourivesaria. [...].
- →**Houaiss:** moedeira (1716) *S.f.* 1 instrumento us. pelos ourives para moer esmalte

Comentários: Em todas as obras, a lexia, exceto em Cunha, que não lista *moedeira* em seu dicionário, teve sua definição relacionada à ourivesaria. Apenas Bluteau marca o termo como sendo de ourivesaria. 90% dos ourives entrevistados não reconheceram o termo *moedeira* e, sobre seu conceito, afirmaram que o esmalte já não é tão usado no ramo.

Mola, s. f. Lamina de ferro, ou

aço, que serve de dar movimento a alguma maquina. Na Medicina Embrião informe. Tenaz de ourives, de que elles se servem para tirar da forja o cadinho.

Mola, s. f. [...]. Tenaz de ourives, de que eles se servem para tirar da forja o cadinho.

- → Cunha: mola sf. 'lâmina metálica com que se sá impulso ou resistência a qualquer peça' 1813. Do it. molla || molEJO XX.
- →**Bluteau:** MOLAS. Em officina de Ourives. He hum ferro, com que se pega no cadinho, e se tira fóra do lume.
- →**Moraes Silva:** MOLA, s. f. [...] Tenaz, com que os ourives tirão o cadinho da forja.
- → Freire: MOLA, s. f. [...]. 3. Arame delgado em forma de arco, com uma pequena abertura, de que se servem os artífices para apertarem certas peças de trabalho. [...].
- → **Aurélio:** mola [Do it. *molla*.] *S. f.* 1. Peça elástica, em geral metálica, espiralada ou helicoidal, e que reage quando vergada, distendida ou comprimida. [...].
- \rightarrow **Houaiss:** mola *S.f.* [...] 1563-1572 2 arame fino em forma de arco, com uma pequena abertura, us. por artífices para apertar peças.

Comentários: Apenas Aurélio não relaciona *mola* ao ofício da ourivesaria. Embora reconheçam o termo *mola*, 80% dos ourives entrevistados não souberam associá-lo ao seu ofício. Para retirar os recipientes do forno, disseram usar *pinça*, *alicate*, *cadinho com cabo*.

Morescos s.m. plur. Entreos Ourives. Fothageus debaxa. das com o buril.

Morescos s. m. plur. Entre os ourives. Folhagens debaxadas com o buril.

- →Cunha: não consta.
- →**Bluteau:** MORESCOS. Termo de Ourivez. Saó as folhagens, que se debuxão.
- →**Moraes Silva:** MORESCOS, s. m. pl. d'Ourives, folhagens debuxadas com estilo, ou boril.
- →Freire: não consta.
- → Aurélio: não consta.
- →Houaiss: não consta

Comentários: *Morescos* só foi listado por Bluteau e Moraes Silva. Ambos marcaram o termo como sendo de ourives. 100% dos ourives entrevistados desconhecem o termo *morescos*. Quanto ao nome das folhas que são desenhadas com buril, citaram *chapas e lâminas* especialmente.

Nochatro, s. m. Entre os ourives he o mesmo que sal ammoniaco.

Nochatro, s. m. Entre os ourives he o mesmo que sal ammoniaco.

- →**Cunha:** nochatro sm. 'sal amoníaco' 1813. Do ár. vulg. vošatr (cláss. nušādir).
- →**Bluteau:** NOCHÂTRO. Na officina do Ourives do ouro, he sal armoniaco.
- →Moraes Silva: NOCHATRO, s. m. d'Ouriv. sal ammoniaco.
- → Freire: NOCHATRO, s. m. Sal amoníaco.
- → Aurélio: nochatro. [Do ár. nũsãdar ou nũsãdir.] S. m. Sal amoníaco.
- →**Houaiss:** nochatro (1716) *S.m.* sal amoníaco.

Comentários: *Nochatro* foi relacionado à ourivesaria apenas por Bluteau e Moraes Silva, sendo que esse último marcou o termo como sendo de ourives. 100% dos ourives entrevistados desconhecem o termo *nochatro*. Apenas 20% disseram usar o *sal amoníaco* para fazer ligas.

Ourivasaria, s. f. Officina de ou- rives.

Ourivasaria, s. f. Officina de ourives.

- →**Cunha:** ourivesaria Ouro sm. 'metal precioso, amarelo, denso, muito apreciado pelas suas propriedades específicas e por sua raridade' 'riqueza' XIII. Do lat. *aurum* –ī || ourives | -vez XIII, oryuez XIII etc. | Do lat. *aurifex* –ficis || ourivesaria | ouriuezaria XIV || ouropel | orpel XIII | Do fr. *oripel*.
- →**Bluteau:** OURIVEZARÎA de prata, ou ouro. Oficinas, logeas, e todo o lugar onde trabalhão Ourivezes da prata, ou do ouro. *Fabrorum argentariorum, vel Aurificum tahernae ou officinae. arum. Fem.* (Aonde ha todas as ourivezarias de ouro, e prata Peregrin. de Fern. Mend. Pinto, tol. 128 col. 2)
- → Moraes Silva: OURIVASARIA, s. f. officina de ourives. F. Mendes.
- → Freire: OURIVESARIA, s. f. De *ourives*. Loja, oficina ou estabelecimento de ourives. || 2. Arte de ourives.
- \rightarrow **Aurélio:** ourivesaria. [De *ourives* + -*aria*.] *S. f.* 1. Arte de ourives. 2. Oficina ou loja de ourives.
- →**Houaiss:** ourivesaria *S.f.* 1 ofício, arte ou estabelecimento de ourives 2 Derivação: por metonímia. conjunto dos objetos trabalhados pelo ourives Ex.: a o. barroca 3 Derivação: por metáfora. lavor requintado e minucioso (esp. literário) Ex.: louvou-lhe a o. das frases requintadas.

Comentários: Embora em Cunha não tenha entrada para *ourivesaria*, esse item lexical é mencionado no vocábulo ouro. Todos os ourives entrevistados reconheceram *ourivesaria* e a denominaram como arte de fabricar adornos em prata ou em ouro. As oficinas, segundo os artífices, também podem ser chamadas de *oficinas de ourivesaria* ou *de joias*.

Ourives s. m. o que trabalha em ouro, e prata.

Ourives s. m. o que trabalha em ouro, e prata.

- →**Bluteau:** OURIVEZ da prata. Artifice que vende, e lavra peças de prata. [...].
- OURIVEZ de ouro. Artifice, que vende, e lavra peças d'ouro. Tambem vende pedraria fina, e cheyros preciosos como ambar, almiscar. Tenho reparado, que muytos não distinguem o plural de Ourivez do seu singular, porèm os quese prezão de falar correctamente, dizem Ourivezes no plural, à imitação de Joaó de Barros, e outros bons Autores. [...].
- → Moraes Silva: OURIVES, s. m. no singular, e plural, o que trabalha, e lavra ouro, vasos, castiçaes, 8cc. v. g. "rua dos ourives: "Vieira 4. n. 191 "S. Eligio foi Ourives, S. Andronico Parateiro. § Hoje dizemos ourives do oiro, ou da prata: no plural Rezende diz ourivis, e ouriveis, a Orden. ourivezes; o usual he ourives.
- → Freire: OURIVES, s. m. Lat. *aurifex*. Fabricante ou vendedor de objetos de ouro.
- → Aurélio: ourives. [Do lat. *aurifice*, 'aquele que trabalha em ouro'.] *S. m. 2 n.* fabricante e/ou vendedor de artefatos de ouro e prata; negociante.
- \rightarrow **Houaiss:** ourives *S.m.* 1 artifice em metais preciosos, como ouro, prata etc. 2 pessoa que conserta e/ou vende artigos trabalhados em ouro, prata etc.

Comentários: Embora em Cunha não tenha entrada para *ourives*, esse item lexical é mencionado no vocábulo ouro. Todos os ourives entrevistados reconheceram o termo *ourives*. 60% o denominaram como aquele que trabalha com peças tanto em ouro quanto em prata.

Prateiro s. m. Ourives que faz obras de prata.

Prateiro s. m. Ourives que faz obras de prata.

- →Cunha: prateiro prata sf. '(Quím.) elemento de número atômico 47, metálico, branco, brilhante, denso, maleável e dúctil, utilizado em numerosas ligas preciosas' 'moeda' | XIII, plata XIV | Do lat. vulg. *platta, fem. de *plattus 'plano' || prataria 1899 pratE.ADO | XV, pratado XIV || PratEAR XVII, pratEIRO 1813. Cp. prato.' não consta.
- →**Bluteau:** PRATEIRO. Ourives da prata. [...]. Querem alguns que debayxo de Aurifex se comprehendão os Ourives do ouro, e da prata.
- →**Moraes Silva:** PRATEIRO, s. m. ourives, que faz obras de prata v. o artigo *Ourives*.
- → Freire: PRATEIRO, s. m. *Des*. Aquele que vende ou fabrica objetos de prata.
- \rightarrow **Aurélio:** prateiro. [De prta + -eiro.] *S. m.* 1. Artesão que fabrica objetos de prata. 2. Comerciante que vende esses objetos.
- →**Houaiss:** prateiro *S.m.* fabricante e/ou vendedor de objetos de prata.

Comentários: Apenas Cunha não define *prateiro*. No entanto, traz a data aproximada da entrada do termo em nossa língua (1813) no verbete *prata*. As demais definições, embora não marquem o termo como sendo de ourives, relaciona-o a esse ofício. 60% dos ourives entrevistados definiram *prateiro* como aquele que trabalha com a prata. No entanto, 90% lembraram que, hoje em dia, *ourives* é usado para designar tanto o artífice que trabalha com prata quanto com ouro.

Rascador, s. m. Instrumento dos ourives de rascar, ou de raspar. Instrumento de Bombeiros, com que raspão a ferrugem às bombas: he hum terro da feição de meia lua com seu cabo.

Rascador, s. m. Instrumento dos ourives de rascar, ou de raspar. [...].

- →Cunha: não consta.
- →**Bluteau:** RASCADÔR de ourives Instrumento de rascar, ou raspar. [...].
- →**Moraes Silva:** RASCADOR, s. m. d'Ourives, ferro de rascar, ou raspar. [...].
- → Freire: RASCADOR, s. m. Utensílio de ourives, de serralheiro e de outros ofícios, para rascar.
- \rightarrow **Aurélio:** rascador (ô). [De *rascar* + -*dar*.] *S. m.* 1. Instrumento de ourives, de serralheiro, etc., próprio para rascar.
- \rightarrow **Houaiss:** rascador *S.m.* 1 utensílio us. por ourives, serralheiros etc. para rascar.

Comentários: Apenas Cunha não lista em seu dicionário rascador. Ele define rascar "rascar vb. 'arranhar, raspar, rapar, lascar' XIII. Do lat. vulg. *rasicāre, deriv. de raděre 'raspar' || ENrascar 1881 || rasca 1813 || rascANTE XIX || RasCÃO | rascam XVI || resquETA sf. '(Náut.) instrumento para raspar e limpar algumas partes do navio' XVI." O termo só é marcado por Moraes Silva, embora as definições dos demais dicionaristas façam menção ao ofício da ourivesaria. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo rascador. Citaram como possíveis correspondentes: *lima, lixas, escovas, buril, estecas, espátulas, brocas, esmeril, brunidor*:

Recoitar, v. a. Entre ourines, Abrandar o metal, fazendo o em braza.

Recoitar, v. a. Entre ourives, Abrandar o metal, fazendo-o em braza.

- →Cunha: não consta.
- →**Bluteau:** RECOITAR. (Termo de Ourivez, Moedeyro, etc.) na casa da Moeda he badejar o dinheyro com brazas de lume, e fazello vermelho de cor de telha. *Vid.* Recoito.
- →**Moraes Silva:** RECOITAR, v. at. abrandar o metal ao fogo, fazendo-o em braza, t. d'Ourives.
- \rightarrow Freire: RECOITAR, v. tr. Dir, De *recoito* + *ar*. Recozer, sujeitar à ação do fogo (um metal), para o poder trabalhar.
- \rightarrow **Aurélio:** recoitar. [De *recoito* = -ar².] *V. t. d.* Recozer (metais). [...].
- →**Houaiss:** recoitar *V.t.d.* m.q. *recoutar V.t.d.* expor (metal) ao calor do fogo; recozer.

Comentários: Cunha não lista recoitar em seu dicionário. Apenas Bluteau e Moraes Silva marcam o termo, embora as demais definições remetam à prática da ourivesaria. Os ourives entrevistados desconhecem o termo *recoitar*. Sobre o nome do ato de recozer o metal, responderam *recozer, fundir, destemperar, dar calor*.

Retocador, s. m. Instrumento, com que os ourives tirão a rebarba ao ouro.

Reparar v. a. [...]. Entre ourives Aperfeiçoara, retocar a obra. [...].

- →Cunha: reparar vb. 'restaurar' XIV. Do lat. rĕpărāre || ir.reparABIL. IDADE 1881 || ir.reparÁVEL 1813. Do lat. irreparābĭlis e || reparABIL.i-DADE XX || reparAÇÂO | XVI repayraçom XV | do lat. tardio repātio-ōnis || reparADOR | XVII, repairador XV | Do lat. reparātor –ōris || reparAT.ÓRIO 1881 || reparo XV. Derivado regressivo de reparar.
- →**Bluteau:** REPARAR. (Termo de ourives.) He aperfeyçoar as cousas mais miudas, e retocar com o cinzel a obra nos lugares q tem algum defeyto. [...].
- →**Moraes Silva:** REPARAR v. at. [...]. Reparar a obra, entre os ourives aperfeiçoalla, retocalla. [...].
- → Freire: REPARAR, v. r. v. Lat. *reparare*. [...]. 6. Aperfeiçoar, retocar (tr. dir.) [...].
- → Aurélio: reparar. [Do lat. *reparare*.] V. t. d. [...]. 3. Retocar, melhorar, aperfeiçoar, aprimorar [...].
- →**Houaiss:** reparar *V.t.d.* 4 efetuar melhora ou aperfeiçoamento em; aprimorar.

Comentários: Embora todos os dicionaristas listem reparar, apenas Bluteau e Moraes Silva fazem menção direta à ourivesaria. Bluteau marca o termo. Todos os ourives entrevistados reconheceram o termo *reparar* que, para eles, significa *consertar*, *reformar*, *restaurar as peças*.

Retocador, s. m. Instrumento, com que os ourives tirão a rebarba ao ouro.

Retocador, s. m. Instrumento, com que os ourives tirão a rebarba ao ouro.

- →Cunha: Não consta.
- →**Bluteau:** RETOCADÔR. (Termo de ourives.) He hum ferro, que tira a rebarba do ouro. Não temos palavra propria Latina.
- →**Moraes Silva:** RETOCADOR, s. m. d'Ourives, instrumento de ferro de tirar a rebarba de oiro.
- → Freire: RETOCADOR, s. m. O que retoca. || 2. Instrumento com que se tira a rebarba do ouro.
- \rightarrow **Aurélio:** retocador. [de *retocar* + -*dor*] adj. 3. Instrumento próprio para rebarbar o ouro.
- →**Houaiss:** retocador *Adj. S.m.* que ou o que retoca; retoquista 1 OURIV. em ourivesaria, diz-se de ou instrumento com que se retira a rebarba do ouro.

Comentários: Cunha define apenas *retocar:* "retocar vb. 'tocar novamente' 'acabar, corrigindo e/ou aperfeiçoando' XVII. Do it. ritoccare || retoque XVII. Deriv. regressivo de retocar." Bluteau, Moraes Silva e Houaiss marcam *retocador* como termo de ourives, embora as demais definições remetam a esse universo. *Retocador* é termo desconhecido pelos ourives entrevistados. Para tirar a rebarba do ouro, utilizam: *lima, lixa, tesoura, brocas, materiais de polimento, solda.*

Riliteira, s. 1. t. A peça, onde o ourives vasa a prata para fazer chapas.

Rilheira, s. f. A peça, onde o ourives vasa a prata para fazer chapas.

- →Cunha: rilheira sf. 'molde de ferro no qual os ourives vazam metal fundido e fazem chapas' 1813. De origem desconhecida.
- →**Bluteau:** não consta.
- →**Moraes Silva:** RILHEIRA, s. f. d'Ourives, peça, em que se vasa a prata fundida, para della se fazerem chapas. [...].
- → Freire: RILHEIRA, s. f. Molde de ferro, em que os ourives vazam metal fundido, para fazerem chapas.
- → **Aurélio:** rilheira [De or. obscura.] *S. f.* Molde de ferro no qual os ourives vazam metal fundido e fazem chapas.
- \rightarrow **Houaiss:** rilheira *S.f.* 1 OURIV. recipiente de ferro em que se vaza a prata fundida, para dela se fazerem chapas.

Comentários: Excetuando-se Bluteau, todas as obras listam *rilheira* e a associam à ourivesaria. Moraes Silva e Houaisss marcam esse termo. Bluteau define *rilheiro* "Redomoinho. *Vid.* no teu lugar. (Grandes *Rilheyros*, que revolvem a area, e vasa do fundo. Pimentel, Arte de Navegar, pág. 371)". No entanto, como podemos perceber, não é uma definição que nos remeta ao ofício do ourives. 70% dos ourives entrevistados reconheceram o termo *rilheira* e o denominam como molde onde a prata fundida é depositada para se fazerem os tarugos.

Sedear v. a. Entre os ourives, Limpar a peça de prata ou de oiro com escova de sedas.

Sedear v. a. *Entre os ourives*, Limpar a peça da prata ou de oiro com escova de sedas.

→Cunha: não consta.

→**Bluteau:** SEDEAR. (Termo de ourives.) He alimpar com escova. Sedear hũa peça de prata. [...].

→Moraes Silva: SEDEAR, v. at. d'Ourives, limpar com a escova de sedas a peça de prata, ou oiro.

→ Freire: SEDEAR, v. tr. dir. de *sêda* + *ear*. Escovar com sêdas (objetos de ourivesaria); limpar com a escôva de sêdas (objetos de ouro ou de prata ou pedras preciosas).

 \rightarrow **Aurélio:** sedear. [De seda + -ear².] *V. t. d.* Esvovar (objetos de ourivesaria) com sedas. [...].

 \rightarrow **Houaiss:** sedear *V.t.d.* OURIV. limpar com escova de seda (objetos de ouro, prata etc.).

Comentários: O termo só não é listado por Cunha. Todas as definições remetem ao ofício da ourivesaria e Bluteau, Moraes Silva e Houaiss marcam *sedear* como termo de ourives. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo *sedear*. Para limpar as peças, disseram usar: *escovas de sedas ou de latão*, *lixas*, *polimento*.

Sedear v. a. Entre os ourives, Limpar a peca de prata ou

Sedear v. a. *Entre os ourives*, Limpar a peça da prata ou de oiro com escova de sedas.

→**Cunha:** não consta.

→**Bluteau:** SEDEAR. (Termo de ourives.) He alimpar com escova. Sedear hũa peça de prata. [...].

→Moraes Silva: SEDEAR, v. at. d'Ourives, limpar com a escova de sedas a peça de prata, ou oiro.

→ Freire: SEDEAR, v. tr. dir. de *sêda* + *ear*. Escovar com sêdas (objetos de ourivesaria); limpar com a escôva de sêdas (objetos de ouro ou de prata ou pedras preciosas).

 \rightarrow **Aurélio:** sedear. [De seda + -ear².] *V. t. d.* Esvovar (objetos de ourivesaria) com sedas. [...].

→**Houaiss:** sedear *V.t.d.* OURIV. limpar com escova de seda (objetos de ouro, prata etc.).

Comentários: O termo só não é listado por Cunha. Todas as definições remetem ao ofício da ourivesaria e Bluteau, Moraes Silva e Houaiss marcam *sedear* como termo de ourives. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo *sedear*. Para limpar as peças, disseram usar: *escovas de sedas ou de latão, lixas, polimento*.

Sinzel, s. m. Instrumento de ou-

Sinzel, s. m. Instrumento de ourives.

- → Cunha: cinzel sm. 'instrumento cortante, usado especialmente por escultores e gravadores' XVII. Do a. fr. *cisel* (hoje *ciseau*), de *cisoir*, deriv. do lat. vulg. **caesŏrĭum*, de *caedĕre* 'cortar' || cinzelador | sin-1874 || cinzelar 1859.
- →**Bluteau:** SINZEL. Instrumento de ourivez. He hum ferro, que serve de cravar pedras, *id est*, bater o ouro sobre a pedra. Deriva se do Castelhano *Cincel*, que (segundo Cobarruvias) he o ferro com cuja ponta se lavra a prata, o ouro, e particularmente se deriva do Latim *Scindere*, que he cortar.
- → Moraes Silva: SINZEL, s. m. instrumento de cravador, de ferro, serve de bater o oiro sobre a pedra: v. cisel. Cinzel em Espanhol he instrumento agudo de lavrar pedra, prata, ou oiro, e este sentido parace terno verso da vida do Evangelista "mas por lei do sinzel mais advertido". e no Port. Restaur. "lavrando este bruto sinzel na paciencia do Infante".
- → Freire: CINZEL, s.m. Cast. *cincel*. Instrumento de aço, cortante em uma das extremidades, usado principalmente por escultores e gravadores.
- → Aurélio: cinzel [Var. de *cisel* (ant.), com infl. de *pincel*.] S. m. 1 instrumento de aço, cortante numa das extremidades e usado especialmente por escultores e gravadores [...].
- → Houaiss: cinzel s.m. (1522) 1 Instrumento manula que tem numa extremidade uma lâmina de metal resistente muito aguçada em bisel, e que é us. para entalhar, esculpir, cortar ou gravar materiais duros (madeira, ferro, pedra etc.) ger. com auxílio de um martelo; abridor, <o c. dos gravadores > 2 p.met. m.q. CINZELADOR © ETIM fr. cisel e este do lat. pop. *cīsellus, alt. de um der. *caesēllus, de caeděre 'cortar' © PAR cinzéis (pl.) / cinzeis (fl. cinzar)

Comentários: Todos os dicionaristas listam *cinzel* em seus dicionários e a definição remete ao ofício dos artífices. 50% dos ourives entrevistados reconheceram o termo *cinzel* e, desses, 40% o utilizam para gravar ou esculpir as peças. Os 50% que não reconheceram o termo, disseram usar *buril* e *brocas* para realizar essa atividade.

Sinzelar, v. a. Entre ourives Levantar de meio relevo.

Sinzelar, v. a. Entre ourives Levantar de meio relevo.

- →**Cunha:** cinzelar cinzel sm. 'instrumento cortante, usado especialmente por escultores e gravadores' XVII. Do a. fr. *cisel* (hoje *ciseau*), de *cisoir*, deriv. do lat. vulg. **caesŏrĭum*, de *caedĕre* 'cortar' || cinzelador | sin- 1874 || cinzelar 1859.
- →**Bluteau:** SINZELAR, ou Sizelar. Termo de ourivez. He levantar de meyo relevo. [...].
- →**Moraes Silva:** SINZELAR, v. at. levantar de meio relevo. t de Ourives.
- → Freire: CINZELAR, v. r. v. De cinzel + ar. Lavrar a cinzel (tr. dir.) || fazer com esmêro e nitidez (tr. dir.) [...].
- \rightarrow **Aurélio:** cinzelar [De *cinzel* + ar^2 .] **V, t. d. 1.** Lavrar com cinzel. **2.** Fazer com esmero e nitidez; apurar [...].
- →**Houaiss:** cinzelar v. (1666) **1** t.d. trabalhar com cinzel <*c.* o cobre> **2** t.d. fig. Fazer com esmero; apurar, aprimorar, burilar <*c.* um soneto>
- ETIM cinzel
- +-ar SIN/VAR acinzelar, acizelar, cizelar.

Comentários: Embora Cunha não defina *cinzelar*, a lexia é citada no vocábulo *cinzel*. Bluteau e Moraes Silva marcam o termo. 60% dos ourives entrevistados desconheceram o termo *cinzelar*. 40% disseram que *cinzelar* é o ato de esculpir, estampar uma peça. Os 60% que desconheceram o termo responderam que o ato de levantar em meio relevo é *burilar*, *granitar* ou que não há um nome específico para essa atividade.

Taceira, s. f. O balcão, onde os ourives tem as taças etc. á mostra. Não he usado jà.

Taceira, s. f. O balcão, onde os ourives tem as taças etc. á mostra. Não he usado jà.

→Cunha: não consta.

→**Bluteau:** TACEIRA de Ourives. He a modo de hum pequeno armario, com fios de arame na parte dianteyra entre os quaes se vem as peças de prata, que se põem em venda. Os Ourives do ouro lhe chamão Taboleta.

→**Moraes Silva:** TACEIRA, s. f. de Ourives (B. P. traduz, *pergula*) o balcão, ou mostrador onde elles tem as taças á mostra, desus.

→ Freire: TACEIRA, s. f. De *taça*. Tabuleta ou mostrador, em que se expõem taças e outros artefactos de ourives. [...].

→Aurélio: não consta.

→**Houaiss:** taceira *S.f.* 1 Diacronismo: obsoleto. armário envidraçado us. para expor taças e outros objetos nas ourivesarias.

Comentários: Aurélio e Cunha não listam *taceira*. As demais definições remetem ao universo da ourivesaria. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo *taceira*. Disseram usar *vitrines*, *maletas*, *mostruários*, *redes sociais* e o próprio *balcão* para exporem suas peças.

Taes, s. m. Peça de ferro, de que usão es ourives, enavada n'hum cepo, para bater os metaes.

Taes, s. m. Peça de ferro, de que usão os ourives, cravada n'hum cepo, para bater os metaes.

- →Cunha: não consta taes, tas nem taz.
- →**Bluteau:** TAES. Instrumento de Ourives. He um ferro quadrado, fixo em hum cepo. Ha mayor, e menor. No pequeno se caldeão as peças pequenas; no mayor se batem as peças de prata mais grossa.
- →**Moraes Silva:** TAES, s. m. peça de ferro, especie de bigorna cravada num cepo de que usão os ourives; sobre ella batem os metaes.
- → Freire: TÁS, s. m. Cast. tas. Pequena bigorna de aço, sem hastes.
- → Aurélio: não consta taes, tas nem taz.
- →**Houaiss:** não consta *taes*, *tas* nem *taz*.

Comentários: O item lexical só é definido por Bluteau, Moraes Silva e Laudelino. Nenhum deles marca o termo. 60% dos ourives entrevistados reconheceram o termo *taes/tás* e o definiram como barra de aço usada para achatar ou desentortar os metais.

T DIL

Tenaz, s. m. Instrumento de metal, de que usão os ourives, ferreiros etc, Tem duas hastes de ferro prezas a hum eixo. com que se afferrão as cousas com força. Entre os Romanos Esquadrão formado nesta figura.

Tenaz, s. m. Instrumento de metal, de que usão os ourives, ferreiros etc, Tem duas hastes de ferro prezas a um eixo com que se afferão as cousas com força. [...].

- →Cunha: tenaz adj. 2g. 'muito aderente' obstinado'; sm. 'tipo de tesoura' | XVII, tēaça XIII, tēace XIII, tenhaz XIV | do lat. tenāx-ācis || AtanazAR vb. 'torturar, aborrecer' XVI || AtazanADO 1813 || AtazanAR vb. 'atanazar' XVI || AtenasAR vb. 'orig. apertar com tenaz' 'ext. atanazar' 1813 || tenacidade XVI. Do lat. tenācĭtās —ātis.
- →**Bluteau:** TENAZ. (Termo da antiga milicia Romana.) Era hum Esquadrão a modo de dous triângulos, ou de dous vV unidos nesta fórma M [...].
- →Moraes Silva: TENAZ, s. m. instrumento de metal, que consiste em duas peças unidas por um eixo; com duas extremidades delle se agarra, e aferra com força nas coisas, usão delle os ourives, ferreiros, &tc [...].
- → Freire: TENAZ, s. f. Instrumento de uso comum, composto de duas lâminas ou hastes de ferro, unidas por um eixo ou fortemente arqueadas no meio, cujas extremidades, de forma variável, servem para agarrar ou arrancar qualquer corpo; pinça. [...].
- → Aurélio: tenaz [Do lat. tenace] [...] S. f. [...] 9 Espécie de pinça de hastes resistentes, para prender e manter corpos.
- \rightarrow **Houaiss:** tenaz *S.f.* [...] 10 qualquer instrumento de metal composto de duas hastes unidas por um eixo, cujas extremidades, de forma variável, servem para agarrar e/ou arrancar qualquer corpo.

Comentários: Todos os dicionaristas listam *tenaz*. Apenas Moraes Silva faz menção direta à ourivesaria. Bluteau o marca como *Termo da antiga milicia Romana*. Apenas 40% dos ourives entrevistados reconheceram o termo *tenaz*. No entanto, apenas 30% o utilizam para puxar fios ou manusear o cadinho quente.

Tijolo, si un Porção de barro cosido ao forno com feição regular, que serve para edificios. Entre ourives, ferroredondo onde se vasão as artuelas. Tijolo de quaiabada. Porção de doce de guaiabas com feição de hum tijolo. Tambem the chamão Doce de tijolo.

Tijolo, s. m. [...] *Entre ourives*, ferro redondo onde se vasão as arruelas. [...].

- →**Cunha:** tijolo sm. 'produto cerâmico, avermelhado, geralmente em forma de paralelepípedo, muito usado em construções | tigello XIV, tegelo XIV, teiolo XIV etc. | do cast. tejullo.
- →**Bluteau:** TIJOLO. Ladrilho.
- →**Moraes Silva:** TIJÓLO, s. m. [...]. Ferro redondo dos ourives, onde se vasão as arruelas. [...].
- → Freire: TIJOLO, s. m. Lat. *tegula*. [...]. 2. Pequeno utensílio de ferro em que os ourives vazam as arruelas. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** tijolo (ô) [Do esp. *tijuelo*]. *S. m.* [...] Instrumento com que os ourives vazam arruelas. [...].
- →**Houaiss:** tijolo *S.m.* [...] 4 pequeno utensílio de ferro em que os ourives vazam as arruelas

Comentários: Embora todos definam *tijolo*, só vemos relação direta com a ourivesaria nas definições de Laudelino, Aurélio e Houaiss. Todos os ourives entrevistados reconheceram o termo e utilizam o *tijolo* como refratário no momento da solda. Não é usado por nenhum artífice para vazamento das arruelas.

Trasflor, s. m. Entre os ourives, Lavor de oiro em cam. po de esmalte.

Trasflor, s. m. Entre os ourives, Lavor de oiro em campo de esmalte.

- \rightarrow Cunha: trasflor –foliar \rightarrow TRÁS. Tras [...] trasFLOR sm. 'lavor de ouro sobre esmalte' 1813 [...].
- →**Bluteau:** TRASFLÔR. Termo de ourives do ouro. He o lavor de ouro, com o campo de esmalte. Não temos palavra própria Latina.
- →**Moraes Silva:** TRASFLOR, s. m. d'Ourives, lavor de ouro em campo de esmalte.
- → Freire: TRASFLOR, s. m. De *tras* + *flor*. Lavor de ouro, sôbre esmalte.
- \rightarrow Aurélio: (ô). trasflor [De *trás* + *flor*.] *S. m.* Lavor de ouro sobre esmalte.
- \rightarrow **Houaiss:** trasflor *S.m.* layor de ouro sobre esmalte.

Comentários: Todas as obras consultadas listam *trasflor* e o associam à ourivesaria. Apenas Bluteau e Moraes Silva marcam o termo como sendo de ourives. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo *trasflor* e disseram não trabalhar mais com esmalte.

Zunidera, s. f. Pedra em que o ourives aliza o ouro.

Zunideira, s. f. Pedra em que o ourives aliza o ouro.

- →Cunha: não consta.
- →**Bluteau:** ZUNIDEIRA. Instrumento de ourivez. He hũa pedra, sobre a qual se aliza o ouro. Não temos palavra própria Latina.
- →**Moraes Silva:** ZUNIDEIRA, s. f. pedra sobre a qual os ourives alizão o oiro.
- \rightarrow Freire: ZUNIDEIRA, s. f. De *zunir* + *deira*. Pedra sôbre que os ourives alisam o ouro. [...].
- \rightarrow **Aurélio:** zunideira. [De *zunir* + -*deira*.] S. f. Pedra sobre a qual os ourives alisam o ouro. [...].
- →**Houaiss:** zunideira *S.f.* 1 OURIV. pedra sobre a qual se alisa o ouro.

Comentários: Cunha não lista *zunir*. Os demais dicionaristas associam *zunideira* à ourivesaria. Apenas Houaiss o marca. Todos os ourives entrevistados desconhecem o termo *zunideira*. Para alisar o ouro, utilizam: *tás, laminador, a gaveta da bancada, prensa*.

CAPÍTULO 4

... uma casa de ourives, por exemplo, na rua a que eles pela sua residência deram o nome, não tinham as armações luxuosas que hoje guarnecem os grandes armazéns de ouro, prata e pedras preciosas, tendo, entretanto, mercadorias de grande valor. Algumas vidraças chatas, suspensas aos portais, com amostras de cordões, filigranas e pequenas obras de ouro e de prata, um armário de portas inteiras ao fundo, um balcão tosco e corrido constituíam o Quadro da loja em que muitas vezes se "mercavam" joias e obras de alto preço. O ourives, na generalidade fabricante também, esperava o freguês deitado em um catre de fundo de couro e os cuidados do comércio não o privavam de fechar a sua loja e dormir a sesta habitual.

(Rio de Janeiro em prosa e verso, Carlos Drummond de Andrade; Manuel Bandeira)

DO GARIMPO AO REFINAMENTO

Neste capítulo, faremos a análise quantitativa dos dados provenientes das 36 fichas terminológicas elaboradas a partir dos termos selecionados do DLB. Em seguida, passaremos para a discussão dos resultados.

4.1 Classificação morfológica dos termos

Conforme já exposto, o *corpus* desta pesquisa é composto por 36 unidades lexicais do domínio da terminologia de ourivesaria. São 32 substantivos e quatro verbos. Como se vê, os substantivos se destacam com 88,9% dos dados. Os verbos representam 11,1% do *corpus*.

Verificamos um número discrepante em relação à presença de verbos e substantivos no DLB. Segundo Sager³² (1990 *apud* VALENTE, 2000), os conceitos apresentados nos dicionários terminológicos são predominantemente expressos na forma linguística nominal, incluindo os conceitos linguisticamente expressos como adjetivos e verbos nas linguagens técnicas. Ainda, para Sager (1990), alguns teóricos negam a existência de conceitos na forma verbal e adjetival.

³² SAGER, J. C. A practical course in terminology processing. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1990.

A seguir, apresentamos, em Tabela, a distribuição conforme a classificação morfológica dos dados analisados.

TABELA 1 – Classificação morfológica dos dados analisados

Classe gramatical	Número de unidades lexicais	Percentual
Substantivo	32	88,88%
Verbo	4	11,11%
Total	36	100%

Destacamos, a seguir, as unidades lexicais classificadas como:

- Substantivos: adastra, arruella, branquimento, caçoleta, cartabuxa, cifa, copella, embutideira, ensaio, escovilha, estilheira, estilo, frasco, fuste, maçarico, moedeira, mola, morescos, nochatro, ourivasaria, ourives, prateiro, rascador, retocador, rilheira, sinzel, taceira, taes, tenaz, tijolo, trasflor, zunideira.
- Verbos: recoitar, reparar, sedear, sinzelar.

4.2 Forma e gênero dos termos de ourivesaria do DLB

Dentre os 32 substantivos selecionados do DLB, o gênero masculino apresenta ligeira vantagem com 18 ocorrências, o que corresponde a 50% dos dados do *corpus*. O gênero feminino soma 14 ocorrências, correspondendo a 38,88% dos dados.

Os substantivos só ocorrem em sua forma simples.

Na Tabela 2, apresentamos a quantificação total dos dados quanto ao gênero.

TABELA 2 – Classificação do gênero dos dados analisados

Masculino	Feminino
18 (50%)	14 (38,88%)

A seguir, arrolamos os substantivos femininos e masculinos presentes no *corpus*:

- Masculino: branquimento, ensaio, estilo, frasco, fuste, maçarico, morescos, nochatro, ourives, prateiro, rascador, retocador, sinzel, taes, tenaz, tijolo, trasflor, zunideira.
- Feminino: adastra, arruella, caçoleta, cartabuxa, cifa, copella, embutideira, escovilha, estilheira, moedeira, ourivasaria, mola, rilheira, taceira.

4.3 Unidades lexicais presentes nas obras de referência consultadas

Verificamos que todas, das 36 unidades lexicais catalogadas, se encontram dicionarizadas em, pelo menos, uma das obras escolhidas como fonte de consulta neste trabalho, embora parte delas não tenha a marca terminológica "termo de ourives".

Para visualizarmos o número de vocábulos que constam em cada um dos seis dicionários pesquisados, fizemos um levantamento quantitativo que é apresentado no Gráfico 1.

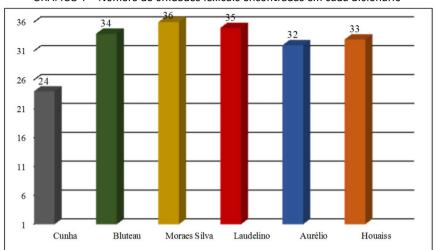


GRÁFICO 1 – Número de unidades lexicais encontradas em cada dicionário

O Gráfico I mostra, em números, quantas, das 36 unidades lexicais, constam em cada dicionário. Em Cunha (barra cinza), foram encontrados 24 termos, 66,66%; em Bluteau (barra verde), 34 termos, 94,44%; Moraes Silva (barra amarela) apresenta todas as unidades lexicais selecionadas; em Laudelino (barra vermelha), há 35 vocábulos 97,22%; já no Aurélio (barra azul), encontramos 32 termos, 88,88%, enquanto que no Houaiss (barra laranja), 33 unidades lexicais foram localizadas, 91,66%.

Vemos uma grande presença dos termos coletados no DLB nos demais dicionários, especialmente em Moraes Silva. O fato de Moraes listar todos os termos coletados do DLB ajudaria a ratificar o caráter de "cópia simplificada", como aponta Frieiro (1955), do DLB em relação ao dicionário de Moraes. Por sua vez, Moraes baseou-se em Bluteau e certamente outros dicionaristas também tomam como uma de suas fontes as obras lexicográficas anteriores às suas.

O dicionário de Morais constitui-se, segundo Verdelho (2003, p. 473),

como a mais importante referência na história da lexicografia portuguesa. Como dicionário geral da língua, podemos dizer que desencadeou o início da dicionarística monolingue moderna portuguesa. Estabeleceu as origens e deu fundamento a toda a genealogia lexicográfica desenvolvida ao longo dos últimos 200 anos.

Como Cunha é um autor brasileiro, e Bluteau e Moraes e, por consequência, Silva Pinto, filiam-se à tradição portuguesa, justifica-se a pouca representatividade de termos coletados no DLB em seu dicionário etimológico.

No Quadro 1 a seguir, podemos identificar quais são as unidades lexicais presentes em cada dicionário. É importante ressaltar que os termos destacados em negrito são encontrados nos dicionários mencionados, porém não apresentam marcas terminológicas de ourivesaria ou não nos remetem a esse universo. O sinal ".." indica que o item lexical não foi encontrado no dicionário consultado.

QUADRO 1 – Quadro comparativo dos termos de ourivesaria

Cunha	Bluteau	Moraes Silva	Laudelino	Aurélio	Houaiss
adastra	adastra	adastra	adastra	adastra	adastra
arruela	arruella	arruella	arruela	arruela	arruela
branquea- mento	branquear	branqui- mento	branqui- mento	branquea- mento	branquea- mento
	caçoleta	caçoleta	caçoleta	caçoleta	caçoleta
cartabuxa	cartabuxa/ cartabùxa	cartabuxa	cartabuxa	cartabuxa	cartabuxa
cifa		cifa	cifa	cifa	cifa
copella	copelha/ copella	copelha/ copela	copela/co- pella	copela/co- pella	copela
	embuti- deira	embuti- deira	embutideira	embutideira	embuti- deira
ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	ensaio
escovilha	escovilha	escovilha	escovilha	escovilha	escovilha
	estilheira	estilheira	estilheira	estilheira	

Cunha	Bluteau	Moraes Silva	Laudelino	Aurélio	Houaiss
estilo	estilo	estilo	estilo	estilo	estilo
frasco	frasco	frasco	frasco	frasco	frasco
fuste	fuste	fuste	fuste	fuste	fuste
maçarico	maçarico	maçarico	maçarico	maçarico	maçarico
	moedeira	moedeira	moedeira	moedeira	moedeira
mola	molas	mola	mola	mola	mola
	morescos	morescos		••	
nochatro	nochâtro	nochatro	nochatro	nochatro	nochatro
ourivesaria	ourivezarîa	ourivasa- ria	ourivesaria	ourivesaria	ourivesaria
ourives	ourives	ourives	ourives	ourives	ourives
prateiro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro
	rascador	rascador	rascador	rascador	rascador
	recoitar	recoitar	recoitar	recoitar	recoitar
reparar	reparar	reparar	reparar	reparar	reparar
	retocador	retocador	retocador	retocador	retocador
rilheira		rilheira	rilheira	rilheira	reilheira
	sedear	sedear	sedear	sedear	sedear
cinzel	sinzel	sinzel	cinzel	cinzel	cinzel
cinzelar	sinzelar	sinzelar	cinzelar	cinzelar	cinzelar
	taceira	taceira	taceira		taceira
	taes	taes	tás		
tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz
tijolo	tijolo	tijólo	tijolo	tijolo	tijolo
trasflor	trasflôr	trasflor	trasflor	trasflor	trasflor
	zunideira	zunideira	zunideira	zunideira	zunideira

O Gráfico 2 informa sobre o número de termos relacionados (mesmo que sem marcação terminológica) ou não ao universo da ourivesaria em cada obra consultada.

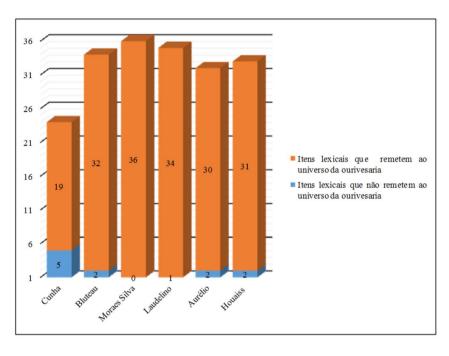


GRÁFICO 2 – Número de unidades lexicais relacionadas e não relacionadas ao universo da ourivesaria

A leitura do Gráfico 2 nos dá os seguintes dados:

• O Dicionário Etimológico de Cunha registra 24 unidades léxicas dos 36 termos que constituem nosso *corpus*. 19 lexias (79,16%) remetem ao universo da ourivesaria: *adastra, branqueamento, cartabuxa, cifa, copella, ensaio, escovilha, estilo, maçarico, nochatro, ourivesaria, ourives, prateiro, reparar, rilheira, cinzel, cinzelar, tenaz, trasflor.* Já cinco lexias (20,83%) apresentam definições que não condizem com o ofício: *arruela, frasco, fuste, mola e tijolo.*

- 34 termos de ourivesaria constantes no "Diccionario da Lingua Brasileira" são registrados no dicionário de Bluteau, sendo que a definição de dois deles (5,88%) não se relaciona ao universo da ourivesaria: tenaz e tijolo. Os outros 32 (94,11%) têm ligação direta com o ofício: adastra, arruela, branquear, caçoleta, cartabuxa (cartabùxa), copella (copelha), embutideira, ensaio, escovilha, estilheira, estilo, frasco, fuste, maçarico, moedeira, mola, morescos, nochâtro, ourivezarîa, ourivez, prateiro, rascadôr, recoitar, reparar, retocadôr, sedear, sinzel, sinzelar, taceira, taes, trasflor, zunideira.
- Em Moraes Silva, encontramos todos os termos selecionados em nosso corpus e todos (100%), mesmo que não recebam marcação terminológica, fazem referência ao universo do ourives: adastra, arruella, branquimento, caçoleta, cartabuxa, cifa, copelha (copella), embutideira, ensaio, escovilha, estilheira, estilo, frasco, fuste, maçarico, moedeira, mola, morescos, nochatro, ourivesaria, ourives, prateiro, rascador, recoitar, reparar, retocador, rilheira, sedear, sinzel, sinzelar, taceira, taes, tenaz, tijólo, trasflor, zunideira.
- O dicionário de Freire contabiliza 35 termos dos 36 do nosso corpus. Desses 35, apenas um (2,85%) não tem a definição relacionada diretamente ao universo da ourivesaria: frasco. Os outros 34 (97,14%), mesmo que não recebam marcas, fazem menção à atividade do ourives: adastra, arruela, branquimento, caçoleta, cartabuxa, cifa, copela (copella), embutideira, ensaio, escovilha, estilheira, estilo, fuste, maçarico, moedeira, mola, nochatro, ourivesaria, ourives, prateiro, rascador, recoitar, reparar, retocador, rilheira, sedear, cinzel, cinzelar, taceira, tás, tenaz, tijolo, trasflor, zunideira.
- Encontramos no dicionário Aurélio 32 termos dos 36 do nosso *corpus*, sendo que dois deles (6,25%) não têm a definição relacionada à ourivesaria: *frasco* e *mola*, diferentemente dos 30 demais

(93,75%): adastra, arruella, branqueamento, caçoleta, cartabuxa, cifa, copela, embutideira, ensaio, escovilha, estilo, fuste, maçarico, moedeira, nochatro, ourivesaria, ourives, prateiro, rascador, recoitar, reparar, retocador, rilheira, sedear, cinzel, cinzelar, tenaz, tijolo, trasflor, zunideira.

• O dicionário de Houaiss registra 33 dos termos do nosso *corpus*. Dois deles (6,06%) não se relacionam diretamente à ourivesaria: *arruela e frasco*. 31 deles (93,93%) têm as definições relacionadas ao universo da ourivesaria: *adastra, branqueamento, caçoleta, cartabuxa, cifa, copela, embutideira, ensaio, escovilha, estilo, fuste, maçarico, moedeira, mola, nochatro, ourivesaria, ourives, prateiro, rascador, recoitar, reparar, retocador, rilheira, sedear, cinzel, cinzelar, taceira, tenaz, tijolo, trasflor, zunideira.*

Como vimos, há casos em que o item lexical é listado pelos dicionaristas e recebe definição relacionada ao universo da ourivesaria, embora não receba marcações do tipo: "termo de ourives", "entre os ourives" etc. Vejamos, a seguir, considerações sobre a marca de uso.

4.4 Marca de uso "termo de ourivesaria"

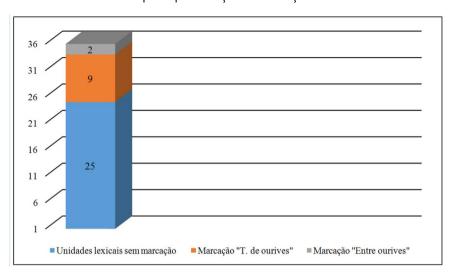
4.4.1 Variação no "Diccionario da Lingua Brasileira"

As unidades lexicais em análise retiradas do DLB são marcadas como: *T. de ourives*, duas ocorrências, correspondendo a 5,55% dos dados; *Entre ourives*, nove ocorrências, contabilizando 25% dos dados.

Há, ainda, 25 termos, 69,44% dos dados, que não receberam marcas de uso; no entanto, pela definição, constatamos que são termos relacionados à ourivesaria por fazer referências como "instrumento de ourives", "usão os ourives", "chamam os ourives" etc.

O Gráfico 3 a seguir sintetiza esses dados.

GRÁFICO 3 – Tipos e quantificação das marcações de uso no DLB



No Quadro 2, podemos identificar os 36 itens lexicais coletados do DLB e visualizar que tipo de marcação eles recebem. Listamos também aqueles que não receberam marcas de uso.

QUADRO 2 - Marcações de uso no DLB

T. de ourives	Entre ourives	Unidades lexi	cais sem marcas
arruela cartabuxa	frasco morescos nochatro recoitar reparar sedear sinzelar tijolo trasflor	adastra branquimento caçoleta cifa copella embutideira ensaio escovilha estilheira estilo fuste maçarico moedeira	mola ourivasaria ourives prateiro rascador retocador, rilheira sinzel taceira taes tenaz zunideira

4.4.2 Variação em outros dicionários

Demonstrada a variação da marca terminológica no DLB, analisamos, agora, essa marca nos demais dicionários utilizados nesta pesquisa.

O Gráfico 4 demonstra o número de unidades lexicais que foram marcadas como termo de ourivesaria em cada um dos dicionários analisados, excetuando-se o dicionário etimológico de Cunha.

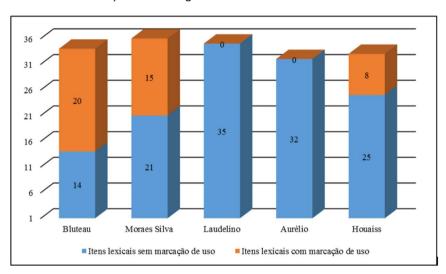


GRÁFICO 4 — Quantidade de itens lexicais com marcações e sem marcações terminológicas em cada dicionário consultado

Como podemos verificar, por meio da leitura do Gráfico 4, apenas Bluteau marca a maior parte dos itens lexicais listados por ele (58,82%). Moraes Silva marca 41,66% das lexias arroladas por ele. Laudelino e Aurélio não fazem nenhum tipo de marcação nas lexias avaliadas. Já Houaiss marca 24,24% das unidades lexicais listadas por ele.

As unidades do corpus são marcadas nessas obras como:

• Bluteau – termo de ourives $(z)^{33}$ (17 termos/85% dos itens lexicais marcados); termo de ensayador de moeda (1 termo/5% dos

³³ Em Bluteau, podemos encontrar dois tipos de grafia para a palavra ourives. Ora essa vem grafada com "s" ora com "z". Esse fato é justificável já que, no século XVIII, não havia uma padronização ortográfica.

dados), *termo de ourives do ouro* (1 termo/5% dos dados); *termo da antiga milícia romana* (1 termo/5% dos itens lexicais marcados).

- Moraes Silva *Entre os ourives* (2 termos/13,33% dos itens lexicais marcados); t. *d'Ourives* (3 termos/20% dos dados); *d'Ourives* (9 termos/60% dos dados); t. *de ourives* (1 termo/6,66% dos dados).
- Houaiss OUR (2 termos/25% dos itens lexicais marcados); OURIV (5 termos/62,5% dos dados); ENG. MEC. (1 termo/12,5% dos dados).

As 31 unidades lexicais cuja definição relaciona-se ao universo da ourivesaria em Laudelino e as 28 em Aurélio não receberam nenhum tipo marcação terminológica da ourivesaria.

O Quadro 3 demonstra os tipos de marcação dada por cada dicionarista bem como os termos correspondentes.

QUADRO 3 – Variação terminológica nos demais dicionários consultados

Dicionarista	Tipos de marcação	Unidades lexicais que receberam marcação	
	termo de ourives (z)	adastra – arruella – cartabuxa – embutideira – escovilha – esti- lheira – estilo – frasco – fuste – maçarico – moedeira – morescos – recoitar – reparar – retocador – sedear – sinzelar	
Bluteau	termo de Ensayador de moeda	Copelha (copella)	
	termo de ourives do ouro	trasflôr	
	Termo da antiga milícia Romana ³⁴	tenaz	
	entre os ourives	arruella – maçarico	
Moraes Silva	t. d'Ourives	embutideira – estilo – recoitar	
	d'Ourives	escovilha – fuste – morescos – nochatro – rascador – recoitar – rilheira – sedear – trasflor	
	t. de ourives	sinzelar	
Freire			
Aurélio			
	OUR	caçoleta – cifa	
Houaiss	OURIV	ensaio – retocador – rilheira – sedear – zunideira	
Houaiss	ENG. MEC.	maçarico	
_ ,			

 $^{^{34}}$ Embora o termo tenaz tenha recebido marcação de uso, sua definição, conforme já apontado no Quadro 1, não está relacionada ao universo da ourivesaria.

Passemos agora para os comentários sobre a origem dos termos.

4.5 Origem dos termos

Tomamos como base, para revelar a origem dos termos em estudo, conforme já mencionado no Capítulo 3, o "Dicionário Etimológico", de Antônio Geraldo da Cunha. Além da origem, essa obra nos possibilita, muitas vezes, esclarecer a datação aproximada da entrada da lexia em estudo em nossa língua bem como identificar formas variantes que tais vocábulos possam ter adquirido ao longo do tempo, podendo, com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*.

Quando o termo não constava em Cunha, recorremos às demais obras consultadas.

A Tabela 3 ilustra a quantificação total dos termos de ourivesaria quanto a sua origem.

TABELA 3 – Quantificação total dos termos de ourivesaria, coletados do DLB, quanto a sua origem

de donvesaria, coletados do DEB, quanto a sou origeni					
Origem	Quantificação				
Origem árabe	2				
Origem espanhola	2				
Origem francesa	3				
Origem italiana	2				
Origem portuguesa	12				
Origem provençal	1				
Origem onomatopaica	1				
Origem desconhecida	4				
Origem não encontrada	9				
TOTAL	36				

A seguir, listamos os termos e suas respectivas origens.

a) Termos de origem árabe

- Cifa (do árabe sāifâ / cf. Cunha, 1987)
- Nochatro (Do árabe vulgar vošatr / cf. Cunha, 1987)

b) Termos de origem espanhola

- Tijolo (do castelhano tejullo / cf. Cunha, 1987)
- Taes (do castelhano tas / cf. Freire, 1949)

c) Termos de origem francesa

- Arruela (do antigo francês *Roelle* (hoje rouelle) < latim tardio *rotella /* cf. Cunha, 1987)
- Cinzel (Do antigo francês cisel (hoje ciseau), de cisoir, < latim vulgar *caesŏrĭum, de caedĕre 'cortar' / cf. Cunha, 1987)
- Cinzelar cinzel (Do antigo francês *cisel* (hoje *ciseau*), de *cisoir*, < latim vulgar **caesŏrĭum*, de *caedĕre* 'cortar' [...] cinzelar 1859 / cf. Cunha, 1987)

d) Termos de origem italiana

- Mola (do italiano molla / cf. Cunha, 1987)
- Retocador (do italiano ritoccare / cf. Cunha, 1987)

e) Termos de origem portuguesa

- Copella (do latim *cūpell* < italiano < *coppèla* < francês *coupelle* / cf. Cunha, 1987)
- Ensaio (do latim tardio exagium < do inglês essayist / cf. Cunha,
 1987)
- Estilo (do latim *stills* / cf. Cunha, 1987)
- Frasco (do latim tardio frasca / cf. Cunha, 1987)
- Fuste (do latim fūstis / cf. Cunha, 1987)
- Ourives (ouro do latim aurum – $\bar{1}$ || ourives | -vez XIII, oryuez XIII etc. [...] / cf. Cunha, 1987)
- Ourivesaria (ouro [...]do latim *aurĭfex –ficis* || ourivesaria | *ouriuezaria* XIV / cf. Cunha, 1987)

- Prateiro (do latim vulgar *platta / cf. Cunha, 1987)
- Rascador rascar (do latim vulgar *rasicāre / cf. Cunha, 1987)
- Reparar (do latim *rěpărāre* / cf. Cunha, 1987)
- Tenaz (do latim *tenāx-ācis* / cf. Cunha, 1987)
- Trasflor (do latim *trans* / cf. Cunha, 1987)

f) Termos de origem provençal

 Escovilha (do provençal escobilha < latim scōpelīa / cf. Cunha, 1987)

g) Termos de origem onomatopaica

• Zunideira (de origem onomatopaica / cf. Cunha, 1987)

h) Termos de origens obscura, desconhecida

- Adastra (de origem desconhecida / cf. Cunha, 1987)
- Cartabuxa (de origem obscura / cf. Cunha, 1987)
- Maçarico (de origem obscura / cf. Cunha, 1987)
- Rilheira (de origem desconhecida / cf. Cunha, 1987)

i) Termos de origens não encontradas

- Branquimento
- Caçoleta
- Embutideira
- Estilheira
- Moedeira
- Morescos
- Recoitar
- Sedear
- Taceira

Ao fazermos a leitura dos dados, notamos que 25% dos termos em análise não tiveram suas origens encontradas em nenhuma das obras consultadas. A origem de maior destaque é a portuguesa, com 33,33% das ocorrências.

11,11% dos termos têm suas origens desconhecidas. Os termos de origem francesa somam 8,33% dos dados. Os termos de origem árabe, espanhola e italiana aparecem com igual destaque, representando 5,55% das ocorrências cada. Já os termos de origem provençal e onomatopaica aparecem em menor número, com 2,77% das ocorrências cada.

É notório que a maior parte dos termos de ourivesaria selecionados do DLB é oriunda da Europa, fato que ajuda a ratificar a herança portuguesa.

4.6 Variações na grafia dos termos selecionados

Listamos aqui alguns vocábulos que apresentaram variação em sua grafia em pelo menos dois dos dicionários consultados.

Conforme já mencionado na seção 1.2.3, só no século XX, buscouse uma padronização ortográfica para a grafia das palavras.

Dos 36 termos selecionados no DLB, 14 (38,88%) foram encontrados com alguma alteração na grafia. Vejamo-los no Quadro 4 a seguir.

QUADRO 4 - Termos com variação na grafia

Bluteau	Moraes Silva	Laudelino	Aurélio	Houaiss
arruella	arruella	arruella	arruela	arruela
branquear ³⁵	branquimento	branquimen- to	branquea- mento	branquea- mento
cartabuxa/car- tabùxa	cartabuxa	cartabuxa	cartabuxa	cartabuxa
copelha/copella	copelha/copela	copela/co- pella	copela	copela
nochâtro	nochatro	nochatro	nochatro	nochatro
ourivezarîa	ourivasaria	ourivesaria	ourivesaria	ourivesaria
ourives	ourives	ourives	ourives	ourives
rascadôr	rascador	rascador	rascador	rascador

³⁵ Em Cunha, apenas a forma verbal de branquimento/branqueamento foi encontrada.

retocadôr	retocador	retocador	retocador	retocador
sinzel sinzelar	sinzel sinzelar	cinzel cinzelar	cinzel cinzelar	cinzel cinzelar
taes	taes	tás		
tijolo	tijólo	tijolo	tijolo	tijolo
trasflor	trasflôr	trasflor	trasflor	trasflor

4.7 Análise do estudo contemporâneo dos termos

4.7.1 Sobre as entrevistas

No intuito de fazermos o estudo contemporâneo dos termos de ourivesaria, aplicamos questionários semântico-lexicais a 10 ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região (vide CD em anexo).

Conforme já comentado no Capítulo 3, inicialmente, foi feita uma rodada de perguntas (questões A) aos ourives sobre sua ciência em torno do significado de todos os 36 termos selecionados, conforme estão em Silva Pinto. Nos casos de resposta afirmativa, passamos às questões B, do tipo "O que é? Para que serve?". A esses termos presentes em Silva Pinto que ainda fazem parte do jargão dos entrevistados, seguimos com outra pergunta (C), tal como "Existe algum outro nome para...?". Isso pôde apontar para alguma forma sinônima que encontre lugar nas obras lexicográficas mais atuais. Quando a resposta à primeira questão foi negativa, passamos às questões D do questionário, objetivando identificar se o termo em estudo foi substituído por outro ou se é conhecido na região de outra forma.

Nosso objetivo foi saber se tais termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se

outras palavras estão sendo usadas em lugar deles. Partimos do conceito para a palavra. Quando a resposta não foi a esperada, partimos da palavra para o conceito.

Em um primeiro momento, tivemos uma conversa mais informal, na qual os entrevistados falaram um pouco sobre suas experiências, sobre a profissão, sobre seus desafios e outros assuntos. Essa preliminar contribuiu para que os ourives ficassem mais à vontade ao responder ao questionário, permitindo, com mais facilidade, a gravação dessa atividade.

4.7.2 Sobre os entrevistados

A idade dos nossos entrevistados varia de 25 a 55 anos e o tempo de experiência de 2 a 35 anos.

Metade dos ourives entrevistados relatou que a sua profissão é herança familiar. Dois deles trabalham em uma ourivesaria fundada pelo bisavô em 1928. O local ainda preserva algumas ferramentas usadas naquela época, embora muitas delas não sejam mais usadas.

Quatro ourives iniciaram sua carreira fazendo artesanatos diversos, utilizando pedra-sabão, cerâmica etc. Posteriormente, passaram a atuar no ramo da ourivesaria. Apenas um ourives relatou que iniciou na ourivesaria por interesse próprio, pela necessidade de se sustentar e pela curiosidade pela área.

É interesse ainda destacar que um dos ourives tem experiência também no garimpo. Há mais de 20 anos ele trabalha na garimpagem e na venda de ouro e gemas. Para se especializar, está há dois anos fazendo o curso técnico em Joalheria e, nesse período, já começou a produzir suas peças, atuando também, portanto, como ourives.

Dos 10 entrevistados, 7 fazem ou fizeram o curso técnico em Joalheria oferecido pelo Instituto Federal Minas Gerais (IFMG), *campus* Ouro Preto. Todos buscaram o curso como forma de aperfeiçoar o trabalho que já vêm desenvolvendo há alguns anos. Os outros três, apesar de reconhecerem a importância da formação, acreditam que a experiência e o talento é o que conta para se ter sucesso na carreira. Coincidência ou não, os três

são nomes de destaque na ourivesaria de Ouro Preto e região.

Passemos agora para a análise e o comentário dos questionários. Na medida do possível, procuramos ilustrar as unidades lexicais em destaque, para melhor compreensão do referente.

4.7.3 Análise dos questionários

Nesta seção, exporemos as respostas dadas pelos 10 ourives entrevistados às perguntas feitas em relação aos 36 termos coletados do DLB.

Sobre adastra, nenhum dos ourives conhece esse termo. No entanto, quando fizemos a pergunta a partir do significado do termo, 90% responderam tribulet. Apenas um disse não usar ferro para endireitar os aros.



FIGURA 16 – Tribulet FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Em relação ao termo *arruela*, todos também foram unânimes ao responderam que esse não é um objeto usado por eles; tampouco, hoje em dia, têm a prática de vazar prata no tijolo. Um deles salientou que a *arruela* tem aplicabilidade na mecânica, conforme constatamos em Cunha e em Houaiss.

Quando lhes perguntado sobre o termo branquimento, 50% dos ou-

rives afirmaram que essa é uma prática feita para clarear a prata, para torná-la mais branca. É importante salientar que desses 50%, 20% fizeram a correção: *branquimento* para *branqueamento* ou *branquear*. Os outros 50% disseram não conhecer o termo e, em relação à atividade de branquear, 40% disseram não ter essa prática e apenas 10% responderam que usam o polimento para dar brilho ou limpar a prata.



FIGURA 17 – Branqueamento da prata FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Todos os ourives entrevistados disseram não conhecer o termo *caçoleta*. Quando perguntados sobre o recipiente onde fundem ou derretem os metais, todos responderam *cadinho*, um deles ainda disse que o *amianto* pode ser usado.



FIGURA 18 – Cadinho FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Nenhum ourives também disse conhecer o termo *cartabuxa*. Para lustrar e limpar os metais, disseram usar diferentes escovas. 40% citaram a *escova de latão*, outros 40% falaram da *escova de aço*, e 30% listaram a *escova de algodão*, a de *pelo de cavalo*, a de *jeans* e *esponjas* para se fazer a limpeza.



FIGURA 19 – Escovas usadas para limpar e lustrar o ouro FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Cifa é um termo desconhecido para os ourives. 30% lembraram que antigamente se usava a areia como molde e que hoje ela já não é mais usada. 10% lembraram que a areia é mais usada na fundição do ferro, outros 20% disseram usar areia no jateamento ou como forma de manter a temperatura da gema no momento da lapidação. Em relação ao uso de molde, 30% disseram usar a cera perdida, 20%, o gesso, 10%, o dado de bola e 40% disseram não trabalhar com moldes e sim fazendo acabamentos manuais.



FIGURA 20 – Cera para molde FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

O termo *copela* é desconhecido por 100% dos ourives entrevistados. Sobre o local onde afinam ou purificam os metais, 50% responderam que o fazem em *qualquer recipiente de vidro*, os outros 50% utilizam o *cadinho* (Figura 18 mostrada anteriormente).

Em relação ao termo *embutideira*, 40% disseram não conhecer o termo. 60% responderam que a conhecem e que ela serve para fazer formatos abaulados nas peças, tubinhos, bolas etc. Desses 60%, 20% usaram o termo *embutidor* no lugar de *embutideira*. 20% também disseram que a *embutideira* (ou embutidor) seria o *dado de bolas ou de ranhura*. Quando perguntados sobre o nome da peça de metal com várias cavidades sobre

a qual se colocam as chapas de metal, dos 40% que afirmaram não conhecer o termo *embutideira*, apenas 10% disseram usar o *dado de bola ou de ranhura*, 20% disseram usar uma peça de metal ou de barro e 10% não souberam responder.



FIGURA 21– Dado de bola FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Sobre o termo *ensaio*, 80% disseram não conhecê-lo. 10% responderam que *ensaio* seria refinação. Ao serem perguntados sobre o nome do exame, da análise dos metais, 20% responderam *teste de toque*, 30% disseram *avaliar a pureza*, *a qualidade do metal*, 20% responderam *avaliar ou avaluar*, 20% disseram *testar* e apenas 10% disseram não trabalhar com esse tipo de análise.



FIGURA 22 – Materiais usados na avaliação dos metais FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Escovilha é um termo desconhecido por 90% dos entrevistados. 10% responderam que escovilha seria uma escova para limpar o resto dos metais. Sobre o local onde se guardam os resíduos dos metais, percebemos não haver um lugar específico. 40% disseram que guardam em qualquer recipiente, 20% armazenam em frascos, 20%, em caixas na própria bancada, e 20% lembraram que usam a gaveta da bancada e a água de mão, na qual lavam as mãos para que o pó de ouro que restou nelas decante no balde.



FIGURA 23 – Gaveta da mesa do ourives FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

O termo estilheira foi bastante confundido com rilheira. Em alguns casos, foi preciso esclarecer a existência dos dois. 50% disseram conhecer o termo. Desses, 30% explicaram que a estilheira serve como suporte da peça que será trabalhada, 10%, após a entrevista, disseram ter confundido o termo com rilheira e mencionou que a primeira serve como suporte, já os outros 10% afirmaram que a estilheira é usada na fundição. 50% afirmaram não conhecer o termo e quando lhes perguntado o local da bancada onde se pode descansar os objetos, 20% disseram usar a própria gaveta, 10% afirmaram que não há esse local em sua bancada e 20% não se lembraram do nome.



FIGURA 24 – Estilheira FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Sobre o termo *estilo*, 90% não o conhecem. 10% entenderam estilo como características diferenciais do seu trabalho. Em relação ao nome do ponteiro usado para desenhar nas peças de metal, 50% citaram *ponteiros*, alguns feitos com pontas de prego, de caneta etc. 30% citaram o buril, 20%, o *compasso* e 10% citaram o *fresno*.



FIGURA 25 – Ponteiro FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

O termo *frasco* foi reconhecido por 60% dos ourives participantes da entrevista que o utilizam para armazenar diferentes materiais, como ácidos. 40% responderam que o termo *frasco* não é específico do ramo deles. Em relação ao *frasco*, definido por Silva Pinto como recipiente onde se coloca areia para se tirar o molde da obra, ficou claro que esse objeto específico não é mais usado atualmente. 50% lembraram que hoje

os moldes são feitos de gesso, silicone ou cera (conforme vimos nas considerações sobre *cifa*) e que esse uso dependerá se o ourives trabalhar com fundição também.



FIGURA 26 – Frasco usado pelo ourives FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Todos os ourives entrevistados disseram não conhecer o termo *fuste*. Sobre a peça utilizada para pegar peças menores que serão lavradas ao buril, 90% citaram a *pinça*, 10%, o *pau de lacre* e 20%, o *alicate*.



FIGURA 27 – Pinça de ourives FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

O maçarico é um termo bastante empregado. Todos o conhecem e explicaram que esse instrumento serve para fundir e soldar os metais. De acordo com a definição dada por Silva Pinto, o maçarico precisava ser soprado. 20% dos entrevistados citaram o maçarico de boca, usado ainda por eles que trabalham em uma oficina que tem muitas ferramentas herdadas do bisavô. Hoje são usados maçarico de ar, de gás etc.



FIGURA 28 – Maçarico de boca FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

Sobre o termo *moedeira*, 90% afirmaram não conhecê-lo; 10% ficaram na dúvida. Quando lhes perguntado o nome do instrumento utilizado para moer esmalte, todos disseram que não trabalham com esse material ou que é muito difícil utilizarem esmalte em seu ofício. 10% disseram que, caso seja necessário retirar o esmalte de alguma peça, o faz com fogo e martelo. Outros 10% relataram que, às vezes, usam o esmalte nos banhos de ródio para isolar algum material e o retiram com solventes.

Quando lhes perguntado sobre o termo *mola*, 80% não souberam identificá-lo em seu ofício. 10% disseram que a usam para aumentar ou diminuir os aros dos anéis, e outros 10% relacionaram o termo à definição dada por Cunha e por Aurélio (peça que se distende e se comprime). Ao serem perguntados sobre o nome do objeto com o qual se retira os

recipientes do forno, 60% responderam *pinça*, salientando que seria uma pinça maior, 30% citaram o *alicate*, 10% o *cadinho que possui cabo*, 10% disseram que poderia se usar uma *luva térmica*, 10% disseram que usam o *tenaz* e 10% afirmaram não trabalhar com fundição.



FIGURA 29 – Pinça de cabo longo FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

Nenhum dos entrevistados conhece o termo *moresco*. Quando foi perguntado aos ourives o nome das folhas que são desenhadas com buril, 50% responderam *chapas*, 20% disseram *folhas*, 10% responderam *lâminas*, 10% falaram de *mingote* (quando é retirada da rilheira). 20% disseram não trabalhar com folhas ou chapas. É importante ressaltar que um dos ourives entrevistados disse-nos que as chapas ou folhas podem receber diversos nomes de acordo com a região. Ele já trabalhou em vários estados brasileiros e relatou-nos que a variação da nomenclatura é muito comum.



FIGURA 30 – Chapas de metal FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

O termo *nochatro* também não foi identificado por nenhum dos ourives. Quando lhes perguntado o uso do sal amoníaco, 30% afirmaram não utilizá-lo, 20% disseram utilizá-lo em ligas, por exemplo, 30% falaram que usam o *sal branqueador* para fazer a limpeza das peças, 20% relataram usar ácido muriático ou amônia líquida.



FIGURA 31 – Sal amoníaco FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Sobre o termo *ourivesaria*, todos o relacionaram à arte de fabricar adornos de ouro e prata. Sobre o nome do local onde trabalham, seja por meio das entrevistas, seja por meio da conversa pré-questionário, pude-

mos perceber que o local é chamado de *oficina* pela maioria, seja *oficina de ourivesaria*, seja *oficina de joias*. Um dos ourives entrevistados nos disse que antigamente as oficinas de ourivesaria eram chamadas de *tenda*.

Em relação ao termo *ourives*, 40% responderam que é aquele que trabalha com joias, desses, 10% usaram *joalheiro* como sinônimo. 60% responderam que *ourives* é aquele que trabalha com peças em ouro e em prata.



FIGURA 32 – Ourives em sua oficina FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

O termo *prateiro* não foi definido por 40% dos entrevistados. Dos 60% que definiram *prateiro*, como aquele que trabalha mais com prata, 10% disseram que esse termo não é mais usual. 90% afirmaram que hoje em dia o termo *ourives* nomeia tanto quem trabalha com prata quanto com ouro.



FIGURA 33 – Peça feita em prata FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

Rascador é um termo desconhecido por todos os entrevistados. Em relação ao nome do objeto que serve para raspar os metais, 50% citaram a lima; 30%, as lixas; 10%, escova ou buril; 10%, estecas ou espátulas; 10%, brocas ou esmeril; 10%, brunidor.



FIGURA 34 – Limas FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Sobre *recoitar*, embora um dos ourives tenha tentado deduzir do que se trata, nenhum reconheceu-o. Quando lhes perguntado a respeito do nome do ato de recozer o metal, 50% disseram que é *recozer* mesmo; 30% falaram *fundir*; 20%, *destemperar* e 10%, *dar calor*.



FIGURA 35 – Metal sendo recozido FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Todos os ourives reconheceram o termo *reparar*. Para eles, reparar significa *consertar*, *reformar*, *restaurar* as peças.



FIGURA 36 – Reparo na peça rachada FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

O termo *retocador*, embora um dos entrevistados tenha ficado na dúvida em relação a sua definição, é desconhecido por todos. Sobre o instrumento utilizado para retirar a rebarba do ouro, foram citados vários nomes, pois, segundo os ourives, a escolha da ferramenta dependerá do tipo de rebarba. 90% se lembraram da *lima*; 30% falaram da *lixa*; 20% citaram a *tesoura*; 10% disseram que podem ser usados *brocas* e *materiais de polimento*; outros 10% disseram que, dependendo do caso, a *solda* também pode ser usada.



FIGURA 37 – Lixas FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Dos entrevistados, 70% conhecem o termo *rilheira*, definindo-a como molde onde a prata fundida é depositada para se fazerem os tarugos. 10% afirmaram que ela serve para marcar as medidas dos anéis e 20% não reconheceram o termo. A esses últimos 30% (ou 3 entrevistados), foi lhes perguntado o nome da peça por onde se vaza a prata. Um não soube responder e dois responderam *laminador*.



FIGURA 38 – Rilheira FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Sedear é desconhecido pelos 10 ourives entrevistados. Em relação ao nome do ato de limpar a peça de prata ou de ouro com escova de sedas, 60% responderam *polimento* (ou *polir*); 40% disseram *limpar com escova de latão*; 10% ainda citaram *lixar*.



FIGURA 39 – Polimento FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

Sobre o termo *cinzel*, 50% disseram não o conhecer e os outros 50% disseram que se trata de um instrumento da sua atividade, sendo que desses, 40% o usam para gravar ou esculpir o ouro, como o buril, e 10% disseram que o *cinzel* é usado na fundição. Aos 50% que não conheceram o termo, foi lhes perguntado o nome do instrumento que serve para cravar ou esculpir o ouro. 40% responderam *buril*, 10% citaram a *broca* e 10% falaram do *motor de chicote com brocas de metal*.



FIGURA 40 – Buril FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Dos entrevistados, 60% não reconheceram o termo *cinzelar*. 40% afirmaram que *cinzelar* é o ato de esculpir, estampar uma peça, de trabalhar com o cinzel. Quando perguntados sobre o nome do ato de levantar em meio relevo, 20% responderam *burilar* (porque se faz com o buril); 10% mencionaram *granitar* e os demais disseram não haver um nome específico.



FIGURA 41 – Burilar FONTE: Arquivo fotográfico pessoal da família Dutra

O termo *taceira* é desconhecido por todos os entrevistados. Para expor suas peças, 60% usam *vitrines* ou *expositores* e até mesmo o próprio *balcão*; 20% expõem em *mostruários* e *maletas* e 20% trabalham sob *encomenda*, então não expõem. Um dos ourives chamou a atenção para uma forma mais moderna de divulgar seus produtos: as redes sociais.



FIGURA 42 – Mostruário de joias FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Em relação ao termo *taes/tás*, 60% dos entrevistados o conhecem e relataram que ele é uma barra de aço usada para achatar ou desentortar os metais. 20% disseram que podem ser chamados de *tazo* ou de *barra pesada*. Dos 40% que não conhecem o termo, 30% disseram usar o *martelo* para bater nos metais. 20% falaram de uma *chapa* ou *forma*, mas não se lembraram do nome delas. Pela descrição, talvez seja mesmo o *taes/tás*.



FIGURA 43 – Taes/tás FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Dos entrevistados, 60% não conhecem o termo *tenaz*. Dos 40% que disseram conhecer, um associou o termo à marca de cola; 20% relataram que tenaz serve para puxar fios e 10% falaram que a ferramenta serve para manusear o cadinho quente. Dos 60% que não conhecem o termo, quando lhes foi perguntado o nome da ferramenta de metal que possui duas peças unidas por um eixo para bater nos metais, 40% disseram não conhecê-la ou não utilizá-la; 10% disseram usar a *morsa* ou *morceto* e 10%, o *martelo*.



FIGURA 44 – Tenaz FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

Todos os ourives afirmaram utilizar *tijolo* em seu ofício. Ele serve como refratário no momento da solda. Como ferro redondo por onde se vasam as arruelas, ele é desconhecido, até porque, como vimos, as arruelas não são características do trabalho dos ourives. Para se fazer algum tipo de vazamento na peça, os ourives usam *serras*, *motor de chicote* ou *furadeira*.

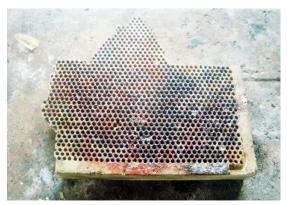


FIGURA 45 – Tijolo

FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

O termo *trasflor* é desconhecido por todos os entrevistados. Como já relatado nos comentários sobre *moedeira*, o esmalte já não é usado mais pelos ourives. Um deles até comentou que, há muitos anos, trabalhou com o lavor de ouro em campo de esmalte, mas não se lembra mais do nome da atividade.

Sobre *zunideira*, o termo também é desconhecido por todos os ourives. Para o nome da pedra sobre a qual se alisa o ouro, 20% responderam *taes/tás* (Figura 43 mostrada anteriormente); 20% relataram usar a própria *gaveta da bancada* (Figura 23 mostrada anteriormente), 20% citaram o *laminador*, 20% não fazem essa prática, 10% disseram usar o *quartzito* e 10%, uma *prensa*.



FIGURA 46 – Laminador FONTE: Arquivo fotográfico pessoal

4.7.4 Comparação dos dados do questionário com os dados do DLB

Nesta seção, podemos comparar os resultados obtidos na entrevista com o DLB. Dos 36 termos selecionados, 14 (38,88% dos dados) são desconhecidos por 100% dos entrevistados. O Quadro 5 mostra-nos es-

ses termos e seus possíveis correspondentes atuais, arrolados a partir das respostas dadas.

QUADRO 5 – Termos coletados no DLB desconhecidos por todos os profissionais entrevistados

Termos desconhecidos por todos os ourives entrevistados	Termos citados por meio do conceito
Adastra	Tribulet
Arruela	
Caçoleta	Cadinho, amianto
Cartabuxa	Escova de latão, de aço, de algodão, de crina de cavalo, de jeans.
Cifa	Cera perdida, gesso, dado de bola
Copela	Cadinho, vidros diversos
Fuste	Pinça, alicate, pau de lacre
Moresco	Chapas, lâminas, folhas, mingotes
Nochatro	Sal branqueador, ácido muriático, amônia líquida
Rascador	Lima, lixa, buril, brunidor, esmeril, escovas
Sedear	Polir, lixar, limpar, lavar
Taceira	Vitrine, mostruário, balcão, maleta
Trasflor	
Zunideira	Tás, laminador, fundo da gaveta

Vale a pena destacar que os termos *trasflor* e *arruela* não foram reconhecidos, pela maioria, como pertencentes ao universo da ourivesaria, nem pelo conceito. Já os termos *cifa* e *nochatro* não apresentaram as mesmas acepções do DLB, já que os ourives relataram não trabalhar mais com moldes feito em areia e com sal amoníaco, respectivamente.

Apenas cinco termos (13,88% dos dados) foram reconhecidos por todos os ourives entrevistados, embora o conceito dado por eles nem sempre coincidiu com a encontrada no DLB. O Quadro 6 mostra-nos esses termos.

QUADRO 6 - Termos coletados do DLB reconhecidos por todos os profissionais entrevistados

Termos	Comparação das acepções
Maçarico	O maçarico continua sendo usado, o que difere é a variedade da ferramenta. Além do de boca, hoje temos o de gás, o de ar etc.
Ourivesaria	Para todos os ourives, a primeira definição de ourive- saria que vem à cabeça é em relação à arte de traba- lhar com ouro e prata, embora também chamem suas oficinas de ourivesaria.
Ourives	O conceito dado pelo DLB e pelos ourives é o mesmo. Ourives é aquele que trabalha com ouro e prata.
Reparar	O termo reparar também foi definido da mesma forma pelos ourives em relação ao DLB: reparar e fazer repa- ros, aperfeiçoar, reformar uma peça em ouro ou prata.
Tijolo	Hoje o tijolo serve como refratário e não mais para vazar as arruelas, que nem são mais conhecidas no ramo.

Em relação aos demais termos, podemos dividi-los em três grupos, quais sejam:

a) Termos que são desconhecidos por mais de 80% dos ourives e que os demais fizeram deduções ou responderam de forma equivocada. Nesse grupo, encaixam-se 7 termos (19,44% dos dados). O Quadro 7 traz esses termos bem como comentários a respeito das respostas dadas pelos entrevistados.

QUADRO 7 – Termos desconhecidos pela maioria dos entrevistados

Termo	Comentários
Ensaio	Apenas 20% dos ourives disseram reconhecer o termo. No entanto, um relacionou ensaio a testes de laboratório para mudança de cor das gemas e outro, a improviso.
Escovilha	O único entrevistado que reco- nheceu esse termo é argentino e mora no Brasil há 24 anos. Pela resposta, o ourives enten- deu escovilha como escova.
Estilo	Em relação a esse termo, o ourives que disse reconhecer o termo estilo, o associou a estilo próprio, a características singulares do seu trabalho.
Moedeira	Apenas um entrevistado (10%) disse que moedeira poderia ser um instrumento para fazer aliança, mas não ficou certo disso.
Mola	20% associaram mola a seu ofício. Um disse que ela seria usada para mudar o tamanho dos aros das alianças e o outro a relacionou à peça em espiral.
Recoitar	Um entrevistado tentou deduzir o que era recoitar, supondo que poderia ser o processo de se juntar o ouro e a prata, mas deixou claro que esse nome não lhe era familiar.
Retocador	Apenas um ourives associou retocador a retocar e disse que já trabalhou com esse instrumento.

b) Termos que, por serem mais usuais ou que pelo nome deduz-se do que se trata: 4 termos (11,11% dos dados). Vejamos o Quadro 8.

QUADRO 8 – Termos cuja nomenclatura induz ao significado

QUADRO 8 — Termos coja nomenciatora modz ao significado			
Termo	Comentários		
Branquimento	Como <i>branqueamento</i> lembra muito <i>branquimento</i> , mesmo os 50% que disseram não conhecer o termo explicaram a atividade por meio do conceito de <i>branquimento</i> . Dois dos que disseram conhecer o termo, inicialmente, já fizeram a "correção" de <i>branquimento</i> para <i>branqueamento</i> .		
Embutideira	Os 40% que disseram não conhecer o termo, posteriormente, pelo conceito, reconheceram a sua função e citaram nomes usados hoje como <i>embutidor, dado de bola e de ranhura</i> etc.		
Frasco	Frasco foi reconhecido como termo do ramo por 40% dos ourives entrevistados. 100% dos entrevistados não reconhecem frasco como definido no DLB. Todos responderam relacionando o termo a recipientes de qualquer tipo que servem para armazenar diferentes materiais.		
Prateiro	Embora 50% dos ourives não tenham definido <i>prateiro</i> , ficou claro que atualmente denomina-se ourives o artífice que trabalha tanto com ouro quanto com prata.		

c) Termos reconhecidos por parte dos entrevistados: 6 termos (16,66% dos dados). Nesses casos, parece-nos que o reconhecimento ou não do termo está relacionado ao tempo de experiência, ao fato de alguns ourives apelidarem suas peças etc.

QUADRO 9 – Termos reconhecidos por mais de 40% dos entrevistados

Termos	Comentários		
Estilheira	Metade dos entrevistados disse não conhecer <i>estilheira</i> . Houve muita confusão com o termo <i>rilheira</i> .		
Rilheira	80% dos entrevistados disseram conhecer <i>rilheira</i> e dos 20% que disseram não, 10%, pelo conceito, responderam <i>laminador</i> como tendo a mesma função da <i>rilheira</i> .		
Cinzel	O reconhecimento desse termo também ficou bem dividido (50% reconhecem e os outros 50% não). Ficou claro, pelas respostas, que o <i>buril</i> desempenha a mesma função e que o <i>cinzel</i> é mais usado pelos escultores que trabalham com madeira.		
Cinzelar	Cinzelar, por referência a cinzel, foi definido por 40% dos entrevistados, como ato de cinzelar, gravar ou burilar uma peça.		
Taes/tás	40% não reconheceram o termo. Segundo informações dos próprios ourives, essa é uma ferramenta muito antiga. Inclusive não há entrada para ela em Aurélio e em Houaiss.		
Tenaz	Tenaz também é uma ferramenta bastante antiga. Poucas oficinas a possuem. 60% dos entrevistados não a conhecem.		

Podemos simplificar esses dados da seguinte forma: 21 termos (58,33% dos dados) são desconhecidos por mais de 80% dos entrevistados (14 termos desconhecidos por 100% mais 7 termos cujos significados foram deduzidos por um entrevistado). 15 termos (41,66% dos dados) foram reconhecidos por, pelo menos, 40% dos entrevistados: cinco termos reconhecidos por 100%, mais quatro cujo nome ajudou na identificação, mais seis que parecem ter o reconhecimento determinado pelo tempo de experiência do ourives.

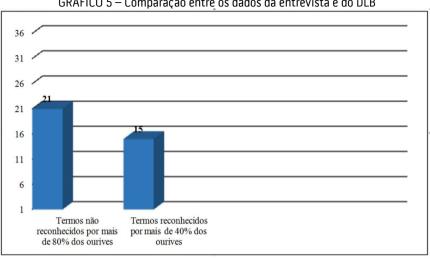


GRÁFICO 5 — Comparação entre os dados da entrevista e do DLB

4.7.5 Comparação dos dados dos guestionários com as obras de referências mais atuais: Aurélio e Houaiss

Comparando agora os dados das entrevistas com os dos dois dicionários mais atuais analisados nesta pesquisa, Aurélio e Houaiss, podemos tecer os seguintes comentários:

Os termos selecionados em Aurélio (frasco e mola) e em Houaiss (arruela e frasco) com acepções diferentes daquelas encontradas no DLB, também se diferenciaram nas entrevistas. Embora fossem listados nos dicionários ou citados nas entrevistas, apresentam novas acepções e/ ou usos em relação àqueles arrolados no DLB.

Dos termos não listados por Houaiss (estilheira, moresco e taes/tás) e por Aurélio (estilheira, moresco, taes/tás e taceira) apenas estilheira e taes/tás foram reconhecidos por, pelo menos, 40% dos entrevistados.

Embora listados pelos dicionaristas, são desconhecidos pelos ourives: adastra, caçoleta, cartabuxa, cifa, copela, fuste, nochatro, rascador, sedear, trasflor, zunideira. Isso equivale a 34,37% dos dados de Aurélio e a 33,33% dos dados de Houaiss. Os termos a seguir também foram listados, no entanto são desconhecidos pela maioria dos entrevistados. Aqueles que responderam deduziram seu significado: *escovilha*, *estilo*, *moedeira*, *recoitar*, *retocador* (16,62% dos termos listados por Aurélio e 15,15% por Houaiss).

Ainda houve aqueles termos nos quais pudemos perceber a aproximação do significado com as obras lexicográficas: branquimento (branqueamento), cinzel, cinzelar, embutideira, estilheira, maçarico, ourivesaria, ourives, prateiro, reparar, rilheira, tenaz, tijolo (embora a função citada pelos entrevistados seja diferente daquela comentada nos dicionários, o objeto continua sendo usado na ourivesaria). Esses termos representam 40,62% dos dados de Aurélio e 39,99% dos dados de Houaiss.

Como se vê, pelos resultados obtidos a partir da comparação dos dados das entrevistas com os termos selecionados em Aurélio e em Houaiss, a maior parte dos termos é desconhecida pelos ourives atuantes na cidade de Ouro e região, embora esse número não seja tão discrepante daqueles que são conhecidos. Além disso, a maior parte dos termos reconhecidos manteve suas acepções.

O Gráfico 6 também possibilita a leitura desses dados. Vale lembrar que dos 36 termos selecionados do DLB, Aurélio lista 32 e Houaiss 33.

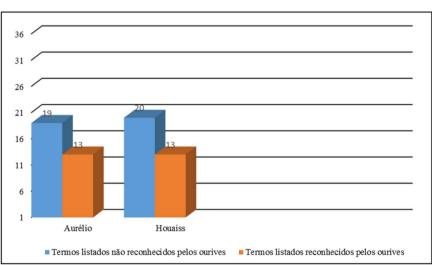


GRÁFICO 6 – Comparação entre os dados das entrevistas e dos dicionários de Aurélio e Houaiss

O quadro a seguir sintetiza os termos de ourivesaria coletados dos dicionários consultados e seus possíveis correspondentes elencados após as entrevistas. Vale lembrar que os termos destacados em negrito são encontrados nos dicionários mencionados, porém não apresentam marcas terminológicas de ourivesaria ou não nos remetem a esse universo. O sinal ".." indica que o item lexical não foi encontrado no dicionário consultado ou não é reconhecido pelos ourives entrevistados, nem mesmo pelo seu conceito.

QUADRO 10 – Síntese dos termos de ourivesaria coletados dos dicionários consultados e seus possíveis correspondentes elencados após as entrevistas

Cunha	Bluteau	Moraes Silva	Laude- lino	Aurélio	Houaiss	Ourives entrevistados
adastra	adastra	adastra	adastra	adastra	adastra	tribulet
arruela	arruella	arruella	arruela	arruela	arruela	36
bran- quea- mento	bran- quear	branqui- mento	branqui- mento	branque- amento	branquea- mento	branquimento branquea- mento
	caçoleta	caçoleta	caçoleta	caçoleta	caçoleta	cadinho/ amianto
carta- buxa	carta- buxa/ carta- bùxa	carta- buxa	cartabu- xa	cartabu- xa	cartabuxa	escova de la- tão, de aço, de algodão etc.
cifa		cifa	cifa	cifa	cifa	cera perdida, gesso, dado de bola
copella	copelha copella	copelha copela	copela copella	copela copella	copela	cadinho, vidros diversos
	embuti- deira	embuti- deira	embuti- deira	embuti- deira	embuti- deira	embutideira, embutidor, dado de bola e de ranhura

³⁶ O item lexical *arruela* e o seu conceito foram desconhecidos como pertencentes ao universo da ourivesaria pelos entrevistados.

ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	teste de toque, avaliar, testar
escovi- lha	escovi- lha	escovi- lha	escovilha	escovilha	escovilha	frascos, gaveta da bancada,
	estilhei- ra	estilhei- ra	estilheira	estilheira		água de mão estilheira
estilo	estilo	estilo	estilo	estilo	estilo	ponteiros, bu- ril, compasso, fresno
frasco	frasco	frasco	frasco	frasco	frasco	gesso, silico- ne, cera ³⁷
fuste	fuste	fuste	fuste	fuste	fuste	pinça, alicate, pau de lacre
maça- rico	maça- rico	maça- rico	maçarico	maçarico	maçarico	maçarico
	moe- deira	moe- deira	moedeira	moedeira	moedeira	38
mola	molas	mola	mola	mola	mola	pinça, alicate, cadinho com cabo, luva térmica
	mores- cos	mores- cos				chapas, lâmi- nas, folhas, mingotes
nocha- tro	nochâ- tro	nocha- tro	nochatro	nochatro	nochatro	sal branquea- dor, ácido mu- riático, amônia líquida
ourive- saria	ourive- zarîa	ouriva- saria	ourive- saria	ourive- saria	ourivesa- ria	ourivesaria

³⁷ O item lexical *frasco* foi reconhecido como objeto usado para armazenar diferentes materiais. Em relação ao *frasco*, definido por Silva Pinto como recipiente onde se coloca areia para se tirar o molde da obra, ficou claro que esse objeto específico não é mais usado atualmente. Hoje, segundo os entrevistados, os moldes são feitos de gesso, silicone ou cera.

³⁸ Como relataram não trabalhar mais com esmalte, os ourives entrevistados não reconheceram *moedeira* e, apenas um, comentou que, caso fosse necessário retirar o esmalte de alguma peça, o faria com fogo e martelo.

³⁹ Segundo os ourives entrevistados, hoje se denomina ourives tanto o profissional que trabalha com ouro quanto com prata.

ourives	ourives	ourives	ourives	ourives	ourives	ourives
pratei- ro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro ³⁹
	rasca- dor	rasca- dor	rascador	rascador	rascador	lima, lixa, buril, brunidor, esmeril, esco- vas
	recoitar	recoitar	recoitar	recoitar	recoitar	recozer, fun- dir, destempe- rar, dar calor
reparar	reparar	reparar	reparar	reparar	reparar	reparar
	retoca- dor	retoca- dor	retoca- dor	retoca- dor	retocador	lima, lixa, te- soura, brocas, solda
rilheira		rilheira	rilheira	rilheira	rilheira	rilheira
	sedear	sedear	sedear	sedear	sedear	polir, lixar, limpar, lavar
cinzel	sinzel	sinzel	cinzel	cinzel	cinzel	cinzel, buril
cinze- lar	sinzelar	sinzelar	cinzelar	cinzelar	cinzelar	cinzelar, gra- var, burilar
	taceira	taceira	taceira		taceira	vitrine, mostruário, balcão, maleta
	taes	taes	tás			tás, taso
tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz
tijolo	tijolo	tijólo	tijolo	tijolo	tijolo	tijolo ⁴⁰
trasflor	trasflôr	trasflor	trasflor	trasflor	trasflor	
	zuni- deira	zuni- deira	zunidei- ra	zunidei- ra	zunideira	tás, lamina- dor, fundo da gaveta

Feita a comparação dos dados, passemos agora para algumas considerações sobre o título do nosso objeto de estudo.

 $^{^{\}rm 40}$ Hoje, de acordo com os profissionais entrevistados, o tijolo é usado como refratário.

4.8 O "Diccionario da Lingua Brasileira" é uma obra nacionalista?

Como pôde ser visto no Capítulo 3, um dos nossos objetivos específicos era verificar se o DLB é uma obra nacionalista, uma vez que seu título, "Lingua Brasileira", anuncia essa possibilidade.

Além disso, no prólogo do DLB, Silva Pinto esclarece que a elaboração do dicionário foi um "esforço patriótico" e solicita ao "Srs. Amantes da Litteratura Nacional se dignarem enviar quaesquer Notas sobre vocabulos ommissos, e definições inexactas, ao Editor no Ouro Preto".

O título do nosso objeto de estudo, "Diccionario da Lingua Brasileira", postula uma diferenciação diatópica entre o Português Europeu e o Português Brasileiro em seu título já na primeira metade do século XIX. Como vimos na seção 1.2.3, "Aspectos linguísticos no Brasil Império", nessa época, parte dos autores brasileiros buscava uma forma mais brasileira de escrita, valorizando vocábulos, expressões locais etc.

A partir de nossas análises e de leituras de autores como Frieiro (1955), Coelho (2012) e Botelho (2011), dentre outros, podemos afirmar que o DLB não reivindica esse caráter nacionalista.

Para comprovar esse caráter não nacionalista do DLB, expomos a seguinte afirmação feita por Frieiro (1955):

embora se intitulasse *Dicionário da Língua Brasileira*, nada tinha que ver com a fala dos aborígenes nem com as particularidades da língua corrente no Brasil. Era um pequeno léxico da língua portuguesa, com alguns escassos brasileirismos, colhidos provavelmente em Morais e Silva (FRIEI-RO, 1955, p. 393).

De fato, enquanto Moraes apresenta séries de entradas pertencentes a uma mesma família de palavras e oferece ao leitor as variadas acepções de um mesmo vocábulo, Silva Pinto, em geral, expõe apenas uma ou duas acepções e suprime exemplos e abonações. Entretanto, essa espécie de resumo não mascara a importância histórica do DLB.

Sobre as lexias que compõem o DLB, Silva Pinto (1832, p. 5) escreve: "cumpria consultar todos os Vocabulários áo alcance, para com effeito dar o da Lingua Brasileira; isto é, comprehensivo das palavras e frases entre nós geralmente adoptadas, e não somente d'aquellas que proferem os Indios, como se presumira".

Em relação à escolha do título do dicionário, Frieiro (1955) expõe:

... achando-se os brasileiros ainda na lua de mel da independência nacional, o espírito nativista, então muito alvoroçado, não se contentava unicamente com a autonomia política: almejava romper todos os laços que ainda nos atavam à repudiada Metrópole, inclusive o liame infrangível da língua materna. Como não era possível fabricar uma, com peças totalmente novas, chamava-se *brasileira* à língua que, sem deixar de ser a portuguesa, é de qualquer forma também a nossa (FRIEIRO, 1955, p. 393).

Contraditoriamente ao seu título, no DLB não há entrada para "brasileiro", e "português" aparece com o sentido de moeda que circulava no tempo de D. Manuel I, Rei de Portugal. No entanto, aparecem muitos verbetes que designam grupos raciais como "crioulo" (o preto escravo, que nasce em casa de seu senhor), "mazombo" (nascido no Brasil), "mulato" (nascido de preto com branca, ou de branco com preta), "pardo" (de cor entre branco e preto) e "preto" (homem preto). Nação é definida por ele como "a gente de hum paiz, que se governa por suas leis particulares. Casta, raça. *Gente de nação* Descendentes de Judeos".

Em sua dissertação, Botelho (2011) coletou, do DLB, 153 termos com a marcação "termo náutico" contra 36 selecionados por nós com as marcações "termo de ourives", "entre ourives". Assim como Botelho (2011), também verificamos que a maior parte dos termos selecionados do DLB em nossa pesquisa é oriunda da Europa. Segundo palavras da autora: "Por se tratar de uma herança portuguesa, toda a terminologia náutica presente no *Diccionario de Lingua Brasileira* se restringe, em sua maior parte, como podemos ver, a termos oriundos da Europa. (BOTELHO, 2011, p. 178)

A discrepância do número de termos náuticos e dos de ourivesaria

é bastante grande. Certamente a atividade náutica exige mais denominações e foi bastante explorada pelos portugueses que nos deram de herança sua língua. Já a prática da ourivesaria foi proibida no Brasil até 1815, apenas 17 anos antes da publicação do DLB. Se a atividade era executada clandestinamente, os termos referentes a ela provavelmente não circulavam com facilidade.

Segundo Coelho (2012), O DLB não reivindica, explicitamente, autonomia para o português falado na América tampouco faz menção direta a qualquer nível de emancipação do "idioma brasileiro". A autora ainda ressalta que o dicionário de Silva Pinto não procura registrar exclusividades, isto é, um léxico somente empregado no Brasil.

Segundo Nunes (2006), os brasileirismos formam uma memória das palavras brasileiras. Ainda, segundo ele, "esse conjunto permite diferenciar o português brasileiro do português europeu no contexto de defesa da língua nacional" (NUNES, 2006, p. 26).

Algumas singularidades do Brasil podem ser percebidas por meio de alguns vocábulos:

Maribando s. m. Especie de vespa grande no Brasil que morde.

FIGURA 47 – Exemplo de brasileirismo FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 698.

Por outro lado, é notória a grande quantidade de vocábulos referentes ao português de Portugal. Vejamos alguns exemplos:

Tambeira, s. f. Em Portugal, a madrinha da neiva.

FIGURA 48 – Exemplo de vocábulo referente a Portugal FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 1027.

Oxeo, (com ò aberto) Palavra, de que usão os Transmontanos em Portugal para espantar a caça para fazer fugir as gallinhas, etc.

FIGURA 49 – Exemplo de vocábulo referente a Portugal FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 774.

No entanto, apesar de estar aparentemente afastada dos projetos literários e linguísticos que animaram o século XIX, essa obra, para Coelho (2012), oferece rico registro de variantes do português que se usavam àquela época no país. Ela ainda expõe que, curiosamente, parece ter sido decisivo para esse registro o fato de o autor ocupar-se da tipografia: das soluções gráficas e da organização de seu texto é que emergem dados sobre a diversificação da língua portuguesa no Brasil. Um exemplo disso é o uso de asteriscos que Silva Pinto faz para marcar os termos considerados inadequados.

* Dorosamente adv. por Dolorosamente.

FIGURA 50 – Exemplo de palavra inadequada FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 386.

Outro exemplo é a apresentação de metátese, muito comum naquela época.

Parteleira, s. f. Outros dizem prateleira.

FIGURA 51 – Exemplo de distinção entre usos populares e recomendáveis FONTE: Fonte: SILVA PINTO, 1832, p. 791.

Ainda se encontram no DLB algumas indicações sobre como certas palavras deveriam ser pronunciadas.

Somente, adv. (com o aberto)
Unicamente. Somente não,
nem se quer nem ao menos.
Antigamente, excepto.

FIGURA 52 – Exemplo de indicação de pronúncia FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 1003.

Há também marcação dos itens lexicais que são considerados "termos baixos".

Homemzarrão, s. m. - ões no plur. (T. baixo.) homem corpulento.

FIGURA 53 – Exemplo de termo baixo FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 648.

Vale ainda mencionar a solução dada para a falta de sistematização ortográfica. Como se sabe, no século XIX, não havia ainda uma padronização. Um bom exemplo disso é a recomendação dada pelo autor quando chegamos à letra Y.

Y.

Os vocabulos que se encontrarem com Y procurem-se com I, ou com Hi, ou com Hy.

FIGURA 54 – Exemplo de não padronização ortográfica FONTE: SILVA PINTO, 1832, p. 1113.

Por meio dessa breve análise, consta-se que, apesar de inovar ao nomear o dicionário como "brasileiro", principalmente porque o espírito nativista dos brasileiros estava bastante aguçado devido à independência do Brasil, que havia acontecido há apenas 10 anos, Silva Pinto não trouxe nada de inesperado, não reivindica um caráter nacionalista para sua obra.

CAPÍTULO 5

As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão.

(Memória, Carlos Drummond de Andrade)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta obra apresentou o estudo sincrônico e diacrônico do léxico correspondente à terminologia de ourivesaria, presente no "Diccionario da Lingua Brasileira", publicado por Luiz Maria da Silva Pinto, proprietário da *Typographia de Silva*, na cidade de Ouro Preto, no ano de 1832.

Analisamos as origens dos termos de ourivesaria coletados no DLB; conferimos se os termos selecionados se encontram presentes em obras lexicográficas de referência dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI; e se esses mantiveram seus significados; e, ainda, se constam como "termos de ourivesaria"; comparamos os termos de ourivesaria do DLB com os questionários aplicados aos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, verificando se esses termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles e verificamos se o DLB é uma obra nacionalista, uma vez que seu título, "Lingua Brasileira", anuncia essa possibilidade.

Aguçou-nos o interesse em saber quais termos de ourivesaria seriam selecionados para compor o primeiro dicionário genuinamente brasileiro, editado e publicado na cidade mineira de Ouro Preto, na qual houve e ainda há atividade consistente no manejo do minério cuja garimpagem originou a localidade.

Analisamos 36 unidades léxicas terminológicas coletadas do DLB, sendo 32 substantivos e 4 verbos.

Verificamos se esses termos foram listados por lexicógrafos de referência ao longo dos séculos XVIII ao XXI. Constamos que quase 90% dos itens lexicais estão presentes nessas obras. Bluteau lista 34 termos dos 36 coletados do DLB; Moraes Silva, 36 termos; Laudelino, 35 termos; Aurélio, 32 termos e Houaiss, 33.

Ficou claro também que a maior parte dos termos, embora em alguns casos não receba marcação terminológica, continua constando

como pertencente ao universo da ourivesaria. Em Bluteau, o conceito de apenas dois itens lexicais não faz menção à ourivesaria; em Laudelino, somente uma lexia; em Houaiss, duas e, em Aurélio, também duas. Todos os termos selecionados do DLB são listados por Moraes Silva e todas as acepções, nesta fonte, fazem menção à ourivesaria.

Quanto à marcação terminológica, Bluteau marca 20 dos 34 itens lexicais listados por ele; Moraes Silva marca 15 dos 21; Houaiss, 8 dos 25. Já Freire e Aurélio não fazem nenhum tipo de marcação.

No que concerne aos questionários aplicados a ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, fizemos dois comparativos: primeiro com o DLB, depois com o Aurélio e com o Houaiss.

Dos 36 termos selecionados do DLB, podemos dizer que 21 (58,33%) são desconhecidos pelos ourives, enquanto que 15 (41,66%) são familiares para parte dos entrevistados.

Das 36 lexias selecionadas do DLB, Aurélio lista 32. Dessas, 19 (59,37%) continuam desconhecidas pelos ourives e 13 (40,62%) são usuais. Já Houaiss lista 33 dos 36 termos selecionados do DLB, 20 (60,60%) parecem desconhecidos pelos ourives e 13 (39,39%) são comuns entre eles.

Como se vê, pela comparação dos dados das entrevistas com os termos do DLB, do Aurélio e do Houaiss, a maior parte dos termos não é conhecida pelos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, embora esse número não seja tão discrepante daquele que é conhecido.

Como destacado no capítulo anterior, alguns dos ourives entrevistados comentaram que eles costumam apelidar algumas ferramentas como forma de facilitar e agilizar o trabalho interno. Outros também lembraram que esses termos podem mudar de região para região. Metade deles já trabalhou em outros estados e um desses até fora do Brasil. Dessa forma, é compreensivo encontrarmos formas diferentes para se nomear um mesmo objeto.

Há ainda o fato de que o não conhecimento de muitos dos termos por alguns ourives pode estar relacionado ao tempo de experiência também. Algumas ferramentas que eram utilizadas há alguns anos já não o são hoje, o que faz com que os ourives mais jovens não as conheçam. Além disso, novas ferramentas vão sendo criadas e nomeadas de acordo com as necessidades da profissão.

No que se refere à origem dos termos, notamos que 25% dos termos em análise não tiveram suas origens encontradas em nenhuma das obras consultadas. A origem de maior destaque é a portuguesa, com 33,33% das ocorrências. É notório que a maior parte dos termos de ourivesaria selecionados do DLB é oriunda da Europa, fato que ajuda a ratificar a herança portuguesa.

Na seção 4.8, comentamos que Botelho (2011), em sua dissertação, coletou, do DLB, 153 termos com a marcação "termo náutico" contra 36 selecionados por nós com as marcações "termo de ourives", "entre ourives". O que explicaria o número reduzido de termos de ourivesaria presentes no DLB?

Um estaleiro naval é bem maior que uma oficina de ourives, e concentra um número maior de atividades; logo, a atividade náutica, sem dúvidas, demanda maior gama de denominações.

Embora, no momento, faltem-nos subsídios históricos para responder à questão anterior, podemos levantar outra hipótese.

Foi comentado, no Capítulo 1, na seção 1.1.2 "Ourivesaria brasileira: do descobrimento ao século XXI", que o crescimento da ourivesaria no Brasil foi acompanhado por tentativas de controle dessa produção, primeiro com o Alvará de 1621, que determinava que nenhum mulato, negro ou índio, mesmo liberto, podia exercer o cargo de ourives; posteriormente a Carta Régia de 30 de julho de 1766, que vigorou até o Alvará de 1815 e proibia o exercício da ourivesaria, na tentativa de impedir prejuízos provocados por ourives que tentavam burlar as leis. No entanto, as diversas regulamentações não impediam a realização, mesmo que clandestina, do ofício.

Se as atividades de ourivesaria foram por muito tempo realizadas na clandestinidade, certamente o vocabulário proveniente desse ofício não circulava tão abertamente e, por isso, seria mais difícil dicionarizar os termos que o compunha. O dicionário é porta-voz da sociedade. Se o

vocabulário era proibido, não era disseminado e, se o uso não é grande, os dicionários não o lista.

Quanto ao caráter nacionalista da obra, uma vez que seu título anuncia essa possibilidade, constatamos que o autor não o reivindica. Como visto, o dicionário não traz grandes novidades em relação ao dicionário de Moraes Silva, publicado anteriormente. Em uma sociedade que começava a discutir a questão da "língua brasileira", acreditamos que Luiz Maria da Silva Pinto, brasileiro, mas de formação lusitana, detentor de ideologias historicamente construídas, quis contribuir com a constituição da sociedade brasileira, acreditando que fornecer um léxico de origem europeia, ou "bem formado", era seu dever como brasileiro culto e proprietário de uma tipografia.

Esperávamos que o DLB pudesse listar mais termos de ourives, uma vez que foi editado e publicado na cidade a qual foi erguida a partir da exploração do ouro. No entanto, percebemos que não há vínculo entre o que o DLB mostra e o ofício da região.

Acreditamos que os resultados de nossa análise trazem elementos para os estudos lexicográficos e terminológicos brasileiros, já que passamos a conhecer um pouco mais um marco histórico documental, o primeiro dicionário impresso no Brasil, o "Diccionario da Lingua Brasileira".

REFERÊNCIAS

ACADEMIA GIOANA DE LETRAS. Disponível em: http://academia-goianadeletras.org/membro/luiz-maria-da-silva-pinto/. Acesso em: 10 abril 2013.

ANDRADE, F. E. de. *A invenção das Minas Gerais*: empresas, descobrimentos e entradas nos sertões do ouro da América Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora PUC Minas, 2008.

ARAÚJO, M. M. Uma história de precursores e ativistas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ano XLIV, n.1, jan. – jun. 2008. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/files/Arquivopublico/rapm6.pdf>. Acesso em: 05 março 2013.

BASILE, M. *O Império em construção*: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

———. O laboratório da nação: a era regencial: (1831-1840). In: SALLES, R.; GRINBERG, K. (orgs.). *O Brasil Imperial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. v. 2.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. In: Filologia e Linguística *Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1981.

————. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUER-DO, A. N. (Orgs.). As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

— . Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

— . A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, J. H; PETTER, M. (Orgs.). História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro, São Paulo: Humanitas, Campinas: Pontes, 2002.

———. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, n. 47, v. 1, p. 53-69, 2003. Disponível em: http://seer.fclar. unesp.br/alfa/article/view/4232. Acesso em 22 nov. de 2013.

BLUTEAU, R. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. v. 1 a 8.

BOTELHO, R. *A terminologia náutica no Diccionario da Lingua Brasileira de Luiz Maria da Silva Pinto.* 2011. 189f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CABRÉ, M. T. *La terminología*: teoria, metodología, aplicaciones. Trad. Carles Tebé. Editorial Empúries, Barcelona: 1993.

CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, A. G. da; MEGALE, H. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Série Diachronica, Humanitas, 1999. p. 23-26.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COELHO, O. F. *Diccionario da Língua Brasileira*. 2012. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/node/392. Acesso em: 3 dez. 2013.

CORBETA, G. Joalheria de arte. Porto Alegre: Editora AGE, 2007.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

———. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

ESCHWEGE, W. L. Von. *Pluto brasiliensis*. Prefácio Mário G. Ferri. Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. v. 1 e 2.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, L. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: A Noite S.A, 1957.

FOCAS, J. Discurso e sentido na Inconfidência Mineira. *Conexão Letras*, Rio Grande do Sul, v. 2, p. 104-119, 2006. Disponível em: http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap8.pdf. Acesso em: 22 nov 2013.

FRIEIRO, E. "Um velho dicionário impresso em Minas". In: ______. *Páginas de crítica e outros escritos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1955. p. 390-397.

GONÇALVES, A. L. Estratificação social e mobilizações políticas na formação do Estado Nacional Brasileiro: Minas Gerais, 1831-1835. São Paulo: Hucitec: 2008 (Apoio FAPEMIG).

HALLEWELL, L. O livro no Brasil: sua história. Trad. de VILLALOBOS, M. da P.; OLIVEIRA, L. L. de; SOUZA, G. G. de. 2 ed. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 2005.

HEINRICH, L. T. *Dicionário e ensino de língua materna*: obras lexicográficas diferenciadas para necessidades distintas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2007.

HOUAISS, A. Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIO-NAL (Iphan). *Ouro Preto*. 2000? Disponível em: http://portal.iphan.gov. br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=274. Acesso em 21 dez 2013.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, Maria J. B. *Introdução à Terminologia*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER *et al.* O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do Português do Brasil. *Revista Alfa*, v. 50, n. 2 São Paulo, 2006. Disponível em: http://seer.fclar. unesp.br/alfa/article/view/1418. Acesso em: 9 agos. 2012.

LIMA, I. S. A língua brasileira e os sentidos de nacionalidade e mestiçagem no Império do Brasil. Revista Topoi, v. 4, n. 7. 2003. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2007/topoi7a5. pdf. Acesso em: 16 out. 2012.

———. A língua nacional no império do Brasil. In: GRINBERG, L.; SALLES, R. O Brasil Imperial (1831-1870) v. 2. Editora: José Olympio, 2010.

MAGTAZ, M. Joalheria Brasileira: do descobrimento ao século XX. UNI-PAR, IBGM (patrocínio), 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. Ensaios para uma sócio-história do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MORAES SILVA, A. de. *Diccionario da Lingua Portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

MOREIRA, L. da S. *Imprensa e política*: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais (1828-1842). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

————. *Imprensa e opinião pública no Império*: Minas Gerais e São Paulo (1826-1842). Tese de doutorado. FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2011.

MOREL, M. *O período das Regências* (1831-1840). Rio de Janeiro: Zahar, 2003MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine français*. Paris: Didier, 1953.

MURAKAWA, C. A. A. Léxico e gramática no Diccionario da Lingua Portugueza (1813) de António Morais Silva. *Afla*, São Paulo, v. 50 (2), 2006, p. 55-67. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1411/1112. Acesso em 22 nov. 2013.

———. A competência linguística do lexicógrafo e a construção de dicionários: o caso de Antonio de Morais Silva. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (Orgs.). As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. V. VI. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil*: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes, 2006.

———. *Dicionários*: história, leitura e produção. 2010. Disponível em: http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/1981/1305. Acesso em: 12 dez. 2013.

———. *Dicionário, sociedade e língua nacional*: o surgimento dos dicionários monolíngues no Brasil. (2013?). Disponível em: http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/11122008004925.pdf. Acesso em: 12 dez. 2013.

PAIVA, E. F. Minas depois da mineração: ou o século XIX mineiro? In: GRINBERG, L.; SALLES, R. O Brasil Imperial (1831-1870) v. 2. Editora: José Olympio, 2010.

SILVA, W. *Liberais e povo*: a construção da hegemonia liberal-moderada na província de Minas Gerais (1830-1834). São Paulo: Editora Hucitec, 2009. (Apoio da FAPEMIG).

SILVA PINTO, L. M. da. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

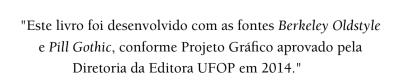
SUPREMO TRIBUNAL ELEITORAL. Disponível em: http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=154. Acesso em 7 nov. 2013.

VALENTE, R. S. Pode-se considerar o verbo uma unidade lexical especializada? Descrição de verbos especializados do Português. *TradTerm*, v. 6, 2000, p. 189-205. Disponível em: http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v06n1/v06n1a11.pdf. Acesso em 22 nov. 2013.

VERDELHO, T. O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna. In: *História da língua e história da gramática -* actas do encontro. Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2003. p. 473-490. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionario_Morais_Silva.pdf. Acesso em: 15 nov. 2013.

SOBRE A AUTORA

Estefânia Cristina da Costa é mestra em Letras: Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Ouro Preto e especialista em Revisão de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC -MG). Possui Graduação em Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa e Bacharelado em Estudos Linguísticos também pela UFOP.



Atualmente, com a multiplicidade de enfoques em diferentes áreas do conhecimento no universo da ciência e da tecnologia, tem-se realçado muito a importância da língua como parte e veículo do patrimônio cultural das nações e cuja memória é preciso assegurar. Consciente disso, a autora propõe o estudo que aqui se apresenta.

Originalmente uma dissertação de mestrado, esta obra apresenta o estudo sincrônico e diacrônico do léxico correspondente à terminologia de ourivesaria, presente no "Diccionario da Lingua Brasileira", escrito, editado e publicado por Luiz Maria da Silva Pinto, proprietário da "Typographia de Silva", na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, no ano de 1832, dez anos após a proclamação da independência do Brasil. O dicionário é considerado a primeira obra lexicográfica, escrita, editada e impressa no Brasil.

Procurou-se saber se tais termos continuam vigorando, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles. A análise apontou uma terminologia de base europeia que, embora sua maior parte continue dicionarizada e relacionada ao universo da ourivesaria, é pouco conhecida pelos profissionais atuantes em Ouro Preto e região.

Além do estudo sincrônico e diacrônico da terminologia de ourivesaria, buscou-se verificar se o "Diccionario da Lingua Brasileira" é uma obra nacionalista, uma vez que seu título anuncia essa possibilidade. Constatou-se que, embora inove ao nomear o dicionário como "brasileiro", principalmente porque o espírito nativista dos brasileiros estava bastante aguçado devido à recente independência do Brasil, Silva Pinto não reivindica um caráter nacionalista para sua obra.

Acredita-se que os resultados obtidos nessa análise trazem elementos para os estudos lexicográficos e terminológicos brasileiros, já que se passou a conhecer um pouco mais um marco histórico documental, o primeiro dicionário impresso no Brasil, o "Diccionario da Lingua Brasileira".

